



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH

**O Gigante da Enciclopédia: o Almirante Carlos da Silveira Carneiro e a Enciclopédia de Santa Catarina.**

Andréia Amorim da Silva

Florianópolis, 2023.

Andréia Amorim da Silva

**O Gigante da Enciclopédia: o Almirante Carlos da Silveira Carneiro e a Enciclopédia de Santa Catarina**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Bragio Bonaldo

Florianópolis, 2023.

Silva, Andréia Amorim da  
O Gigante da Enciclopédia : O Almirante Carlos da Silveira  
Carneiro e a Enciclopédia de Santa Catarina / Andréia Amorim da  
Silva ; orientador, Rodrigo Bragio Bonaldo, 2023.  
101 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de  
Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. História. 2. Trajetória biográfica. 3. Enciclopédia de  
Santa Catarina. 4. Almirante Carlos da Silveira Carneiro. 5.  
História Intelectual. I. Bonaldo, Rodrigo Bragio. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-  
Graduação em História. III. Título.

Andréia Amorim da Silva

**O Gigante da Enciclopédia: o Almirante Carlos da Silveira Carneiro e a Enciclopédia de Santa Catarina.**

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 23 de maio de 2023 pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Cássia Daiane Macedo da Silveira, Dra.  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof. Adriano Luiz Duarte. Dr.  
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestra em História.

---

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

---

Prof. Rodrigo Bragio Bonaldo. Dr.  
Orientador

Florianópolis, 2023.

## AGRADECIMENTOS

Ao Professor Rodrigo Bragio Bonaldo, sou grata pela confiança neste trabalho, pelo apoio, ensinamentos, orientação e por estar presente durante esses anos.

Agradeço aos meus pais, Marlete e Adilson, pelo amor e dedicação durante toda a minha vida. Pelo apoio em todos os meus projetos, pelo cuidado e carinho nos momentos difíceis, sou grata por existirem e para vocês o meu amor incondicional.

Agradeço à minha banca, a Profa. Dra. Cássia Silveira, pela confiança em aceitar fazer parte desta dissertação, por sua avaliação e comentários. Ao Prof. Dr. Adriano Luiz Duarte, que prontamente aceitou fazer parte deste momento e pelos ensinamentos ao longo da minha vida acadêmica.

À Profa. Dra. Maria de Fátima Fontes Piazza, por ter feito parte da qualificação, por sua avaliação e instrução.

Sou grata pela Universidade Federal de Santa Catarina, secretarias, professores e os/as demais funcionários/as pelos serviços. Instituição pública que nesses últimos anos sobreviveu aos cortes financeiros e a sua desvalorização.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

## RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo analisar a trajetória da vida profissional, intelectual e pessoal do carioca Almirante Carlos da Silveira Carneiro, visando compreender os elementos que o levaram a se tornar o idealizador e produtor da Enciclopédia de Santa Catarina, obra que atualmente integra a seção de "Obras Raras" na biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina. Tal análise foi empreendida por meio da consulta a periódicos da época, tendo as cidades do Rio de Janeiro e Florianópolis como os principais cenários de sua atuação. Nas diversas edições analisadas, foram difundidos artigos que possibilitaram o acompanhamento de sua trajetória desde a juventude. A dissertação se estrutura em três partes fundamentais. O primeiro capítulo dedica-se à análise do período em que Carneiro viveu em sua cidade natal, abordando sua formação educacional, carreira militar e crescimento intelectual. O segundo capítulo adentra o contexto em que o Almirante Carlos da Silveira Carneiro se encontrava em Santa Catarina, quando assumiu o comando do 5º Distrito Naval em 1951. Recorrendo a fontes jornalísticas locais, foi possível compreender a maneira como sua presença foi recebida, suas interações sociais, locais de influência e a concepção do Curso de Expansão Cultural. Esse evento reuniu inúmeros intelectuais e membros da elite regional, e sua análise aprofundada proporciona insights relevantes sobre os círculos intelectuais da época. No último capítulo, são promovidas reflexões acerca da concepção e execução da Enciclopédia de Santa Catarina. Este projeto recebeu amplo apoio de diversos segmentos da sociedade, como empresários, docentes, jornalistas e membros de instituições acadêmicas, contando ainda com o respaldo financeiro do Governo Estadual. O Almirante Carlos da Silveira Carneiro se destacou como um ardoroso defensor da produção intelectual e cultural após sua chegada a Florianópolis. Embora a obra não tenha sido concluída devido a variados motivos, é perceptível sua influência na esfera local, através do incentivo à pesquisa regional, produção de documentos e a vitalização do panorama intelectual na região.

Palavras-chave: Trajetória biográfica; Enciclopédia de Santa Catarina; Almirante Carlos da Silveira Carneiro; História Intelectual

## ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the trajectory of the professional, intellectual, and personal life of Almirante Carlos da Silveira Carneiro, a native of Rio de Janeiro, with the goal of comprehending the factors that led him to become the originator and producer of the Santa Catarina Encyclopedia. This work presently resides within the "Rare Works" section of the University Federal of Santa Catarina's library. This analysis was carried out through the examination of periodicals from that time, with the cities of Rio de Janeiro and Florianópolis serving as the primary stages of his activities. Across the various editions examined, articles were disseminated that allowed for the tracing of his trajectory from his youth. The dissertation is structured into three key segments. The first chapter delves into the analysis of the period during which Carneiro resided in his hometown, addressing his educational background, military career, and intellectual growth. The second chapter delves into the context in which Almirante Carlos da Silveira Carneiro found himself in Santa Catarina, when he assumed command of the 5th Naval District in 1951. By turning to local journalistic sources, it was possible to grasp how his presence was received, his social interactions, influential locales, and the conception of the Cultural Expansion Course. This event brought together numerous intellectuals and members of the regional elite, and its thorough analysis provides relevant insights into the intellectual circles of that time. The final chapter facilitates a discussion about the conception and execution of the Santa Catarina Encyclopedia. This project garnered substantial support from various sectors of society, including entrepreneurs, educators, journalists, and members of academic institutions, with financial backing from the State Government. Almirante Carlos da Silveira Carneiro stood out as an avid advocate for intellectual and cultural production upon his arrival in Florianópolis. While the work was not completed due to diverse reasons, its influence on the local sphere is perceptible, through the encouragement of regional research, document creation, and the invigoration of the intellectual landscape in the region.

**Keywords:** Biographical trajectory; Santa Catarina Encyclopedia; Admiral Carlos da Silveira Carneiro; Intellectual history.

**LISTA DE FIGURAS**

<b>Figura 1</b> – Tentativa de assassinato do Almirante Carneiro.....	22
<b>Figura 2</b> – Informações sobre o estado de saúde do Almirante Carneiro.....	23
<b>Figura 3</b> – Curso Pré-Vestibular do Almirante Carneiro.....	28
<b>Figura 4</b> – Almirante Carneiro em um evento no Colégio Paula Freitas.....	30
<b>Figura 5</b> – Baila em Florianópolis, 1952.....	44
<b>Figura 6</b> – Diploma do Prof. Walter Fernando Piazza.....	49
<b>Figura 7</b> – Fotografia do Antônio Carlos Konder Reis no jornal “O Estado” (1952) .....	58
<b>Figura 8</b> – Casa da Enciclopédia.....	77
<b>Figura 9</b> – “Jeep” Land Rovers da Enciclopédia.....	85



**LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro I</b> – Aspectos culturais e educacionais de Santa Catarina, Florianópolis e da capital federal.....	37
<b>Quadro II</b> – Dados sobre os conferencistas do CEC.....	60
<b>Quadro III</b> – Dados dos conferencistas do Segundo Ciclo do CEC.....	72

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	11
<b>Capítulo I – “A Carlos Carneiro, orgulho de seus pais, vaidade de seus amigos”</b> .....	19
1.1 Vida pessoal e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.....	20
1.2 Colégio Paula Freitas.....	26
1.3 Almirante Carneiro e a Marinha do Brasil.....	31
<b>Capítulo II - O Almirante em Santa Catarina: sociabilidades e o Curso de Expansão Cultural</b> .....	36
2.1 O Almirante na Sociedade Catarinense.....	38
2.2 Curso de Expansão Cultural.....	47
<b>Capítulo III – O gigante da Enciclopédia</b> .....	65
3.1 Segundo Ciclo do Curso de Expansão Cultural.....	66
3.2 A Enciclopédia de Santa Catarina.....	74
<b>Conclusão</b> .....	92
<b>Referências</b> .....	96

## INTRODUÇÃO

No rico acervo do setor de obras raras da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina (BC/UFSC) está presente o resultado de um ambicioso projeto que ocorreu em meados do século XX em Santa Catarina (SC), a Enciclopédia de Santa Catarina (ESG), cujo idealizador foi o Almirante carioca Carlos da Silveira Carneiro que serviu como Comandante do V Distrito Naval no Estado no início dos anos 1950. A Coleção do Almirante, além de conter uma extensa quantidade de cadernos de pesquisa e inúmeras fotografias, também é composta pelos 68 volumes da Enciclopédia idealizada por ele.<sup>1</sup>

Dentre os mais de 3 mil itens presentes no acervo de obras raras da UFSC, pode-se dizer que a ESC, cujos volumes possuem entre 200 até 500 páginas e conta com textos de inúmeros escritores em seus capítulos, pode despertar ainda mais a atenção de determinado/a pesquisador/a pelo seu reconhecimento oficial como “de utilidade pública” e “promoção de caráter cultural”, nos dizeres da Lei nº 2.943, de 6 de dezembro de 1961 (SANTA CATARINA, 1961, s/p), promulgada pelo então Governador do Estado de Santa Catarina (SC) à época, Celso Ramos. O que aparenta ser uma particularidade dentre os itens ali dispostos no setor, até onde foi possível observar.<sup>23</sup>

Essa mesma lei referente à ESC dispõe que o Poder Executivo “poderá colocar à disposição do promotor e responsável pela enciclopédia de Santa Catarina [Almirante Carneiro], os funcionários necessários à execução da obra”, além de que “as repartições estaduais poderão, a título de colaboração facilitar aos promotores e delegados da Enciclopédia de Santa Catarina, a busca de pesquisa de documentos e publicações” (SANTA CATARINA, 1961, s/p). Tal Lei sinaliza apoio estatal para a realização da ESC, além de também sugerir que o Almirante acumulava certo prestígio entre intelectuais da época e local ou ao menos algum reconhecimento que possibilitou este financiamento.

Estas palavras iniciais pretendem expor a grandiosidade deste projeto que foi a ESC idealizada pelo Almirante Carneiro. A primeira vez que tomei contato com esses impressos, a fim de elaborar o projeto de mestrado que originou o presente estudo, me gerou diversas dúvidas, desde saber as motivações que levaram alguém do Rio de Janeiro a ter interesse em

---

<sup>1</sup> Será chamada como Coleção o conjunto de documentos produzidos e organizados pelo Almirante que foram doados por sua viúva e estão presentes no acervo de Obras Raras da UFSC. Entende-se Coleção como um “conjunto de documentos com características comuns, reunidos intencionalmente”, segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística. (ARQUIVO NACIONAL 2005, p.52)

<sup>2</sup> Cf. (BARROS, 2015, s/p)

<sup>3</sup> Celso Ramos governou SC de 1961 a 1966.

realizar tal empreendimento, porque praticamente não se fala neste projeto no curso de História da UFSC, ou mesmo quais autores ou tipos de textos foram privilegiados na composição da ESC, dentre muitas outras inquietações.

Desde o início, contudo, fiquei muito mais interessada em me debruçar sobre os tomos da ESC e compreender o tipo de narrativa que estava sendo veiculada, isto é, realizar uma investigação mais conectada com as discussões da área da Teoria da História e História da Historiografia. Haveria na ESC uma história que iria privilegiar heróis catarinenses e consagrar uma visão de superação de um Estado rico? Apesar disso, a pesquisa acabou tomando um rumo um pouco diferente por algumas razões. Em primeiro momento, por questões teóricas e metodológicas, havia a necessidade de entender, inicialmente, quem foi a figura responsável pela ESC, para a partir daí, começar a investigar com mais profundidade o seu conteúdo. Ao mesmo tempo, a pandemia, que continua um perigo para a saúde pública, dificultou o acesso à Biblioteca, assim, o contato com a obra estava restrito desde o primeiro semestre do mestrado.

De qualquer forma, o exame sobre o responsável pela ESC está demonstrando como o Almirante Carneiro era uma figura complexa e que parece ter impactado de modo significativo a vida intelectual de SC enquanto esteve por aqui. Tem sido possível perceber isso através de uma série de indícios, dentre eles principalmente das inúmeras matérias de jornais que noticiaram, sempre de uma maneira muito elogiosa, as ações do Almirante Carneiro desde que ele chegou no Estado. As fontes impressas periódicas têm possibilitado mapear alguns dos contatos que o Almirante Carneiro teve pelo Estado, instituições que teve algum envolvimento e, de uma maneira geral, ter acesso a uma certa opinião pública sobre a sua pessoa.

O levantamento e o estudo de dados e demais informações sobre o Almirante Carneiro tem sido uma etapa fundamental para discutir a seguinte questão: o que possibilitou com que ele se propusesse e realizasse a ESC? Ao mesmo tempo, sabe-se que o desenvolvimento e a própria natureza do projeto da ESC estão conectados também com a dinâmica intelectual e cultural catarinense, a política e os políticos do Estado, a projeção simbólica do cargo de Almirante Carneiro, quais os significados de propor a produção de uma Enciclopédia no período etc. Enfim, são muitas as questões que circulam esse conjunto de impressos guardados no setor de obras raras da BU/UFSC.

Com base nessas considerações iniciais, anuncia-se qual o objetivo deste trabalho, o estudo do projeto da Enciclopédia de Santa Catarina. É importante destacar que não se trata aqui de uma investigação capaz de aprofundar aspectos referentes ao conteúdo dos tomos que foram produzidos sob a batuta do Almirante Carneiro, mas sim construir uma interpretação

sobre como foi possível a elaboração de um projeto dessa natureza em SC em meados do século XX.

Nesse sentido, a dissertação estará dividida em três segmentos. Em um primeiro momento será estudada a trajetória do Almirante Carneiro na cidade do Rio de Janeiro, buscando compreender qual era a sua formação, as instituições que fez parte, sociabilidades que integrava, dentre outros aspectos. Posteriormente, será analisada a inserção do Almirante Carneiro em terras catarinenses, buscando investigar como ele era representado em jornais da época, com quais grupos travou contato, isto é, como ele se relacionou com a sociedade local de uma maneira geral. Por fim, será realizado o estudo do projeto da ESC, quais personalidades estiveram envolvidas, como foi feita a divisão de trabalho, como o poder público participou desta iniciativa e qual a natureza da obra que estava sendo proposta.

Dentre as principais discussões teóricas e metodológicas que se pretende dialogar no decorrer deste trabalho estão os estudos sobre a biografia, os intelectuais e os impressos. Dos estudiosos sobre o fazer biográfico, a partir do olhar do historiador, destacam-se as análises de Benito Schmidt sobre este tema. Segundo o autor, desde os anos 1980 é possível perceber uma retomada do interesse dos historiadores pelos estudos biográficos. Dentre os debates que fazem parte de uma investigação dessa natureza estão analisar quais as relações do indivíduo com o seu contexto, o peso da determinação das estruturas na condução das ações humanas e como a subjetividade também pode ser construída socialmente (SCHMIDT, 1996).

Schmidt (1996) escreve sobre como as narrativas histórico-biográficas não se esgotam nas singularidades individuais, e sim que elas podem servir para esclarecer temas e problemas mais amplos. Por isso, traçar a trajetória do Almirante Carneiro, suas conexões, grupos que fez parte etc., será uma etapa essencial para compreender a produção da ESC. Além disso, o estudo poderá oportunizar perceber tendências, debates ou mesmo comportamentos comuns nos meios políticos e culturais pelo país. Assim, mesmo a ESC tendo tido como limite abordar somente o Estado de SC, tem sido possível perceber certas tendências culturais e intelectuais pelo Brasil.

Sobre este ponto, o próprio empreendimento de elaboração da ESC pode ser relacionado com um contexto maior de produção de Enciclopédias pelo Brasil. Convém salientar que na época na qual a Lei de 1961 entrou em vigor ou no período de elaboração da ESC (provavelmente anos 1950 até meados de 1970), outras Enciclopédias também circulavam pelo Brasil. Segundo Laurence Hallewell, já nos anos 1960 a *Encyclopaedia Britannica* do Brasil (empresa americana que começou em 1951 a importar materiais em inglês), estava “suficientemente motivada para lançar-se à publicação em português, no Brasil” (1985, p.440)

o que resultou na *Enciclopédia Barsa*. Segundo o mesmo autor, com relação aos anos 1950, “os brasileiros são, de fato, ávidos devoradores de enciclopédias, mesmo em inglês”. (1985, p.439)

Portanto, Enciclopédias não eram uma novidade nessa época no Brasil, inclusive as produzidas em outros países. É certo que a circulação desses materiais ocorreu em todo território nacional, no entanto, seria muito mais provável encontrar tais materiais na cidade onde nasceu e cresceu o Almirante Carneiro, sobretudo tendo em vista que a cidade do Rio de Janeiro ao longo da 1ª República tomava um papel de metrópole-modelo: “sede do governo, centro cultural, maior porto, maior cidade e cartão visita do país, atraindo tanto estrangeiros quanto nacionais”, conforme explica Nicolau Sevcenko (1998, p. 522).

Um outro debate que Schmidt levanta é sobre a produção de biografias. Muitas vezes elas priorizam grandes personalidades “a quem se atribui o *fazer da história*”. Esse tipo de narrativa privilegia:

as ações políticas, os atos conscientes, as deliberações racionais, as rupturas da rotina, o lado público da existência, as *manifestações notáveis* enfim. Este viés deixa ausente, ou resgata apenas como *material de construção*, a vida diária, o inconsciente, o privado, as ações minúsculas. (1996, p. 186-187 / grifos do autor)

Schmidt discorre acerca da importância de se acompanhar o biografado, em diversos momentos de sua trajetória, não focando somente em grandes eventos. No caso do Almirante Carneiro em Santa Catarina, é possível sustentar que uma aparente simples visita a uma redação de jornal, ou subir em um palanque por causa de um evento esportivo para jovens estudantes, podem ser exemplos significativos das relações que ele manteve com variados grupos sociais ou até mesmo investimentos de seu tempo a fim de cultivar diferentes tipos de contatos.

Propõe-se também dialogar com as discussões metodológicas de Jean-François Sirinelli para o estudo de intelectuais. O historiador francês escreve sobre tanto a importância da leitura dos textos de determinado intelectual quanto sobre o estudo de seu itinerário e sociabilidades que fez parte. Sobre este último ponto é importante mencionar que o Almirante Carneiro quando chegou em SC já era membro durante muitos anos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), que era uma agremiação intelectual extremamente relevante à época.<sup>4</sup>

Sirinelli evidencia também a importância das revistas para o estudo de intelectuais, pois “uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo

---

<sup>4</sup> No momento, não se pretende entrar no debate sobre a definição do que é um intelectual. Mas, deve-se deixar claro que o Almirante fazia parte de um grupo extremamente seletivo da população por sua formação e que também obteve reconhecimento através de suas publicações, além das instituições que participou.

tempo viveiro e espaço e sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão” (1996, p. 249). Nesse sentido, propõe-se aproximar tal discussão sobre revistas para o projeto da ESC. Tem sido possível perceber que através da figura do Almirante Carneiro o projeto da ESC se tornou um ponto de encontro de intelectuais. Isso não quer dizer que a participação em torno desse projeto tenha se dado somente por motivações científicas ou pelos benefícios simbólicos de fazer parte de tal empreendimento. Convém investigar significados possíveis para o envolvimento na ESC e como as amizades ou afinidades podem ter desempenhado um papel na seleção de textos ou autores/as.

Com relação às fontes utilizadas na produção desta dissertação, a imprensa periódica tem propiciado acompanhar a movimentação do Almirante Carneiro seja em terras catarinenses ou no RJ. Contudo, são necessários alguns cuidados no lidar com esse tipo de fonte, nesse sentido, a historiadora Tânia Regina de Luca discorre que “o pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso **dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa**” (2008, p. 140 / grifos da autora).

No que tem sido possível observar ao longo da pesquisa, logo que o Almirante Carneiro chegou em SC ele se tornaria uma “notícia” recorrente pelos jornais aparentemente por qualquer movimentação que fosse feita, profissional e inclusive de viés particular. Na sua terra natal, muitas foram as menções sobre o Almirante Carneiro; por outro lado, as matérias estavam mais relacionadas com suas funções na Marinha, atividades intelectuais e envolvimento familiar. Dentre outros motivos, é possível atribuir essa distinção à dinâmica de cada cidade. O Rio de Janeiro, segundo Sevcenko havia passado com muito mais intensidade desde o período da 1ª República:

[pelo] desenvolvimento dos novos meios de comunicação, telegrafia sem fio, telefone, os meios de transporte movidos a derivados de petróleo, a aviação, a imprensa ilustrada, a indústria fonográfica, o rádio e o cinema intensificarão esse papel da capital da República, tornando-a no eixo de irradiação e caixa de ressonância das grandes transformações em marcha pelo mundo, assim como no palco de sua visibilidade e atuação em território brasileiro. (1998, p. 52)

Entende-se que comparar a produção cultural e intelectual entre contextos diferentes é muito delicado e complexo, pois uma “pequena produção” em uma cidade como Florianópolis pode ser algo insignificante para a Capital da República. No entanto, de maneira local e regional, a Capital Catarinense poderia ser caracterizada como um centro intelectual do Estado.

Sabe-se que antes da vinda do Almirante Carneiro já estavam ocorrendo diversos debates e produções no âmbito cultural, principalmente envolvendo os membros do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC).

Dentre essas atividades vale destacar I Congresso de História Catarinense, que ocorreu em 1948 em comemoração aos 200 anos da chegada dos Imigrantes Açorianos. Segundo Carlos Humberto P. Corrêa, tal iniciativa representou uma mudança no “modo de ver e escrever sua História; na sua forma de sentir e tentar reconstruir o seu próprio passado” (2003, p. 177). Ou seja, o Almirante chegou em um contexto em que já havia um movimento de reflexão e divulgação da cultura e história do Estado.

Muitos dos nomes que estavam à frente do IHGSC e do Congresso também estavam presentes no apoio e elaboração do Curso de Expansão Cultural, além disso a própria fundação do Curso de Geografia e História da Faculdade Catarinense de Filosofia, fundada em 1955, pode ser entendida como expressão de um certo grau de institucionalidade da produção científica local. Sobre este tema, segundo Walter Piazza, a primeira turma de bacharéis foi formada em 1957, quando já era separada entre Geografia e História. No entanto, segundo o autor, somente

a partir de 1973 este curso vai produzir intensamente no campo historiográfico, porquanto seus formandos vão atuar ou na própria universidade de maneira dinâmica ou ainda, dentro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e também, em outras áreas da comunidade catarinense. (1982, p.103)

Tendo em vista tais informações, além de que a doação da ESC provavelmente ocorreu na década de 1970 (ORDOVÁS, 2015, 96-97), é possível sugerir que a própria ESC deve ter se tornado um material relevante para consulta e estudo dentre os formandos, docentes ou demais interessados locais. Ademais, a própria história do acervo de obras raras da UFSC também está relacionada com a doação da Coleção do Almirante Carneiro, pois, segundo Gleide Bitencourt José Ordovás, tal acervo foi constituído desde a década de 1970:

quando recebeu as primeiras grandes doações, principalmente das famílias de três catarinenses: os Almirantes Lucas Alexandre Boiteux e Carlos Augusto Carneiro [sic]<sup>5</sup> e o Desembargador Edmundo da Luz Pinto, seguido da incorporação de acervos de outras instituições ligadas à UFSC, doações de acervos particulares e aquisição direta da BC/UFSC (2015, p.96-97).

---

<sup>5</sup>O correto é Almirante Carlos da Silveira Carneiro, além de que ele é natural do Rio de Janeiro. Em outro momento, a autora aponta que foram elaborados 21 volumes da ESC, o que também está impreciso. Quantos foram? Sugiro usar “impreciso”, ao invés de “não está correto”



Ainda com relação aos envolvidos na produção da ESC e do CEC, boa parte contava com outras formações que não a de História, eram sócios de instituições tradicionais e possuíam empregos que não a de pesquisa ou ensino de História e começariam a *ceder* seu espaço ou centralidade como produtores dessa área para os/as estudiosos/as nas Universidades.

Tal processo não foi um fenômeno especificamente brasileiro, assim é possível aproximar essa ideia do que Peter Burke escreve sobre a “especialização tardia e a sobrevivência da ideia do ‘homem de letras’” nas sociedades Latino-Americanas (2020, p.296). Além disso, ao abordar a mudança nas concepções do fazer historiográfico nesta mesma região, Jurandir Malerba explica que:

Antes de 1960 – e mesmo depois disso, como mostram esparsos estudos historiográficos -, prevalecia em termos quantitativos um tipo de história que se poderia chamar de ‘tradicional’, ou seja, não profissional, produzida por intelectuais autodidatas com as mais diversas formações, mas também vinculados a instituições de ensino ou agremiações tradicionais, como sociedades e institutos históricos. (2009, p. 17).

Esses mesmos intelectuais estavam em constante diálogo, proximidade ou faziam uso da máquina pública, que por sua vez era financiadora desses projetos. Pode-se perceber durante a pesquisa que o CEC e a ESC foram projetos que dependeram do apoio estatal, ao mesmo tempo era possível acompanhar movimentos do Almirante Carneiro que, de certa maneira, podem ser compreendidos como investimentos de busca de afinidade com as diversas autoridades. Em outras palavras, a atividade intelectual parecia demandar sempre de algum grau participação do poder público ainda neste período.<sup>6</sup>

Por fim, a partir dessas considerações será iniciada no próximo capítulo um mapeamento e análise das ações do Almirante Carneiro na cidade do Rio de Janeiro. Propõe-se a estudar sua trajetória, isto é, seus espaços formativos, instituições que fez parte, pessoas com quem travou contato, sua família e em especial sua carreira na Marinha do Brasil. Cada um desses aspectos poderia resultar em trabalhos individuais, no entanto a proposta presente será a de compreendê-lo melhor em sua terra para ter mais clareza da sua *experiência* até chegar em Santa Catarina.

O segundo capítulo aborda desde a chegada do Almirante Carneiro em Santa Catarina para assumir o cargo de Comandante do V Distrito Naval em Florianópolis, até o final do primeiro ciclo do CEC no início dos anos 1950. Entende-se que neste curto período que o Almirante Carneiro começou a se integrar com a sociedade local, logo já estava colaborando

---

<sup>6</sup> Sobre as imbricações entre o campo intelectual e o campo política em Santa Catarina durante a 1ª República cf. (MATOS, 2014). E sobre o período de 1930-1945 cf. (PONTES, 2021).

com a produção intelectual e cultural, sendo chamado para eventos e demais atividades sociais. Foi possível perceber a sua boa inserção principalmente através de fontes impressas periódicas. No caso do CEC parece ter sido muito bem recebido pela sociedade, contando inclusive com o apoio e incentivo do governador da época e das demais autoridades políticas e intelectuais. A análise da trajetória do Almirante e a produção do curso foram essenciais para elaboração e idealização da ESC.

O terceiro e último capítulo trata sobre o segundo ciclo do Curso de Expansão Cultural e a ESC. Foi durante o segundo ciclo que a ideia e projeto da Enciclopédia aparecem pela primeira vez pelos jornais catarinenses. Propõe-se analisar como foram os processos que envolveram a sua elaboração, o que inclui as divulgações, as viagens e coleta de material, bem como a adesão dos municípios e demais autoridades. O foco será em entender o conjunto de relações sociais que possibilitaram a realização e a natureza do projeto da ESC. Está é uma abordagem preliminar em torno desta iniciativa que, futuramente, pretende oportunizar um olhar mais profundo sobre o tipo de conteúdo que foi selecionado para compor os volumes da obra.

## Capítulo I – “A Carlos Carneiro, orgulho de seus pais, vaidade de seus amigos”<sup>7</sup>

Meu projeto inicial para esta dissertação era apenas a ESC, mas, durante os levantamentos – principalmente de jornais de Santa Catarina e Rio de Janeiro – e da escrita, por diversas vezes me deparei com elogios e admiração de diferentes setores da sociedade feitas ao Almirante Carneiro.

Nesse sentido, percebi a necessidade de tentar compreender os motivos dessa ótima aceitação de quem convivia com o Almirante Carneiro. O que encontrei foi um homem que está envolvido com o ambiente intelectual e social, e que nas suas funções na Marinha Brasileira não foi nada menos que excelente em todas as etapas. Ou seja, a partir disso o Almirante Carneiro deixou de ser apenas um ator nessa história e sugeriu tornar-se seu personagem central.

Nesse momento, não era possível entender o projeto da ESC sem conhecer seu idealizador. A ideia mais plausível seria de fazer uma “biografia”, que conseguisse compreender a trajetória intelectual, social e profissional do Almirante Carneiro. A escrita biográfica já estava sendo retomado durante o século XX, então não seria um problema pensar neste caminho. (LORIGA, 2011, p.212). Sobre os personagens que estão mais em evidencia nessa abordagem, Loriga mostra:

Em suma, no decorrer desses últimos anos, a dimensão individual se tornou uma questão central, e a biografia de certa forma, se democratizou; a aposta hoje não é mais o grande homem (noção descartada, e por vezes mesmo tida por pejorativa), mas o homem qualquer. (LORIGA, 2011, p.213)

Esse é um debate que já existe desde a antiguidade, onde o personagem era visto como “herói”, valorizado por suas virtudes, estando relacionada com a *historia magistra vitae*. Com a modernidade, surge um novo conceito histórico, onde o “grande homem” irá se contrapor ao “herói-guerreiro” e será definido “por suas qualidades pessoais e serviços prestados ao bem público e à humanidade” (OLIVEIRA, 2009). A partir disso, como eu poderia denominar ou até mesmo rotular o Almirante Carneiro? Um “grande homem” não seria possível, pois por mais que tenha tido uma grande trajetória e que fosse importante para alguns pessoas e setores, ainda não era um “líder”, “presidente” ou “herói”. O termo “homem qualquer” também seria o bastante? Ao meu ver, também não, pois por mais que ele não tenha sido a figura central na história do Brasil ou internacional, o Almirante Carneiro não pode ser considerado um personagem que passou despercebido.

---

<sup>7</sup> Frase colocada por seus ex-alunos em uma estatueta (FRANCO, 1993, p.142)

Então como poderia o Almirante Carneiro ser intitulado? Uma opção seria a de “homem comum” ou “pessoa comum”, não é aquele que detém os holofotes e importância, mas também não tão simples e facilmente esquecido para ser considerado uma pessoa qualquer. Baseado nessa compreensão do sujeito, irei traçar sua trajetória a partir da sua relação com o outro e com a sociedade.

A partir disso, meu objetivo será compreender a vida do Almirante Carneiro como indivíduo que se relaciona com as mais diversas pessoas e com diferentes setores da sociedade. Compreende-lo como alguém que moldou a sua vida pensando em qual ambiente social ele aspirava pertencer e quais os caminhos escolhidos. Tal debate pode ser auxiliado pelo entendimento de trajetória para Bourdieu, onde é possível perceber o movimento dos agentes e as forças presentes no campo. (MONTAGNER, 2007)

### **1.1 - Vida pessoal e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**

O Almirante Carneiro nasce no dia 03 de agosto de 1893, no Rio de Janeiro, em uma família estável financeiramente e bem estruturada de classe média, o que pode ter sido a base para todas suas conquistas ao longo da vida, sendo apoiado em suas escolhas e tendo um grande investimento em seus estudos. Sempre sendo um motivo de orgulho, como pode ser visto na matéria de título “festas”, no periódico “Gazeta de Notícias”, onde diversos convidados compareceram à celebração.

Para comemorar a distinção que obteve recentemente seu filho, o Tenente da Marinha Carlos da Silveira Carneiro, quem foi conferido o prêmio Greenhalgh o Sr. Alberto da Silveira Carneiro, industrial em nossa praça, reuniu sábado em sua residência algumas pessoas de suas relações. (13.09.1915, p.05)

Segundo o Decreto nº 6.345, de 31 de janeiro de 1907, sobre o regulamento da Escola Naval, no “Art. 112. Ao aspirante do curso de marinha, que ocupe o n.1 na classificação para a promoção ao posto do guarda-marinha” é permitida a concessão da Medalha Greenhalgh. (BRASIL, s/p) Sendo essa uma grande honraria, que seu pai exibiria com grande orgulho para todos/as, e que com toda certeza iria ajudá-lo a crescer muito em sua carreira profissional.

Seu pai era Alberto da Silveira Carneiro, foram encontradas menções ao seu nome no “Almanak Larmer”, de 1895 a 1911 onde aparecia como envolvido em diversos comércios pela cidade do Rio de Janeiro. Em um dos casos ele é mencionado como um comerciante, e em

diversas matérias é descrito como “Coronel”. Foi casado com Honorina dos Santos Carneiro, que pouco é mencionada, apenas quando acompanhado de seu esposo ou aniversário.

Cursou o primário no Colégio do professor João Batista da Silva, completando no “Ateneu Guanabara”, e finalizando seus estudos no colégio “Paula Freitas”. Na Escola Naval foi admitido por meio de um processo seletivo com apenas uma vaga para ser preenchida, tornou-se praça de aspirante em 13 de março de 1911. Sobre sua carreira profissional na Marinha Brasileira, será aprofundado mais para frente. (FLEIUSS, 1962, v.254, p.427)

Segundo o Capitão-de-Fragata Celso de Mello Franco, em uma palestra proferida em 5 de agosto de 1993, em homenagem ao centenário de nascimento do Almirante Carneiro, e publicada na “Revista Marítima Brasileira”. Franco conta com bastante carinho de seu colega de profissão, iniciou sua fala contando que “Carlos Carneiro” era alto, “com mais de 1,80 metro, porte elegante, teria de ser goleiro”. Franco se refere ao time “Haddock Lobo Futebol Club”<sup>8</sup> formado por colegas ginásianos no Colégio Paula Freitas. (p. 142)

O nome do Almirante Carneiro apareceu nos mais diversos tipos de matéria, como padrinho de casamento, orador oficial, aniversários, serviços da marinha etc. Pode-se perceber uma maior movimentação sobre esses assuntos a partir de 1920 nos principais periódicos da cidade do Rio de Janeiro.

Mas sobre a sua vida pessoal, a primeira grande matéria que não estava relacionado à assuntos escolares, foi em uma tentativa de assassinato, o periódico “Correio da Manhã” deu um destaque enorme e em várias edições. Como pode ser vista na matéria do dia 19.03.1926 de título “Quasi degollado”

---

<sup>8</sup> Time criado em 1908 no Rio de Janeiro. Cf. (VARANDA, 27/11/2021)

Figura 1 – Tentativa de assassinato do Almirante Carneiro



Fonte: CORREIO DA MANHÃ, 1926, p.03

Almirante Carneiro que na época exercia a função de ajudante de ordens do Almirante Alexandrino de Alencar (Ministro da Marinha), e ganhou um grande destaque por causa dessa ocorrência que veio acompanhado de uma matéria bastante teatral sobre os fatos ocorridos naquele momento. Além da linguagem muito envolvente, a foto do preso aparece em grande destaque e mostra seu pior perfil, podendo ser um jeito até de desmoraliza-lo, mostrando seu rosto de medo depois de ter sido pego.

Almirante Carneiro junto com sua mãe e noiva saíram para encontrar seu pai para uma noite de comemoração de um aniversário, onde pararam para tomar um sorvete. José Cavalcanti de Albuquerque Luna (na foto) que era um “ex-inferior da armada e ex-pharoleiro”, estava esperando pela melhor oportunidade para atacar, e assim o fez. Segundo relatos, Luna saiu de

trás de uma árvore com uma navalha e atacou o Almirante Carneiro no pescoço. A população tentou linchá-lo, mas a polícia não deixou e o levou preso. (CORREIO DA MANHÃ, 19.03.1926, p.03)

No dia seguinte ao crime, pelo que tudo indica, não era algo que acontecia com frequência no Rio de Janeiro, ainda mais tendo como vítima alguém com bom reconhecimento na cidade. Na matéria do “CORREIO DA MANHÃ”, do dia 20 de março de 1926, o foco do periódico era o Almirante Carneiro como vítima, tanto que dessa vez uma foto sua estava em destaque. Na matéria dessa edição, o texto estava mais direcionado em responder aos leitores e leitoras o motivo de ter acontecido o crime e qual o estado de saúde da vítima.

Figura 2 - Informações sobre o estado de saúde do Almirante Carneiro

**A vítima ainda em tratamento no Hospital de Prompto Socorro**

O protagonista da cena de sangue ocorrida, na avenida Rio Branco e de que largamente nos ocupamos hontem, não encontra uma justificativa sequer para o seu acto, revestido de inominavel covardia. Expulso da Armada, depois de um processo em que se viu envolvido, processo esse escandaloso pelas coisas que o revestiram, passou elle a exercer o cargo de pharoleiro na praia de Cidreira, proximo de Torres, no Rio Grande do Sul, onde pouco se demorou, sendo demittido do logar por graves faltas commettidas. Aqul, procurou elle se agarrar com o capitão-tenente Carlos da Silveira Carneiro, do gabinete do ministro da Marinha e que viu a impossibilidade da sua volta para a Armada, o que elle pleiteava. E não desanimou o ex-marinheiro José Cavalcanti de Albuquerque Luna. Na sua casa, no proprio gabinete do ministro, na rua, em toda parte enfim era o official assediado pelo ex-marinheiro, que queria a todo transe uma solução immediata para o seu caso.

O capitão-tenente Carneiro não o desilludiu, na esperança de um dia, penalizado da sua situação, obteve um emprego qualquer. Mas Cavalcante, longe de ser grato ao capitão-tenente Carneiro, começou a odiá-lo, attribuindo-lhe uma perseguição que não existia, até que ante-hontem, quando aquelle official, em companhia de sua progenitora, de sua noiva, e senhorita Maria Christina, filha do dr. Max Fleuss, e de uma irmã desta passavam pela avenida Rio Branco, foi por elle agredido traiçoeiramente e ferido com um extenso golpe de navalha no pescoço. O caso, como era natural, provocou a indignação popular contra o criminoso, que teria sido lynchado no proprio local se a policia não o acudisse em tempo.

O capitão-tenente Silveira Carneiro foi immediatamente renoviado para a Assistencia Municipal, onde recebeu os curativos necessarios, sendo em seguida internado no Hospital de Prompto Socorro.

Conhecida nos seus detalhes a lamentavel occorrença, innumeróros amigos seus all acudiram, a indagar do seu estado, sendo recebidos pela sua progenitora, que, como a sua noiva, all tem permanecido sempre.

Hontem, pela manhã, o ministro Alexandrino de Alencar visitou o ferido naquelle hospital, recebendo elle, á tarde, a visita do coronel

Vieira Christo, em nome do presidente da Republica.

O estado do capitão-tenente Carlos da Silveira Carneiro, se bem que melindroso, não é todavia grave, pois não houve secção de nenhum vaso sanguineo importante.



**O capitão-tenente Carlos da Silveira Carneiro**

O capitão-tenente Carneiro, sua progenitora e sua noiva, aguardavam, na Avenida, a presença do coronel Alberto da Silveira Carneiro, que fazia annos e que convidara o filho para juntos jantarem na “Sul America”.

O coronel Alberto Carneiro, ouvido sobre a estúpida aggressão soffrida pelo seu filho assim se expressou:

— Eu não estava presente, conforme referiram alguns. Jornaes da manhã, no momento em que meu filho foi agredido pelo criminoso. Dia do meu anniversario natalicio, vim para a cidade, á hora habitual, combinando, porém, no sair de casa, com minha esposa e meu filho, um encontro para á tarde, afim de juntos todos, jantarmos no Sul-America, uma vez que, estando em obras

nossa casa, á rua São Francisco Xavier, nos achamos provisoriamente residindo no Yankee-Hotel, á rua Almirante Tamandaré. Esse encontro deveria se dar á porta do Odeon, ás 6 e meia da tarde, de onde então seguiriamos para aquelle restaurante. Estava eu, pois, aguardando all a chegada de minha familia, e palestrava com um amigo, quando vi passar um homem preso, nos trancos, e seguido de grande massa de populares. Não tive nenhuma curiosidade no primeiro instante, suppondo tratar-se de um caso despidido de importancia. Como, porém, minha esposa e meu filho se demorassem assallou-me um triste presentimento. Fui ver o que havia occorrido. E em meio a numeroso grupo de curiosos, proximo ao Club de Engenharia, deparei minha esposa, muito afflicta, e meu filho Carlos gravemente ferido, amparado pela noiva e populares sollicitos. Num relance comprehendí toda a scena. Dahi a momentos uma ambulancia da Assistencia o recolhia, levando-o para o Posto Central.

Sei que o criminoso é um typo máo, de pessimos antecedentes. Sargento da Armada, certo dia pediu baixa para servir como pharoleiro, emprego muito mais rentoso. Foi destacado para o pharol de Cidreira, no Rio Grande do Sul. Tempo depois, entretanto, elle tentava assastimar o companheiro, que corra em auxilio da esposa, que se tornára victima dos seus baixos instintos. Por isto foi expulso do serviço da Armada, vindo para o Rio e aqui insistindo junto a meu filho para ser readmittido no posto de sargento. Como vê, não era isto possivel. Elle tornou-se, porém, importuno, e como allegasse frequentemente que estava passando necessidades, meu filho soccorria-o, de quando em quando, com pequenas quantias. Ha cinco ou seis dias elle manifestou o desejo de ir para o Maranhão, onde tem parentes, e, mais uma vez, meu filho auxiliou-o, dando-lhe 100\$ para aquisição da passagem.

Nada justificava a aggressão. Carlos amparava-o. Entretanto, esperava um desatoc, de um momento para outro, dada a maneira desabrida e até mesmo atrevida com que o ex-pharoleiro se dirigia, nos últimos dias, a meu filho. Este, porém, não o julgava capaz de uma aggressão, como a de que foi victima.

O criminoso foi hontem, removido para a Detenção.

Almirante Carneiro foi atacado por motivos fúteis, pelo fato de que Luna, depois de sair de suas funções, queria que lhe fosse dado um emprego novamente. A matéria também destacou as visitas que Almirante Carneiro recebeu enquanto estava no hospital, como por exemplo o seu superior, Almirante Alexandrino de Alencar.

Uma outra visita muito importante, que representava muito bem o crescimento profissional e social do Almirante Carneiro, foi a do Coronel Vieira Christo em nome do Presidente da República. Para finalizar a matéria, seu pai respondeu as perguntar do jornalista, explicando os motivos, como aconteceu, mostrando grande preocupação da família.

O caso não foi esquecido e durante todo o tramite, mesmo que pequenas ações, como no caso o processo da prisão e sentença de Luna. O acontecimento claramente chamou bastante a atenção da população e da imprensa local, até pela sua gravidade e por ter acontecido em praça pública. No entanto, pode-se sugerir, que ter o Almirante Carneiro como vítima aumentou de maneira considerável o interesse local de divulgar e acompanhar o ocorrido até o fim.

Um outro grande evento envolvendo o Almirante Carneiro, foi o seu casamento com Maria Christina Fleiuss, e rendeu para o jornal diversas matérias. Pode-se sugerir que esta celebração aguçou muito a sociedade carioca não apenas pelo Almirante Carneiro, mas sim pela família de sua noiva e convidados.

O casamento foi realizado no dia 14 de setembro de 1927, e contou com diversos convidados e parentes. A noiva foi Maria Christina Fleiuss, filha de Maria Luiza de Negreiros Fleiuss e Max Fleiuss, teve como padrinhos o conde e a condessa de Affonso Celso<sup>9</sup>, entre outros. Do lado do noivo estava sua família, e como padrinhos o Almirante Arnaldo Pinto da Luz (Ministro da Marinha) representado pelo capitão-tenente Luiz Pinto da Luz, entre outros. (CORREIO DA MANHÃ, 14.09.1927, p.06)

No periódico “Correio da Manhã” do dia 18 de setembro de 1927, foi feita uma matéria mais detalhada sobre os convidados e pessoas que mandaram suas felicitações. Os presentes recebidos do Presidente da República, Ministro Victor Maúrtua, Ministro Hubert Knipping, entre muitos outros de uma grande e detalhada lista. O casamento do Almirante Carneiro com Maria Christina Fleiuss, foi sem dúvida um grande evento, o casal e suas respectivas famílias faziam parte de diversos grupos, como nos meios políticos, militares e intelectuais. (p.12)

A união foi muito mais do que apenas um casal apaixonado escolhendo ter uma vida juntos, era de um casal que estava bastante envolvido com diversos setores da sociedade, e tinham muitas obrigações sociais e profissionais em comum, uma união de capitais. Tal debate

---

<sup>9</sup> Afonso Celso era filho do Visconde de Ouro Preto e Presidente do IHGB. Cf. (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, s/d)



pode ser compreendido a partir da classificação de “classe objetiva” para Pierre Bourdieu, onde os agentes estão situados em condições homogêneas, ou seja, detentores de “propriedades objetivadas”. (2017, p.97)

Segundo a pequena bibliografia de seu sogro, Max Fleiuss, o Almirante Carneiro foi proposto para sócio efetivo no dia 20 de abril de 1921, indicado pelo próprio Fleiuss, Raul Tavares, Henrique Morize, Eduardo Marques Peixoto e Jonathas Serrano. A comissão de História foi favorável à indicação, tendo como relator Aurelino Leal, e subscrito por Clóvis Bevilaqua e Alfredo Valadão. (FLEIUSS, 1962, v.254, p.427)

Seu mérito foi reconhecido em 16 de julho de 1921 pelos membros Augusto Tavares de Lyra, Ramiz Galvão, Manoel Cicero, Antônio Olyntho e Miguel de Carvalho. Depois desses longos meses, Almirante Carneiro foi finalmente eleito em Assembleia-Geral em 06 de agosto de 1921. (ibidem, p.427)

Almirante Carneiro foi colaborador do *Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*, e segundo Fleiuss foi um dos mais dedicados colaboradores, que lhe rendeu ser elevado a sócio benemérito em 4 de dezembro de 1936. Ser dedicado e mostrar serviço parece ter sido a marca registrada do Almirante Carneiro em todos os projetos de qual fazia parte. (ibidem, p.427)

A produção do dicionário rendeu ao Almirante Carneiro um encontro com o presidente Herbert Hoover, junto com outros colegas do IHGB que ficaram responsáveis pela sua recepção no aeroporto do Rio de Janeiro. Foi oferecido uma “introdução geral” do dicionário, obra que foi editada para a comemoração do centenário da Independência do Brasil. O presidente Hoover ganhou sua própria versão da obra, que segundo o periódico “Correio da Manhã”, foram “luxuosamente encadernados”. (CORREIO DA MANHÃ, 19.12.1928, p.03)

O Almirante Carneiro fez parte de diversas comissões, desde a permanente de geografia, de homenagens, eventos, como por exemplo a viagem que fez para Portugal para representar o IHGB nas festas jubilares. (CORREIO DA MANHÃ, 1938, 1940).

Uma função que fez parte da vida do Almirante Carneiro nos grupos que pertencia, foi a de orador, ou orador oficial de algum evento. No IHGB principalmente em homenagens de membros que faziam parte das Forças Armadas, como no centenário de nascimento do Almirante João Cândido Guillobel (CORREIO DA MANHÃ, 18.06.1946, p.09). Também era responsável em produzir conferência, tendo como exemplo o evento promovido pelo IHGB em homenagem a Ruy Barbosa, onde apresentou uma fala de tema “Ruy e a Marinha Nacional”. (CORREIO DA MANHÃ, 08.11.1949, p.18).

Pode-se sugerir que Almirante Carneiro, conseguiu unir a sua carreira profissional com as funções no IHGB, esteve presente e conseguiu enriquecer os temas relacionados a Marinha Brasileira e seus heróis, essa ideia pode estar relacionada com a de Daniel Pécaut, e a preocupação dos intelectuais da geração de 25-40 e a identidade nacional e as instituições. Almirante Carneiro era pessoa “autorizada” a elaborar discurso e homenagens sobre o tema. (1990, p.14)

No IHGB o Almirante Carneiro ocupou por muitos anos a função de tesoureiro, algo que fez parte mesmo depois de sua aposentadoria da Marinha Brasileira. Em Assembleia-Geral de 16 de junho que 1959 foi elevado à categoria de sócio grande-Benemérito pelo reconhecimento dos serviços prestados a intuição. (FLEIUSS, p.427)

Ao que tudo indica, o Almirante Carneiro já tinha escolhido os ramos que iria traçar em sua vida. Para isso a escolha de onde iria cursar seus estudos secundários fossem em uma instituição que iria auxiliá-lo a abrir essas oportunidades. O Colégio Paula Freitas era a escolha correta para quem quisesse adentrar na carreira militar e também uma boa formação em ciências e letras.

## **1.2 - Colégio Paula Freitas**

Na sociedade atual, umas das maneiras de crescer socialmente ou se estabelecer em seu status atual ainda é por meio da educação, tendo como foco a educação superior. Quando mais privilegiado o ensino médio, maior a chance de poder entrar em uma das melhores universidades do país ou exterior e entrar em cursos de maior procura. Por este e entre outros motivos que as classes mais altas conseguiram se manter em funções com maior remuneração ao longo dos anos. Segundo Bourdieu:

A correspondência entre saberes hierarquizados (de maneira mais ou menos arbitrária, segundo as áreas e as disciplinas) e os diplomas, por sua vez, hierarquizados faz com que a posse, por exemplo, do diploma escolar mais elevado garanta, supostamente por implicação, a posse de todos os conhecimentos garantidos pelos títulos de nível inferior ou, ainda, faz com que dois indivíduos no exercício da mesma função e dotados das mesmas competências úteis, ou seja, diretamente necessárias para o exercício de suas funções, apesar de providos de diplomas diferentes, tenham todas as oportunidades de estar separados por uma diferença de estatuto (e, é claro, de tratamento): tudo isso em nome da ideia segunda a qual a competência outorgada pelo diploma mais elevado pode garantir, por si só, o acesso aos conhecimentos – as “bases” – que se encontram na origem de todos os saberes chamados práticos ou aplicados. (2017, p.307)

A formação e o diploma do Almirante Carneiro tornaram possível o seu crescimento perante a sociedade. Mesmo vindo de uma família respeitada e abastada, não lhe garantia a entrada nas instituições que almejava, como a Marinha Brasileira e o IHGB. Sendo assim, o diploma propiciou uma garantia de tratamento e valorização por onde passou.

O Almirante Carneiro fez a educação secundária no Colégio Paula Freitas, no Rio de Janeiro. O Colégio foi fundado em 3 de outubro de 1892 por Alfredo de Paula Freitas que era professor catedrático da Escola Politécnica. Em 1900 foi reconhecida por sua excelência e comparada ao Ginásio Nacional, e foi:

modelo de eficiência, modernidade e cidadania, conciliando o trato intelectual com o vigor físico e os deveres cívicos, ao estimular atividades literárias, a ginástica e a manutenção de um Batalhão Escolar em parceria com o Exército Brasileiro (FAMÍLIA PAULA FREITAS, s/d)

Estudar no Paula Freitas significava ter acesso assegurado às Universidades, Escola Politécnica e sair com o curso de bacharelado oferecido pela própria instituição. Também tinha uma parceria com o Exército Brasileiro, sendo pioneiro em ter um Batalhão Escolar e uma linha de tiro, sendo este comando por um oficial do Exército, e o Colégio tinha a guarda dos seus armamentos.

Por sua excelência, os exames específicos que os alunos precisavam prestar para terminar a formação eram feitas por “Juntas examinadoras” e fiscalizadas por um representante do Governo. E foi nesses exames que pela primeira vez o nome do Almirante Carneiro, junto de seus colegas de turma, apareceu nos jornais, na sessão “Vida Escolar”, com o título “Colégio Paula Freitas”. Abaixo um exemplo que foi publicado no periódico “Correio da manhã”:

Resultados dos exames do 6º ano/ Carlos da Silveira Carneiro, distinção em português, inglês, latim, geografia e matemática, plenamente outras matérias. (CORREIO DA MANHÃ, 20/12/1906, p.05) <sup>10</sup>

Convém mencionar que na seção “Vida Escolar” eram publicadas notícias sobre os principais colégios do Rio de Janeiro, como o “Paula Freitas” e o “Ginásio Nacional”. Que por sua vez, tinham como seus membros jovens da mais alta elite do Rio de Janeiro.

Pode-se sugerir que, estar nesta lista era como uma vitrine social, cultural e profissional. Seu nome, notas e habilidades nas disciplinas eram colocados em destaque para o prestígio

---

<sup>10</sup> Ortografia atual

familiar e pessoal. Essa era uma prática comum entre diferentes jornais da época e que pode ser associada como uma nova forma de distinção.<sup>11</sup>

Dois anos depois em 1908 na sessão com o mesmo nome e título, Almirante Carneiro estava cursando o 8º ano e suas notas foram: “distinção em inglês e história, plenamente em alemão, grego, mecânica e astronomia, história natural e literatura, simplesmente em latim” (CORREIO DA MANHÃ, 27/02/1908, p.05). Em 1909, no 9º ano foi aprovado com distinção em alemão, grego, história do Brasil, física e química, história natural, literatura e lógica (O PAIZ, 17/12/1909, p.05)

Pode-se perceber que algumas das matérias que obteve nova máxima, nomeado como “plenamente”, foram temas que se fizeram presentes em toda carreira do Almirante Carneiro, seja nas aulas dadas no Colégio Paula Freitas – tema que vamos ver mais para frente neste capítulo -, no IHGB e na própria Marinha Brasileira.

Mesmo anos depois de formado, em 1920, o Almirante Carneiro ainda participava dos projetos do Colégio. Como no caso do curso especial de matemática para os vestibulares da Escola Naval, de Guerra e Politécnica, de qual era diretor.

Figura 3 – Curso pré-vestibular do Almirante Carneiro



Fonte: CORREIO DA MANHÃ, p.09

<sup>11</sup> Tal assunto é discutido por Joana Maria Pedro, a partir de periódicos catarinenses que circularam no final do século XIX e início do XX. Cf. (PEDRO, Joana, 1994)

São diversos os motivos que podem ter levado o Almirante Carneiro a fazer parte desse projeto, como: pelo bom relacionamento com o Colégio, questões financeiras, pois, desde os 14 anos mantinha aulas particulares de matemática, ou reconhecimento na função de professor e construção de si como intelectual.

Vale destacar que seu nome – além dos diretores – é o único mencionado, e ainda é destacado sua patente, título e nome completo. Ser colocado como 1º Tenente pode estar relacionado com a credibilidade que daria ao curso, pois, os alunos que queriam seguir carreira militar poderiam tê-lo como exemplo. No que tange o título de Doutor que foi colocado anterior ao seu nome completo, está ligado com a formação como Bacharel em Ciências e Letras, do qual ele obteve na própria instituição, mostrando assim, que ele era mais que apto para lecionar para os educandos.

O semanário “CARETA (1908-1960)”, publicou sobre a festa que ocorreria no Colégio Paula Freitas no dia 21 de maio de 1920 com o “maior brilhantismo, e na presença de grande número de convidados”, com o título de “Uma festa militar”. Foi feita uma cerimônia de entrega de espadas e divisas aos oficiais e inferiores. Teve discurso dos diretores, seguido da entrega das insígnias. (CARETA 1920, s/p)

Segundo o semanário, o discurso do Almirante Carneiro, que nesse período detinha a patente de 1º Tenente, foi um

Hino de Louvor a iniciativa de quantos se esforçam pelo preparo militar da mocidade/ Mostrou o papel do menino na guerra europeia, citando casos por ele observados na Inglaterra e nos EUA. Convidou os alunos a honrarem o nome do colégio, preparando para no futuro poderem defender as nossas riquezas materiais e morais (CARETA, 1920, s/p)

O Almirante Carneiro, desde muito cedo já mostrava certa facilidade na produção e execução de discursos, e este tema irá aparecer por diversas vezes nesta dissertação.

Na mesma matéria e página diferente, o semanário publica fotos para ilustrar o dia de festejo no Colégio Paula Freitas.

Figura 4 –Almirante Carneiro em um evento no Colégio Paula Freitas



Fonte: CARETA, 1920, s/p

É possível ver o Almirante Carneiro facilmente em duas das fotográficas, na primeira ele seria o mais alto e estava uniformizado formalmente, e na segunda encontra-se sozinho com o que parece ter sido uma presente dado em sua homenagem. No texto ao lado o Almirante Carneiro é descrito como “Bacharel em Letras pelo Colégio e atualmente professor de matemática superior” e que fez “uma brilhante saudação aos recém-promovidos”.

Ao que tudo indica, esse foi um evento de grande importância social e militar, tantos para os alunos quanto para os convidados e oficiais. Além da divulgação do Colégio como um espaço de possibilidades, também era uma maneira de apresentar os formandos para a sociedade e o caminho que estavam seguindo. E para os militares que estavam presentes era uma forma de mostrar serviço e admiração pela carreira militar.

Não foi encontrado os motivos pelo qual o Almirante Carneiro esteve envolvido nos projetos do Colégio Paula Freitas depois de tanto tempo de sua formatura. O Colégio e as Forças Armadas sempre tiveram um bom relacionamento, e tinham vários membros em comum. O que

pode sugerir que o envolvimento do Almirante Carneiro aconteceu de forma “natural” por ter feito parte das duas instituições.

O que também pode ser surgido é que ambos ganhariam com esse envolvimento, o Colégio com a divulgação do seu programa e assim trazendo novos alunos que tinham como anseio ingressar nas Forças Armadas. E o que o Almirante Carneiro ganhava também estava ligado a promoção do seu nome, para o meio social, com um bom relacionamento com a elite civil e militar.

### **1.3 - Almirante Carneiro e a Marinha Brasileira**

Foi na Marinha Brasileira que Almirante Carneiro dedicou boa parte de sua vida. Desde de muito jovem, com a escolha do Colégio Paula Freitas, ele já sabia que seu futuro seria as Forças Armadas. A oportunidade surgiu em 1911 quando foi selecionado em um concurso com apenas uma vaga para Escola Naval (FLEIUSS, 1962, v.254, p.423). Segundo José Murilo de Carvalho, a Escola Naval tinha um “excesso de ensino de matemática e teórico”, o que justifica toda a dedicação do Almirante Carneiro aos estudos. (2019, p.47)

Almirante Carneiro se tornou imediato e encarregado de navegação no “Patacho Caravelas”<sup>12</sup>, era a última viagem do veleiro que “o único propulsor era o vento” e que não contava com uma boa iluminação. Segundo Franco, as instalações eram insuficientes, bem como a condição do mar e dos ventos, não permitindo cozinhar nem dormir de maneira adequada, as refeições eram resumidas em “bolachas, pão duro, bananas, biscoitos e lambaz”. A água consumida pela tripulação era colhida “dos aguaceiros em toldos, escalares e baldes”. A viagem do Rio de Janeiro até o Recife durou 50 dias, e esse feito rendeu do Ministro da Marinha o “elogio nominal aos oficiais que compunham a guarnição”. (1993, p.143)

O Almirante Carneiro foi promovido a primeiro-tenente em 1917, no ano segundo é “Pelo Aviso Ministerial reservado de 16 de março de 1918 é nomeado para praticar na Marinha do EUA” onde foi apresentado a bordo do Encouraçado “Nevada”. Durante esse período de guerra participou de todas as operações do navio, como escoltas de comboios entre os EUA e Inglaterra, assistiu à rendição da frota oceânica alemã em Scapa Flow e escoltou o Presidente Wilson dos EUA. (p.143)

---

<sup>12</sup> Sobre o “Patacho Caravelas”. Cf. (DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E DOCUMENTAÇÃO DA MARINHA, s/d)

Em 1º de fevereiro de 1919 foi desligado do estágio na Marinha norte-americana, regressando para o Brasil, permanecendo no Estado-Maior da Armada e em dia 15 de novembro de 1922 é nomeado ajudante-de-ordens do Ministro Alexandrino de Alencar.

Enquanto esteve no gabinete do Ministro Alencar realizou diversas iniciativas, como a abolição dos castigos “deprimentes para “os praças” da Marinha, como ferro nos pés, degradação de posto e Colônia correcional. O próprio Almirante Carneiro redigiu o projeto que foi aprovada pelo Ministro Alencar, e acompanhou até a sua aprovação. O desdobramento desta ação foi o novo “Regulamento Disciplinas da Armada”<sup>13</sup>. (FLEIUSS, 1962, v.254, p.428).

Em 1923 já promovido à oficial-de-gabinete do Ministro Alencar, o Almirante Carneiro sugeriu a criação do “Dia do Marinheiro” no dia 13 de dezembro, em homenagem ao nascimento do Marquês de Tamandaré, patrono da Marinha Brasileira<sup>14</sup> (FRANCO, 05.08.1993, p.144). Uma comemoração que se estendeu posteriormente para o exército e aeronáutica.

Ao que tudo indica, o Almirante Carneiro tinha muito orgulho e se dedicava de várias maneiras a Marinha Brasileira, além dos serviços prestados, tinha o interesse de melhorar a imagem e a vida daqueles que estavam servindo esta instituição. Um grande projeto foi o curso de “preparação especializada para candidatos à Escola Naval”, ou o “Curso Carneiro”, que foi ampliado para Escola Militar e Aeronáutica. O curso durou 35 anos até sua promoção à “oficial-general”, segundo Fleiuss, este projeto “preparou a admissão de muitas centenas de oficiais das classes militares”. (FLEIUSS, 1962, v.254, p.429).

Ao longo dos anos o Almirante Carneiro conseguiu juntar a licenciatura e as Forças Armadas Brasileira por diversas vezes. Em 1928 foi designado como instrutor de “mecânica racional e aplicada da Escola Naval”, funções de catedrático das cadeiras de “geométrica (ou geometria?) analítica e cálculo diferencial e integral”, sendo professor da Escola Naval por mais de 10 anos. Também foi Instrutor-Chefe de “Operações Navais” no “Curso de Estado-Maior da Aeronáutica”, chefe de departamento, membro de comissões, etc. Almirante Carneiro parece ter se dedicado mais do que suas funções exigiam e sempre estava envolvido com algum projeto, seja um evento, cursos, entre outros. (idem, 1962. p.430-431)

Ao que tudo indica, enquanto foi o seu oficial-de-gabinete, o Almirante Carneiro foi bastante valorizado e incentivado, e que tinha o Almirante Alencar como um “mentor”. Pode-se sugerir que este encontro foi o mais importante e enriquecedor para a sua projeção profissional. O Almirante Alencar foi um grande personagem da Marinha Brasileira, tendo

---

<sup>13</sup> Decreto nº 15.961 do dia 16 de fevereiro de 1923. Cf. (BRASIL, 21/02/1923)

<sup>14</sup> Cf. (DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E DOCUMENTAÇÃO DA MARINHA, s/d)



participado da Guerra do Paraguai, e como Ministro da Marinha escolheu o *slogan* “Rumo ao Mar”, que tinha como objetivo a renovação da Instituição. Tendo sido responsável pela reforma administrativa e a criação da Escola Naval. (PINHEIRO, s/d)

Após a morte do Almirante Alencar em 18 de abril de 1926, o Almirante Carneiro prestou suas homenagens sempre que possível. Fez parte, junto de outros colegas, da comissão organizadora do seu mausoléu. O projeto foi inaugurado no de 17 de abril de 1940, vários anos após a sua morte, e depois de “atender ao apelo da comissão”, foi baixado um decreto do Presidente da República “pondo a disposição um credito de cem contos de réis”. Neste dia foram feitos três discursos, um do Ministro da Justiça que estava representando o governo, outro do ministro Armando Alencar que estava representando a família, e o “capitão de corveta Carlos da Silveira Carneiro em nome da comissão”. (CORREIO DA MANHÃ, 16.04.1940, p.03)

As funções ligadas a área da educação provavelmente foram as que mais ocuparam suas horas durante suas atividades na Marinha. Na Escola Naval foi professor desde 1927 e lecionou “mecânica racional e aplicada” e “Geometria analítica e calculo infinitesimal” o que exigiria que o Almirante Carneiro estivesse fizesse cursos para estar sempre atualizado para essas aulas. Em 1933 foi designado para “Diretoria de Ensino” e estar envolvido com a licenciatura não significava abdicar das funções de campo da Marinha, pois em 1935 foi responsável pela escolta do “Encouraçado *São Paulo*” que conduziu o Presidente da República até Buenos Aires. (FRANCO, 1993, p.145)

Em 1940 esteve como encarregado do “Departamento de Ensino” no “Navio-Escola *Almirante Saldanha*” com destino a Portugal para as festas de comemoração do seu 8º centenário. Já promovido a capitão-de-fragata em 1942 é “designado representante da Marinha no 8º Congresso Brasileiro de Educação, Cartografia e Estatística”. (FRANCO, 1993, p.145)

Como capitão-de-mar-e-guerra em 1945 foi responsável por dirigir o curso de operações navais no “Curso de Estado-Maior de Aeronáutica. Neste período o Almirante Carneiro publicou três obras, são essas: O Poder Naval através da História, A Batalha de Midway e O estudo da decisão correta. Nessa função recebeu elogios do Ministro da Aeronáutica Armando Trompowisky e foi designado para organizar a “Seção Naval na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército”. Ainda com a mesma patente, chefia o Estado-Maior do Comando do 4º Distrito Naval, sediado em Belém, exercendo a função de diretor da Escola da Marinha Marcante do Pará (FRANCO, 1993, p.145).

Em 1950 cursa a Escola Superior de Guerra, podendo então ser promovido a contra-almirante. No ano seguinte foi designado ao Comando do 5ª Distrito Naval em Santa Catarina (tema que irei comentar no próximo capítulo) e permaneceu até 1955. Voltando para a sua terra

natal, já assume o Comando do 1º Distrito Naval, sendo esse um período conturbado para política nacional. (FRANCO, 1993, p.146)

Em 1955 o nomeado como Comandante-em-chefe-de-esquadra pelo presidente da república em exercício, o Senador catarinense, Nereu Ramos. O principal problema que teria enfrentado foi o da instabilidade dentro dos quartéis, que segundo Franco, o Almirante Carneiro dizia “não existe crise político-militar, isto é invenção da imprensa. O que existe é crise disciplinar e esta é fácil de se debelar numa instituição militar” (FRANCO, 1993, p.147).

O Almirante Carneiro passou por vários governos desde a sua entrada na Marinha Brasileira. Iniciou na Primeira Republica, Revolução de 1930, Estado Novo, democratização e até uma nova ditadura (1964) quando já tinha ido para reserva, mas em nenhum momento encontrei alguma fonte que mostre algum tipo de movimento indisciplinar. O Almirante Carneiro foi fiel a Marinha Brasileira e a função que ela tem, que é de servir ao Brasil, sem escolher partidos políticos e ideologias.

No dia 02 de agosto de 1957, o Almirante Carneiro deu a sua última “Ordem do Dia” a bordo do cruzador “Barroso” com o seguinte discurso:

Após 19 meses e (?) dias no meu belo comando da Marinha Brasileira, segundo o meu modo de ver, deixo as funções de comandante-em-chefe da Esquadra e o convívio das guarnições, por força dos prazos intrasferíveis da legislação naval. Seria falta de sinceridade afirmar que não o faço sem saudades, como seria igualmente sem manifestar a inquebrantável confiança que esse tempo me trouxe nas altas virtudes do pessoal da Armada, no seu patriotismo, amor ao serviço e respeito às instituições que nos regem. Vivemos juntos muitas emoções, não faltaram a princípio situações que poderiam ter-nos exigido decisões severas na salvaguardada ordem e da disciplina, mas as ondas, de aparência temerosas que se avolumaram, por vezes se quebraram mansas nos patins dos portalós de nossos navios, sem repercussão capaz de perturbar o ritmo de ordem e de trabalho do pessoal de bordo, como é próprio das ondas do mar que vem e se vão raramente deixando vestígios. Foi verdadeiramente a vitória da tradição de nossa brava gente naval, tão disposta a quaisquer sacrifícios, na paz e na guerra, como a perceber com expressiva acuidade quais os caminhos mais indicados para o acautelamento dos interesses da nacionalidade. (CORREIO DA MANHÃ, 03.08.1957, p.20)

O Almirante Carneiro montou seu último discurso nas funções de comandante-em-chefe da Esquadra e da Marinha Brasileira, como uma carta de despedida. Da mesma maneira que mostrou sua gratidão pela instituição e pelos seus membros, também utilizou esse momento para expressar sua visão sobre a Armada e também uma crítica pelos problemas que enfrentou enquanto esteve no comando. Apontando a importância da disciplina e respeito as tradição da Marinha Brasileira, e na continuação se sua fala aponta que a “Esquadra Brasileira nunca seja

uma pedra no caminho da felicidade de nossa gente e da nossa querida Pátria”. (CORREIO DA MANHÃ, 03.08.1957, p.20)

Com sua ida para a reserva remunerada por causa do seu limite de idade para exercer funções na Marinha Brasileira, o Almirante Carneiro com pelo menos 64 anos, não ficou afastado completamente dos trabalhos públicos. No mesmo ano de sua saída, já ficou responsável por representar o presidente Juscelino Kubitschek na posse do presidente da República Dominicana, o general Héctor Bienvenido Trujillo Molina. (O ESTADO, 11.08.1957, p.08)

Para solenidade foi feita uma “delegação especial integrada”, da qual o Almirante Carneiro era “embaixador em missão” e chefe da delegação, entre outras personalidades brasileiras. Essa responsabilidade dada pelo Presidente da República mostra que o Almirante Carneiro deixou uma boa imagem, como uma pessoa respeitável e confiável, enquanto exercia suas funções da Marinha Brasileira. (O ESTADO, 11.08.1957, p.08)

O Almirante Carneiro manteve sua agenda sempre ocupada com vários compromissos, segundo as matérias do jornal “Correio da Manhã”, seus horários eram dedicados em suas aulas, eventos esportivos e solenidades nas Forças Armadas e no IHGB.

Compreende-se o Almirante Carneiro herdeiro de um capital, que fez com o que o *campo dos possíveis*, pudesse ser oferecido a possibilidade de uma mudança de trajetória, a partir de acontecimentos coletivos ou individuais. E este “senso de “relações” fez com que fosse possível conservar e aumentar seu capital (BOURDIEU, 2017, p.104). E foi assim, com seu nome já bem relacionado e valorizado que chegou à Santa Catarina, e com esse olhar que foi recepcionado pela população local.

## Capítulo II - O Almirante Carneiro em Santa Catarina: sociabilidades e o Curso de Expansão Cultural

Um debate recorrente na historiografia é sobre o papel de um indivíduo na história, na qual uma questão comum é indagar e problematizar qual a força ou impacto das ações de um determinado agente em certa sociedade e região. O caso que será abordado neste capítulo parece propiciar um bom debate sobre este assunto, pois, a vinda de uma personalidade carioca para Santa Catarina parece ter resultado em intensas atividades intelectuais que contaram com o seu nome como principal responsável. Isso não anula a disposição local para a realização destas iniciativas nem o protagonismo dos intelectuais catarinenses na participação e auxílio na organização. Contudo, parece ser viável sugerir que a vinda do Almirante Carneiro para Santa Catarina trouxe um significativo impacto na dinâmica cultural do Estado e, em especial, em sua capital. Ao longo deste capítulo, buscar-se-á tratar deste assunto, analisando a inserção do Almirante na sociedade catarinense e a organização do Curso de Expansão Cultural.

O Almirante Carneiro já era uma figura consolidada em sua terra natal antes de chegar em Santa Catarina. Foi possível perceber que a sua presença chamou muito a atenção dos diversos setores do Estado, assim ele era requisitado a estar presente nas mais diferentes ocasiões e eventos. Pode-se dizer que o motivo de sua boa recepção pode estar ligado a alguns aspectos, desde a sua figura já ser considerada célebre, bem relacionada e ao cargo de liderança que ocuparia. O primeiro ponto pode ser compreendido através da noção de “Capital Social” elaborado por Pierre Bourdieu, nas suas palavras:

O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma *rede durável de relações* mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à *vinculação a um grupo*, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por *ligações* permanentes e úteis. [...] O volume do capital que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume do capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado. (2013, p.75 /grifos do autor)

Além disso, deve-se lembrar que o Almirante Carneiro vinha da Capital do Brasil na época, a cidade do Rio de Janeiro. A Capital Federal era muito dinâmica nas áreas intelectuais e culturais, principalmente quando comparamos com o Estado de SC. Abaixo estão

sistematizadas algumas informações que oportunizam perceber diferenças com relação a esses espaços:

**Quadro I** – Aspectos culturais e educacionais de Santa Catarina, Florianópolis e da capital federal

	<b>Santa Catarina</b>	<b>Florianópolis</b>	<b>Rio de Janeiro (capital federal)</b>
<b>Unidades Escolares de Ensino Secundário (1946)</b>	20	4	184
<b>Unidades Escolares de Ensino Superior (1946)</b>	2	1	60
<b>Casas de espetáculo (Teatros, Cineteatros, Cinemas e Outras) (1948)</b>	99	13	137
<b>População (1950)</b>	1.578.159	67.630	2.413.152

Fonte: (BRASIL, 1951); (BRASIL, 1952)

Tais números sinalizam para com que se perceba que na capital federal havia tanto uma maior mão-de-obra especializada nas mais diversas áreas quanto uma circulação de ideias e demais bens culturais mais intensa em comparação com Santa Catarina e Florianópolis, e que o Almirante Carneiro já vivenciava. É certo que a intelectualidade catarinense também era ativa em seus debates intelectuais e atividades culturais, contudo é possível sugerir a hipótese que o alto impacto, atração e o alcance do CEC proposto pelo Almirante Carneiro também podem estar relacionados com as menores possibilidades de atuação intelectual em Santa Catarina e da chegada de uma personalidade vinda de uma localidade que era certamente o polo cultural de maior projeção pelo Brasil.

Tais aspectos levantados até o momento são um pressuposto para a discussão que será desenvolvida no decorrer deste capítulo. Sua trajetória foi estudada através de indícios, principalmente de notícias presentes nas fontes periódicas, que possuíam tradição de se atentar às atividades das personalidades de maior projeção pela cidade. As notícias que foram analisadas até momento, elas estão localizadas principalmente na última página quando abordam a ESC ou o CEC. Em casos havia textos sobre o Almirante Carneiro juntos a coluna social, esportiva e em locais diversos, tanto em texto sobre o Almirante Carneiro quando em matérias que seu nome é citado.

Os demais textos que noticiaram a presença do Almirante Carneiro por SC são tomados principalmente como fontes capazes de indicar com quais autoridades esteve relacionado ou próximo, as instituições que frequentou ou grupos com quem travou contato. Ao mesmo tempo, sabe-se que em tais matérias havia um esforço de construção de determinada imagem do

Almirante Carneiro, que poderia estar relacionada também com interesses dos responsáveis pelo jornal ou dos grupos políticos no poder, por exemplo.<sup>15</sup>

O Almirante Carneiro chegou em SC em 1951 para assumir o comando do V Distrito Naval que tinha sua sede em Florianópolis, segundo relatado no periódico “Correio da Manhã” do Rio de Janeiro, do dia 23 de fevereiro de 1951 (CORREIO DA MANHÃ, 23/02/1951, p.06). O V Distrito Naval tinha como jurisdição os Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e, em 16 de agosto de 1946 sua sede foi transferida para a capital de SC. Atualmente o Distrito encontra-se sediado na cidade de Rio Grande, no Estado do RS. (MARINHA DO BRASIL, s/p)

No tempo que passou em SC, o Almirante Carneiro exercia as funções oficiais da Marinha, além de participar de diversos eventos, como reuniões, festas, discursos etc. Também participava dos acontecimentos esportivos, religiosos, culturais e políticos, além de manter uma ótima relação com a elite local, com a redação de jornais e com intelectuais. Os contatos estabelecidos pelo Almirante Carneiro durante seu tempo no Estado foram bastante diversos e pode-se sugerir que foram muito importantes para a produção da Enciclopédia de Santa Catarina, pois necessitava do apoio desses grupos para a sua produção.

## **2.1 O Almirante Carneiro na sociedade catarinense**

Nesta seção será analisada a trajetória do Almirante Carneiro em interação com diferentes grupos sociais, sua participação e recepção, assim como homenagens e construção de sua figura como uma grande personalidade em terras catarinenses. É possível perceber que esteve envolvido em atividades das mais diversas, desde esportivas, religiosas, culturais, e de viés político e sociais.

Logo em seus primeiros meses em SC, o Almirante Carneiro tornou-se um personagem extremamente ativo nas atividades esportivas, e seu envolvimento com esses eventos perdurou até a sua volta ao Rio de Janeiro. Durante a pesquisa foi possível encontrar várias menções ao Almirante Carneiro nas páginas dedicadas ao esporte de SC, principalmente na de título “O Estado Esportivo” presente no jornal “O Estado”.

---

<sup>15</sup> Percebe-se que nos periódicos da época havia a longevidade do que já foi constatado por Joana Maria Pedro com relação à imprensa de Florianópolis durante o final do século XIX e início do XX, que é o seu uso para a distinção social das famílias que eram contempladas nas páginas sociais como notícias sobre seus aniversários, viagens, casamentos etc. (PEDRO, 1994, Passim)

Dentre as várias passagens nas páginas do jornal, algumas personalidades locais eram homenageadas com os nomes das modalidades, e o Almirante não ficou fora disso. Como pode-se perceber na citação a seguir, nos “Primeiros Jogos Universitários Sul-Brasileiro”, no atletismo o Almirante Carneiro recebeu seu nome no revezamento 4x1400.

REVEZAMENTO 4x1400 – Prova “Almirante Carlos da Silveira Carneiro”:  
1º Equipe da FDPV assim formada: Sebastião Melo, Jayme Sonni, Floriano Mendes e Paulo Fonseca, 2º equipe do FCDU. <sup>1617</sup> (O Estado, 11/11/1951, p.04)

Nesse mesmo evento o Almirante Carneiro foi lembrado mais de uma vez como nome de outra modalidade:

PROGRAMA DE HOJE

9 horas – Desfile pelas ruas centrais da cidade.

10 horas – solenidade Inaugural e disputa do Campeonato de Atletismo com a realização da primeira parte das provas:

1. – “Almirante Carlos da Silveira Carneiro” – 100 metros rasos. (O ESTADO, 28/10/1951, p.02)

A escolha do Almirante Carneiro como nome de prova em um evento esportivo não é natural e nem acidental, pois eram escolhidos nomes das personalidades de destaque ou que apoiavam de alguma maneira os/as atletas. Destacar seu nome pode estar relacionado com uma homenagem e com uma maneira de legitimar a prova. Outros tipos de envolvimento do Almirante Carneiro com os esportes se deram de maneira organizacional, tal como na matéria de título “Volta a reunir-se a Comissão de Hospedagem”:

Continua a Comissão de Hospedagem, Presidida pelo Almirante Carlos da Silveira Carneiro em franca atividade. Desta forma podemos estar certos de que as delegações estaduais de basquete serão acomodadas com todo o conforto que as exigências de tão magno certame requerem. Para tratar de mais alguns detalhes, segunda-feira última, dia 10. Voltaram a se reunir os membros desta comissão que assim vão, pouco a pouco, tecendo as malhas do mister que lhes está afeito. (O ESTADO, 13/09/1951. p.04)

Com relação à tarefa de presidir a “Comissão de Hospedagem”, pode-se concluir que o Almirante Carneiro estava inserido nessas tarefas em suas horas vagas, sendo assim, mostrando interesse e iniciativa pelos esportes em Santa Catarina. O Almirante Carneiro também colocava o V Distrito à disposição do esporte, no que fosse necessário o auxílio:

<sup>16</sup> Todas as transcrições tiveram a sua ortografia atualizada.

<sup>17</sup> FCDU: Federação Catarinense de Desportos Universitários

Largou, ontem, a Jangada N.S. de Assunção/ Às 13,40 horas de ontem, a Jangada Nossa Senhora de Assunção, que nesta Capital esteve exposta à público, frente ao Hotel La Porta, durante 6 dias, zarpou ruma a meta final, que é Porto Alegre. / O rebocador, Tristão, da nossa Marinha de Guerra, por determinação do sr. Almirante Carlos da Silveira Carneiro, ilustre Comandante do Vº Distrito Naval, acompanha os heroicos jangadeiros até o porto do Rio Grande, visto serem muitas as dificuldades a vencer nesse percurso do sul. Será, assim, assistência direta em homenagem àqueles que, desde Fortaleza, navegando cerca de 50 dias, vem vencendo os grandes mares, nessa prova de imensa técnica de navegabilidade, em que os destemidos cearenses são verdadeiros e já consagrados mestres. (O ESTADO, 09.02.1952, p.08)

O Almirante Carneiro não contava esforços em seu apoio ao esporte em SC, e isso pode estar relacionado também com uma tradição da Marinha Brasileira de incentivo desta prática. No começo, as atividades esportivas da Marinha Brasileira ocorriam dentro dos navios, acabando por serem regularizadas e tornando-se obrigatórias no início do século XX;

por intermédio de oficiais e praças que a MB [Marinha Brasileira] organizou e sistematizou estas atividades esportivas já existentes, principalmente, o remo, a esgrima, a canoagem e o iatismo. Esta sistematização levou a MB a organizar e promover, principalmente, regatas nas enseadas de Botafogo no Rio de Janeiro e na cidade de Rio Grande, no extremo sul do país. (ÁVILA; SOARES; NEVES, 2016, p.103)

No jornal “O Estado”, por diversas vezes pode-se encontrar convites para o Almirante Carneiro ser patrono, para discursar em festas e para jovens esportistas onde era “interrompido várias vezes por aplausos calorosos e vivas entusiásticos” (O ESTADO, 05/02/1952, p.08). Após todas essas participações, o jornal não poderia deixar de lhe prestar uma grande homenagem por todo seu apoio, com a matéria de título “O Almirante Carlos da Silveira Carneiro patrono do certame Nacional de bola ao cesto juvenil”:

Escoou simpaticamente nos meios desportivos de Santa Catarina, a feliz atitude dos dirigentes da Federação Catarinense, escolhendo o ilustre Almirante Carlos da Silveira Carneiro, comandante do Distrito Naval, para Patrono do Campeonato Brasileiro de Basquetebol Juvenil, marcado para julho próximo nesta capital. / Estarão presentes ao sensacional certame as representações de todo o Brasil, nada mais justo que essa homenagem, justa por todos os motivos, ao Almirante Carneiro. / O Almirante Carlos da Silveira Carneiro tem sido realmente uma figura ímpar como incentivador dos esportes em Santa Catarina prestando uma colaboração continua e efetiva a todas as grandes iniciativas. / Fundador, também, do Curso de Expansão cultural de Santa Catarina, cujo êxito surpreendeu a todos os catarinenses, pela apresentação das mais expressivas do País, o Almirante Carneiro, nem por isso deixou de continuar a prestar sua cooperação a todos os ramos das atividades febricitante e de progresso que caracteriza Santa Catarina / Representa muito bem o Almirante Carneiro aquela figura de Juvenal “MENS sana in corpore Sano” pelo seu trabalho efetivo nos setores cultural e esportivo



do nosso Estado. / Escolhendo o Almirante Carlos da Silveira Carneiro para Patrono dos jogos do Campeonato Brasileiro a serem realizado em Julho vindouro em Santa Catarina a FAC teve um gesto digno dos louvores de todos os esportistas catarinenses. / A sinceridade dessa homenagem da Federação Atlética Catarinense a um homem como o Almirante Carneiro merece o nosso aplauso. / Esse ato da FAC será certamente para os catarinenses uma garantia de que o Campeonato Brasileiro de Basquetebol Juvenil será uma empreitada vitoriosa em todos os sentidos, pois as iniciativas que contam com o apoio do Almirante Carneiro são fadadas ao mais completo sucesso pela atenção com que o S, Excia dedica a todas as iniciativas de envergadura. / Rendemos, daqui a nossa homenagem ao ALMIRANTE CARLOS DA SILVEIRA CARNEIRO, ilustre patrono dos jogos esportivos da mocidade brasileira. (O ESTADO, 26/06/1953, p.04)

Nesta citação destaca-se como as pessoas da área esportiva do Estado respeitavam o papel do Almirante Carneiro, e seu envolvimento na área, sempre sendo tratado com todo respeito e admiração. Na parte que é escrito “MENS sana in corpore Sano”, pode-se sugerir que o Almirante Carneiro poderia ser um exemplo a ser seguido, por sua contribuição no esporte e cultura em SC.

Essas menções ao Almirante Carneiro, agradecendo e homenageando o seu envolvimento nas mais diversas atividades no território catarinense, irão aparecer das mais variadas maneiras nas páginas dos jornais. O esporte foi apenas uma das áreas de destaque que ele esteve em seu período em SC, nas próximas páginas ficará mais claro a participação em outras.

Ao mesmo tempo que o Almirante Carneiro participava de eventos esportivos que, aparentemente, foram em suas horas vagas, em algumas ocasiões seria dada publicidade nos jornais das atividades ligadas às suas atribuições como Comandante do 5º Distrito Naval. Entre elas estava lidar com problemas relacionados com a pesca na Capital, que irá aparecer em diversas edições. Para exemplificar, foi selecionada a matéria de título “Apelo ao Sr. Almirante Carlos da Silveira Carneiro”.

Face ao que acima denunciemos, cujas testemunhas são numerosas, que atestarão, si necessário, o fato criminoso, só nos resta dirigir, em nome daqueles humildes pescadores da Armação do Pântano do Sul, cuja Z-19 reúne cerca de 600 homens, um veemente apelo, partido da pena de um catarinense que confia na ação benéfica das autoridades, ao sr. Almirante Carlos da Silveira Carneiro, ilustre Comandante do Vº Distrito Naval, a quem os homens de imprensa admiram pela correção de atitudes e formosa inteligência, no sentido de que determine providencias que coíbam esse ato abusivo, criminoso e atentatório a liberdade dos nossos pescadores humildes, proibindo que continuem aquelas embarcações a matar a criação, naquela zona, do peixe que é a única razão de trabalho e de subsistência daqueles patricios. E, por qualquer providencia nesse sentido, não-de ser gratos as criancinhas, filhos daqueles pescadores, que não podem estar com o futuro comprometido, se

persistir esse inominável atentado nos mares do sul. (O ESTADO, 11/03/1952, p.06)

A matéria refere-se a problemas encontrados pelos pescadores de Florianópolis, por causa da pesca ilegal de embarcações vinda de Santos-SP. A área da Armação do Pântano do Sul era um local apenas para os pescadores locais que tinham na pesca artesanal a sua fonte de renda. A denúncia foi feita pelo jornal, tendo como sua fonte os pescadores da região. Pode-se perceber que o jornal usa sua boa relação com o Almirante Carneiro, apelando com elogios sobre sua honra, sendo ele representado como um “ilustre Comandante, homem benéfico” e de “formosa inteligência”. Era esperado que essas ótimas características do Almirante pudessem ajudar as “criancinhas” desses pescadores, dirigindo a matéria para que tocasse na bondade dos/as leitores/as, a fim de que o Comandante tenha a obrigação de tomar uma atitude.

No que se refere a sua relação com a imprensa local, pode-se dizer que era excelente. Tanto os jornais quanto o Almirante Carneiro trocavam palavras de respeito e mensagens de apoio um com o outro. Como podemos ver no exemplo de título “Gentileza”:

Do sr. Almirante Carlos da Silveira Carneiro, Comandante do Vº Distrito Naval, recebemos o telegrama abaixo, à cuja gentileza nos confessamos gratos: “Queira aceitar V. S. cumprimento passagem “Dia da Imprensa”. (a) Carlos da Silveira Carneiro, Comandante Vº Distrito Naval”. (O ESTADO, 12/09/1951, p.08)

Mesmo sendo uma mensagem simples para felicitá-los pelo “Dia da Imprensa”, esta já mostra uma certa preocupação em manter uma boa relação com a imprensa local, o que era muito importante para a Marinha e para os seus projetos pessoais que seriam produzidos no Estado. Essa relação foi estabelecida por mensagens como a citada anteriormente, mas também em ocasiões festivas, como no coquetel oferecido pelo Almirante Carneiro em sua residência, na matéria de título “Cativante Homenagem à Imprensa”:

Para os homens de imprensa as homenagens das autoridades do País são confortadoras, porque elas manifestam, de sobejo, o reconhecimento pelo que os jornalistas procuram realizar em benefício da coletividade. Traço predominante sem dúvida desse reconhecimento, pelo trabalho patriótico que, reciprocamente, as autoridades e os homens de imprensa, em favor do bem comum, está no ato do sr. Almirante Carlos da Silveira Carneiro, ilustre Comandante do Vº Distrito Naval, oferecendo-lhes um coquetel em sua residência, no aprazível bairro da Pedra Grande, à rua Rui Barbosa. (O ESTADO, 11/12/1951, p.01)

Neste coquetel estavam presentes figuras importantes da imprensa de Florianópolis, como Zedar Perfeito da Silva do “Diário da Manhã” – que fez parte de ações produzidas pelo Almirante Carneiro -, Seixas Neto do “Diário da Tarde”, Lotar Schiefler do “A Gazeta” e Domingos F. d’Aquino do “O Estado”. Foram recebidos em sua casa por sua esposa e filha, e levados depois para a “Escola de Aprendizes Marinheiro”, localizados em Barreiros, onde o Almirante mostrou suas instalações e formação dos marujos. O que se pode destacar é a cordialidade do Almirante Carneiro, seu interesse na divulgação do seu trabalho no 5º Distrito Naval, e a manutenção de uma rede de contatos que poderia beneficiar os dois lados. Nesse caminho, é possível compreender essa ocasião como um produto de estratégias de investimento social, consciente ou inconsciente, capazes de proporcionar um acúmulo de capital social, conforme Pierre Bourdieu (2013, p.73-78) discorre sobre este tema.

E não somente com a imprensa que o Almirante Carneiro estabeleceu boa relação em seus anos em SC. Ele também teve uma boa proximidade com a elite política do Estado, muitos foram os eventos onde se encontravam. Como por exemplo na festa com a apresentação da cantora lírica, Elizabeta Barbato<sup>18</sup> em 1952 em Florianópolis no Lyra Tennis Clube (O ESTADO, 24/05/1952, p.3). Convém evidenciar que em meio a diversas pessoas que frequentaram o evento, o jornal optou por destacar somente o Governador à época Irineu Bornhausen (União Democrática Nacional – UDN) e o Almirante Carneiro como figuras centrais no local. Sustenta-se que, já neste momento, é possível perceber a sua boa inserção em círculos das classes altas catarinenses, pois a descrição da imagem o colocaria em um patamar próximo ao governador de importância de ser registrada a participação.

---

<sup>18</sup> Elizabetta Barbato, soprano Italiana.

Figura 5 – Baile em Florianópolis, 1952.



Fonte: O ESTADO, 16/06/1952, p.03.

A ocasião foi construída no jornal como um evento grandioso, chamada em seu título como “A mais elegante festa catarinense”. Os homens e as mulheres estavam portando vestes de gala, e havia a presença de uma artista internacional fazendo a apresentação, o que demonstra um grau do requinte e sofisticação. Pode-se sugerir, portanto, que a ocasião foi construída como capaz de ofertar uma distinção social aos envolvidos. Sobre este tema, é importante levar em conta que o uso de determinada vestimenta ou acessório “corresponde ao desejo de distinção social”, como escreve Gilda de Melo de Souza (1987, p.47).

Uma outra ocasião que o nome do Almirante Carneiro foi mencionado ocorreu em um encontro com o governador Bornhausen em suas bodas de prata com a esposa Marieta Konder Bornhausen. O nome do Almirante Carneiro figura quando é exposto acerca dos presentes na ocasião. O evento aconteceu em Itajaí e contou com “altas autoridades do Estado, Deputados, Prefeitos, Comandante e oficiais da Polícia Militar”, as quais reuniram-se para a celebração de uma missa e em seguida “a noite, no Hotel Oasis, em Pomerode, a família Bornhausen,

recepcionou os amigos que lhe foram levar cumprimentos oferecendo a todos um finíssimo jantar”. (CORREIO DO POVO, 15/02/1953, p.01)

Pode-se dizer, conforme tem sido demonstrado, que o Almirante Carneiro se fez presente em vários núcleos sociais e tipos de ambiente, desde clubes, associações etc. Pode-se dizer que a presença nesses locais iria auxiliar no seu trabalho de constituição e fortalecimento de capital social (SAINT MARTIN, 2017, p.114). Ainda sobre este assunto, outro espaço que pode ser mencionado – e que também seria importante para socialização e mostrar uma imagem respeitosa perante a sociedade – seria o envolvimento junto à Igreja Católica. Foi possível encontrar matérias de jornais de sua participação em atividades católicas em SC, com o Almirante Carneiro sendo apresentado como um importante devoto dessa religião. Como podemos ver na citação a seguir:

As 19 horas, da Catedral Metropolitana, o corpo de Jesus saiu em comovente procissão, acompanhado por verdadeira multidão constricta, por várias ruas centrais da Capital. Além de autoridades civis, militares e eclesiástica, entre as quais se destacam o sr. Arcebispo D. Joaquim Domingues de Oliveira, os srs. Governador Irineu Bornhausen, Dep. Protógenes Vieira, Presidente da Assembleia Legislativa, Almirante Carlos da Silveira Carneiro, Des. Ferreira Bastos, participaram desse ato associações religiosas, colégios e grande massa popular. Foi uma manifestação de fé da nossa gente, que constituiu o magno acontecimento do dia anteontem. (O ESTADO, 13/04/1952, p.10)

Neste evento, quando estava sendo celebrada a Páscoa na Catedral Metropolitana, o Almirante Carneiro foi um dos poucos nomeados pelo jornal, ao lado de grandes figuras locais, expressando, assim, que ele era considerado uma personalidade de suma importância para ser mencionado em suas matérias. Pode-se considerar a participação do Almirante Carneiro nesta celebração como uma das várias formalidades que ele parecia precisar seguir por causa do posto que detinha. Ao que parece, ele era bastante ativo no meio religioso e em projetos filantrópicos, como pode-se perceber a seguir:

A Assistência Social São Luiz cedida em Pedra Grande, nesta Capital, tem por finalidade auxiliar e socorrer os pobres, e, especialmente, dar-lhes conforto e tratamento médico e farmacêutico. Para tão nobre fim o Revdmo. Vigário Pe. Evaristo Poelman cedeu a parte térrea da casa paroquial, á rua Rui Barbosa, n.32, onde instalou uma farmácia e consultório médico, para atender aos pobres. A falta de recursos não foi empecilho aquele denodado soldado de Cristo arregimentou a boa vontade dos católicos, especialmente o espírito de sacrificio de quatro ilustres médicos, os drs. Antônio Did Mussi, Biase Faraco, Paulo Fontes e Wilson Mendonça, Aderbal Ramos da Silva, o amigo dos pobres, vem dando substancial apoio à instituição almas de escol, como o de d. Maria Konder Bornhausen e o Almirante Carlos da Silveira Carneiro. (O ESTADO, 06/06/1952, p.08)

Mais uma vez o Almirante Carneiro é apresentado como dotado de uma boa relação com a família do Governador Bornhausen. Com apoio da primeira-dama, ele auxiliou médicos, farmacêuticos e membros da Igreja no auxílio ao tratamento médico dos pobres da capital, portando-se como um bom cristão envolvido em ações de caridade, o que talvez também fosse esperado por membros das classes mais altas.

Um outro espaço social que não poderia deixar de fazer parte dessa sociabilidade seria o meio Comercial, onde junto com o político encontravam-se as pessoas mais abastadas do estado. Como por exemplo na matéria de título “Inaugurado, ontem, o LUX HOTEL”.

Realizou-se, ontem, às 15 horas, no edifício São Jorge, à rua Felipe Schmidt, a inauguração solene do grande e magnífico Lux-Hotel, da firma Machado S. A., festa praça, acontecimento que vem concorrer, para maior progresso de Florianópolis. Àquela hora, foram recepcionados, no luxuoso salão de refeições, no segundo andar, os srs. Governador Irineu Bornhausen, Almirante Carlos da Silveira Carneiro, Comandante do Vº Distrito Naval, Monsenhor Frederico Hobbold, representante do sr. Arcebispo Metropolitano, srs. Celso Ramos, Presidente da Federação das Indústrias, João José de Souza Cabral, Secretário da Justiça, Educação e Saúde, Prefeito Paulo Fontes, Charles Edgar Moritz, Presidente da Federação do Comércio, representantes de estabelecimentos bancários, do comércio e da indústria, bem como da imprensa local, senhoras e senhoritas da alta sociedade florianopolitana. Após, o Monsenhor Frederico Hobbold deu a benção ao novo Hotel, declarando-o inaugurado, recebendo o sr. Osvaldo Machado os cumprimentos dos presentes, feito o que foi servida uma taça de champanhe aos presentes. (O ESTADO, 20/01/1952, p.12)

Pessoas de grande destaque estavam presentes na inauguração do Lux Hotel, e o nome do Almirante Carneiro mais uma vez foi destacado. De acordo com o jornal, ele estava ao lado da pessoa mais importante na época, o governador Bornhausen, entre outras personalidades políticas, empresariais e religiosas da região.

Pode-se perceber que ao longo das matérias citadas para exemplificar a sociabilidade do Almirante em terras catarinenses, alguns nomes se repetem, como Irineu Bornhausen, Paulos fontes e Frederico Hobbold. Isso pode sugerir que, mesmo em diferentes espaços na sociedade de Florianópolis, era comum ter a mesma pessoa circulando em cada um deles, dando a entender que poderiam existir interesses e vantagens que foram estabelecidos propositalmente ou de maneira natural nesses encontros, identificando a existência de redes de sociabilidades.

Argumenta-se que o Almirante Carneiro, enquanto exercia suas funções como Comandante do 5º Distrito Naval em Santa Catarina, construiu e estabeleceu relevantes conexões em diferentes setores da sociedade. Além disso, entende-se o Almirante como uma

figura que já era dotada de um capital social no seu estado natal (RJ) que pode ter auxiliado para que fosse bem-visto nos meios intelectuais e sociais de qual participava em SC, o que pode ter lhe ajudado a construir de maneira fácil uma boa relação local.

## 2.2 Curso de Expansão Cultural

Propõe-se que as conexões locais e o capital social acumulado pelo Almirante propiciaram a possibilidade da elaboração do “Curso de Expansão Cultural” (CEC), que será abordado mais detalhadamente nesta seção. Este foi um empreendimento intelectual de grande porte que envolveu intelectuais catarinenses e de outros Estados na realização de conferências sobre várias temáticas. Não se sabe ao certo como se originou a ideia do curso e os motivos para a sua produção, mas parece ser plausível sugerir que sua idealização partiu do Almirante e que este foi de extrema importância para a idealização da “Enciclopédia de Santa Catarina” como expõe Arnaldo S. Thiago em sua obra “História da Literatura Catarinense” ao falar sobre o Almirante e sua contribuição intelectual:

Na parte intelectual, [o Almirante] lançou as bases do Curso de Expansão Cultural, sendo daí que provém a sua empolgante iniciativa da Enciclopédia de Santa Catarina que tornará nosso Estado, de tantas tradições e tão rico em suas produções, amplamente conhecido e admirado. (1957, s/p)

Em uma extensa matéria publicada no jornal “O Estado” estão presentes uma série de informações sobre o projeto do Curso. Segundo exposto, na Biblioteca Pública de Santa Catarina em 28 de fevereiro de 1952 foi definida em reuniões a elaboração do CEC, tendo como presidente o Almirante Carlos da Silveira Carneiro, Carlos da Costa Pereira como diretor e Zedar Perfeito da Silva no papel de secretário (O ESTADO, 28/02/1952, p.05). Neste momento, essas três pessoas, pelo que é possível sugerir, eram as principais figuras à frente do curso. Na mesma matéria estão expostas várias outras personalidades importantes que foram apresentadas como membros efetivos. Não se sabe ao certo se estariam envolvidas diretamente na organização ou se foram as primeiras pessoas a se prontificaram a apoiar a iniciativa. A lista dos que foram apresentados desta forma, até o momento:

Dr. João José de Souza Cabral, Secretário do Interior e Justiça, Educação e Saúde; Prof. Henrique da Silva Fontes, Presidente do Instituto História e Geográfico de Santa Catarina; Des. Urbano Müller Salles, Diretor da Faculdade de Direito de Santa Catarina; dr. Polydoro Ernani de S. Thiago, Diretor da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Santa Catarina; Padre

João Alfredo Rohr, Diretor do Colégio Catarinense; dr. Osvaldo Rodrigues Cabral, Secretário Geral da Comissão Catarinense de Folclore; dr. Vitor Peluso, Diretor do Departamento Estadual de Geografia e Cartografia; sr. Carlos da Costa Pereira, Diretor da Biblioteca Pública; e jornalista Zedar Perfeito da Silva, Diretor do “Diário da Manhã”. (O ESTADO, 28/02/1952, p.05)

Os membros efetivos, em sua maioria, eram figuras centrais de instituições de ensino, centros intelectuais e do meio político. Sendo esses espaços de grande importância para o Estado de SC, o curso iniciaria com um forte apoio e legitimidade. Como será analisado durante o capítulo, alguns deles chegam a atuar no curso como palestrantes, recepcionando convidados de outras regiões e responsável pela abertura de atividades durante o evento.

Segundo a mesma matéria, os temas escolhidos para fazer parte do evento eram de “qualquer ramo da cultura”, mas apenas um de cada tema para “evitar-se repetições e polêmicas”. As inscrições eram prévias e destinadas a um seleto grupo de “professores, advogados, engenheiros, médicos, intelectuais, oficiais das Forças Armadas, alunos de escolas superiores, jornalistas, funcionários públicos, comerciantes, industriais”, embora também poderiam ser destinadas a “todos que se interessam pelas questões científicas, artísticas e literárias” (O ESTADO, 28/02/1952, p.05). Sendo assim, na prática o curso foi elaborado e direcionado para a elite do Estado, excluindo qualquer pessoa dos setores mais baixos a partir do momento que as formações e os interesses são exemplificados.

As conferências dos cursos tinham por orientação o tempo determinado de no mínimo 50 minutos e no máximo 60 minutos, podendo ser lidas ou não, no entanto era necessário estar por escrita “para conseqüente publicação”. Foi acordado com o número de 12 conferências, sendo 6 catarinenses de “comprovada cultura” e 6 de “verdadeiros expoentes da cultura no cenário nacional”. Entre os nomes que foram convidados

Incluindo o Almirante Carlos da Silveira Carneiro, foram convidados o Embaixador Edmundo da Luz Pinto, Ministro Luiz Galotti, dr. Osvaldo Rodrigues Cabral, dr. Vitor Peluso e Prof. Antônio Mancio da Costa. Serão convidados: Prof. Pedro Calmon, Almirante Alvaro Alberto, Prof. Fernando de Azevedo, dr. Augusto Frederico Schimdt já aceitou o convite. (O ESTADO, 28/02/1952, p.05).

As conferências ficaram marcadas para os meses de abril e maio de 1952 (as datas sofreram alterações ao longo do ano) e, para a sessão inaugural do curso, foi “especialmente convidado” o sr. Ministro da Educação e Saúde (Ernesto Simões Filho) e que seria depois saudado pelo Secretário do Interior e Justiça, Educação e Saúde (João José de Souza Cabral) – que tiveram que ser substituídos por outras personalidades, conforme será possível visualizar



posteriormente quando serão apresentados os palestrantes. As pessoas inscritas que assistiriam todas as conferências oferecidas receberam um “diploma do Curso de Expansão Cultural”, que “valerá como prova de títulos ou aferição de merecimento”. (O ESTADO, 28/02/1952, p.05). O documento abaixo é um exemplo do diploma dado pelo curso ao historiador Walter Fernando Piazza:

Figura 6 – Diploma do Prof. Walter Fernando Piazza



Fonte: CURSO DE EXPANSÃO CULTURAL, s/data

Este diploma está presente na Coleção Professor Walter Fernando Piazza<sup>19</sup> no Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas (IDCH) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). É possível sugerir que a guarda deste documento pode estar relacionada com um cuidado e reconhecimento da relevância desta formação por parte de Walter Piazza. O documento foi muito bem guardado, está em excelentes condições. Não se sabe se o diploma é da primeira ou segunda edição do curso. Percebe-se que o impresso é ricamente adornado e possui com maior destaque a assinatura do Almirante Carneiro, com logo abaixo do diretor Carlos da Costa Pereira e do secretário Zedar Perfeito da Silva. O diploma foi confeccionado, pelo que é possível visualizar, pela Biblioteca Pública, que era uma instituição

<sup>19</sup>Sobre a coleção cf. (COLEÇÃO WALTER PIAZZA, s/d)

do Governo do Estado de Santa Catarina, isto é, ressaltando o grau de oficialidade do Curso junto ao Estado.

Conforme as próprias assinaturas do documento acima indicam, pode-se dizer que o CEC contava com algumas figuras principais, o Almirante Carneiro, Costa Pereira e Zedar Perfeito da Silva, que seriam detentoras da palavra final sobre qualquer aspecto do evento. Ao mesmo tempo, percebe-se que se buscou integrar todos os participantes em sua construção, como é possível notar na matéria transcrita a seguir, de 18 de maio de 1952, que tinha como título “Curso de Expansão Cultural”:

Realiza-se hoje, às 20 horas, no salão de conferências do Instituto Dias Velho, uma reunião preliminar dos inscritos no Curso de Expansão Cultural, a fim de debaterem assuntos gerais e que muitos contribuirão para o maior brilhantismo desse empreendimento. Não sendo obrigatório o comparecimento, solicita, entretanto, a direção do Curso o interesse de todos pela reunião que constituirá o primeiro passo na efetivação desse certame científicos e literário. Fpolis, 18 de abril de 1952. (O ESTADO, 18/05/1952, p.8)

Apesar de não ser obrigatória a participação dos/as inscritos/as nesta etapa, é possível imaginar que seria importante estar presente neste momento, que contaria com a presença de uma série de autoridades. Ao mesmo tempo, tal matéria poderia auxiliar na apresentação do curso como construído de maneira mais democrática, ainda mais tendo em vista que ele recebeu financiamento público.

No dia 24 de maio de 1952 depois de “uma série de reuniões preparatórias”, iniciou às 18 horas o CEC que, conforme exposto na matéria, contou com uma média de 400 inscritos que pertenciam a diferentes profissões. O Governador de São Paulo Lucas Garcez foi o primeiro convidado a se apresentar no CDA. A entrada para o evento era gratuita, sendo esse um “empreendimento notável, o primeiro do gênero a realizar-se em território nacional”. (O ESTADO, 24/05/1952, p.08)

Segundo o historiador Walter Piazza, no capítulo “O Doze e a vida cultural de Florianópolis”, o CDA foi o local escolhido como sede do evento. Ainda segundo o autor, o curso foi financiado pelo Governo do Estado de Santa Catarina durante a gestão de Bornhausen, o que mostra um interesse e um investimento financeiro do Estado com o crescimento cultural e intelectual de produção própria. Walter Piazza também aponta que nesse período estava sendo idealizada a Faculdade Catarinense de Filosofia, que em 1955 teve sua aula inaugural. (1991, p.200)

O jornal “O Estado”, ao que parece, se tornou uma espécie de órgão oficial das notícias sobre o CEC, onde nele eram encontrados as informações gerais, atualizações, andamento dos trabalhos e de atendimento aos/às participantes. Era necessário esse recurso de informação para quem estava acompanhando o evento, pois as citações apontadas anteriormente sobre como seria a programação e convidados mudou bastante ao longo do ano.

As notícias normalmente se encontravam na página 8 do jornal, que também era a última. Pode-se dizer que era um local de destaque no periódico. Esta página era muito semelhante a primeira, pois, nela constava o nome “O Estado” em destaque, bem como o local a data de publicação.

O CEC ficou organizado com a abertura de Lucas Garcez, então Governador de São Paulo (SP). Sua carta para o Almirante Carneiro aceitando ir ao evento foi divulgada no jornal com o título “Carta n. 3.350, de 16 de abril de 1952, do Gabinete do Governador do Estado de São Paulo:

Excelentíssimo Senhor/Contra-Almirante CARLOS DA SILVEIRA CARNEIRO/Saudações respeitosas/Acuso o recebimento de sua carta de 19 de março p. findo em que Vossa Excelência, em nome do grupo organizador do Curso de Expansão Cultural, teve a gentileza de me convidar para pronunciar uma conferência da série que o Curso está promovendo em Florianópolis. /Tomando conhecimento, pela leitura da carta de Vossa Excelência, dos elevados propósitos culturais desse Grupo de estudiosos, manifesto a Vossa Excelência minha satisfação pela importante iniciativa que vem, mais uma vez, confirmar as tradições intelectuais da gente catarinense. /Recebi como grande honra para minha pessoa, o convite para participar dessa iniciativa e estou pronto para ir a Florianópolis, na segunda quinzena de maio a fim de prestar, minha desvaliosa colaboração com os ilustres patricios em sua alta empresa cultural. /Poderei pronunciar estão uma palestra sob o tema “A ação do engenheiro do domínio da saúde pública”, assunto que é da esfera da minha especialização como professor da Universidade de Santa Paulo. Será para mim uma oportunidade, realmente grata e feliz de travar conhecimento com os intelectuais catarinenses. /Agradecendo a Vossa Excelência a honra com que me distinguiu com esse convite e pedindo a fineza de me comunicar, com razoável antecedência, a composição definitiva do programa a ser cumprido na ocasião, subscrevo-me com os protestos de meu alto apreço e distinta consideração. /(Ass.) Lucas Nogueira Garcez – Governador do Estado. (O ESTADO, 24/04/1952, p.06)

A transcrição no jornal de correspondências enviadas pelos conferencistas convidados ao Almirante Carneiro ocorreu mais de uma vez. Elas seguiriam um determinado padrão de agradecimentos e elogios à iniciativa do Curso, ao Almirante Carneiro, aos cidadãos do Estado etc. Apesar das correspondências serem, na maioria das vezes, objetos de foro pessoal que não deveriam ser divulgadas, foi possível perceber que aquelas que foram transcritas pareciam ter sido escritas tendo em vista, justamente, a possibilidade de uma maior difusão de seu conteúdo.

A divulgação das correspondências poderia servir tanto para publicizar o Curso e a sua programação quanto legitimar a sua importância ou reconhecimento.

No caso do convite ao então Governador de SP, não foi possível identificar se o Almirante Carneiro e o próprio frequentaram as mesmas instituições, além de que o atual Governador de SC não fazia parte do mesmo partido de Garcez. Sugere-se que houve um maior peso nos seus méritos intelectuais e do reconhecimento por sua posição como mandatário do Estado de SP para que fosse efetivado o seu convite, do que necessariamente de alguma afinidade pessoal.

Nos dias seguintes, várias foram as matérias falando da sua chegada ao Estado e de seu itinerário até o dia da conferência, que ocorreu na abertura do CEC, no CDA. Em sua chegada no dia 24 de maio de 1952, ele foi recepcionado no Palácio do Governo onde se “encontrava uma Companhia da Polícia Militar, que lhe prestou as honras de estilo” e no local estavam “chefes de repartições estaduais e federais e exmas. Famílias”. (O ESTADO, 25/05/1952, p.12)

Logo seguiu para um almoço realizado no Lira Tennis Clube oferecido pelas “classes produtoras”, e na ocasião Charles Edgar Moritz que era Presidente da Federação do Comércio fez um discurso em homenagem a Garcez que foi colocado como anexo nesta mesma edição do jornal.

O CEC teve seu início neste mesmo dia no final da tarde, no CDA, que foi presidida pelo Almirante com seu discurso e com uma fala do Governador Bornhausen, após as solenidades, Garcez leu sua conferência de tema “A ação do engenheiro no domínio da Saúde Pública” (O ESTADO, 25/05/1952, p.12)

A segunda conferência realizada pelo evento foi a do engenheiro Vitor Peluso Diretor do Departamento Estadual de Geografia e Cartografia no dia 07 de junho de 1952 que teve como tema a “fisiografia do solo” (O ESTADO, 05/06/1952, p.06). O assunto de sua palestra pouco foi noticiado no jornal, sendo ofuscada pelos ânimos por causa da vinda de Nelson Hungria, Ministro do Supremo Tribunal Federal.

Hungria chegou com sua esposa no dia 14 de junho de 1952 e iniciou sua viagem por Itajaí e no mesmo dia foi recepcionado no Palácio do Governador. Na Capital foi recebido pela Magistratura catarinense e pela Ordem dos Advogados para o almoço no Lira Tennis Clube, e sua esposa na mesma hora teve um encontro no CDA com “as senhoras e senhoritas do Curso de Expansão Cultural”. Isso mostra como na sociedade os papéis esperados para cada gênero era dividido, no caso de Hungria sua função como representante da lei só poderia ser dividida com os pares, enquanto sua esposa, ao que tudo indica, teve um almoço sem assuntos profissionais com outras mulheres.

À tarde visitou o Tribunal de Justiça, Penitenciária do Estado e a Assembleia Legislativa e “saudou” o deputado Lenoir Vargas. A conferência de Hungria estava marcada para às 17 horas do mesmo dia com o tema “Criminalidade Passional”, sendo apresentado pelo Dr. João José de Souza Cabral, que era professor da Faculdade de Direito e membro da comissão do curso (O ESTADO, 14/06/1952, p.08). Pode-se perceber uma diferença de tratamento dos membros do evento e da imprensa sobre a conferência de Hungria e Garcez em comparação com a de Vitor Peluso, pois a recepção dos dois primeiros foi muito mais exaltada e que vários membros da sociedade se dispuseram a estar nesses encontros, cujas personalidades possuíam um reconhecimento nacional.

Em uma sucinta matéria no jornal foi divulgada a quarta palestra do evento, que foi presidida no dia 21 de junho de 1952 pelo “ilustre acadêmico de letras e insigne médico Dr. Peregrino Júnior” e membro da Academia Brasileira de Letras com a conferência de tema “Problemas Psicológicos no romance brasileiro”. Chegando na cidade, visitou os Hospitais “Nereu Ramos” e “Caridade”, a noite no CDA recebe um almoço de homenagem feita pela Sociedade Catarinense de Medicina. (O ESTADO, 20/06/1952, p.08)

A quinta conferência foi presidida pelo catarinense Osvaldo Rodrigues Cabral no CDA no dia 05 de julho de 1952. Na matéria é exposto que “a culta sociedade florianopolitana terá oportunidade” de ouvir a conferência que ocorrerá “nos amplos salões do Clube 12 de Agosto” sobre o “problema do ‘Folclore Mundial’”. No modo como Cabral é apresentado, é exposto o seguinte:

Além de ser o Diretor do Boletim Trimestral de Folclore, editado em nossa Capital com repercussão no país e no estrangeiro, é também o conferencista Secretário Geral da Sub-Comissão Catarinense de Folclore. No último Congresso Nacional de Folclore, em começo do ano na capital da República; foi o dr. Osvaldo Rodrigues Cabral um dos congressistas mais brilhantes naquele certame cultural. / O talentoso e culto escritor Carlos da Costa Pereira, Diretor do Curso de Expansão Cultural, fará a apresentação do conferencista (O ESTADO, 03/07/1952, p.3).

Assim como em outros casos, percebe-se como na matéria há a construção da ocasião como grandiosa, sobretudo através do vocabulário utilizado para abordar o evento e os seus participantes. Nesse sentido, é construída a importância do espaço onde a conferência irá ocorrer, de que o seu público seria distinto e de que o conferencista, além de atuar em um impresso com projeção nacional e internacional, foi um dos mais “brilhantes” congressistas na Capital da República.

É possível compreender essas matérias como construtoras de “representações”, seja sobre o Almirante Carneiro, os conferencistas, o Estado de Santa Catarina, o Governo do Estado etc., sempre elevando a relevância de tudo que se refere ao curso, mas com certas hierarquias, principalmente entre os convidados. Entende-se “representação” a partir das reflexões de Roger Chartier sobre esta noção, ao escrever sobre elas serem uma determinada apresentação do que se é representado, ou seja, existe uma clara distinção entre o que se representa e o que se é representado (CHARTIER, 2002, p.74).

Até o dia 03 de julho de 1952, havia a expectativa de que o Embaixador Osvaldo Aranha estaria presente no CEC e um churrasco seria ofertado a ele como exposto na matéria do jornal de título “Churrasco ao Exmo. Sr. Embaixador Osvaldo Aranha”:

Em virtude do Embaixador Osvaldo Aranha, ter transferido sua visita à Florianópolis, para o próximo dia 12 do corrente na Livraria Xavier a lista de adesões para o churrasco que será oferecido a S.Exa. (O ESTADO, 03/07/1952, p.03)

Pode-se sugerir que o churrasco com a presença de Osvaldo Aranha era aberto a todos/as os/as participantes do CEC e que, mesmo tendo um grande prestígio no Brasil, ele foi tratado como uma pessoa próxima e de maneira informal, diferente da recepção dada aos conferencistas anteriores. No dia 09 de julho de 1952, poucos dias depois da transferência do dia conferência, o Almirante Carneiro recebe uma carta do Embaixador com a seguinte mensagem:

Do Dr. Osvaldo Aranha, o Presidente do Curso de Expansão Cultural, recebeu, a seguinte carta: / Poços de Caldas, 1-7-1952. / Meu caro Almirante. / Recebi, aqui em P. de Caldas, sua carta do dia 17. Autorizei, pelo telefone, a fixação do dia 12 para minha decantada palestra. Já lhe havia escrito, ao sair do Rio, nesse sentido. Confesso-lhe que meu propósito fora escrever aqui a “palestra” e daqui, via Paraná, ir à Florianópolis e aí passar uns dias no uso e abuso da generosidade sua e dos catarinenses. O convívio dos bons é, ainda, a melhor forma de repousar. Estava, pois, escrevendo “a palestra” quando, sem qualquer explicação plausível, caí de cama, de onde lhe escrevo, fulminado por uma intoxicação alimentar de consequências sérias. Meu médico, vindo do Rio, o Prof. Antônio Saint Pastons, a quem fiz ver meus planos e desejos e, sobretudo meus compromissos e os seus, em Florianópolis, decidiu, apenas passe a crise, levar-me de volta ao Rio, declarando que preciso de um mês para fixar diagnóstico e recuperar. Não tenho escusas para apresentar-lhe, meu caro Almirante, salvo as das minhas dores e as amarguras desses dias febris. Permita-me, com conforto ao meu inesperado mal, que abuse de sua paciência e de sua bondade para dizer-lhe que, apenas me seja possível, poderei, com seu acordo, tomar avião e ir pessoalmente agradecer-lhe e aos seus companheiros tudo quanto tem feito para me honrar e homenagear. Muito Grato a seu amigo (a) Osvaldo Aranha. (O ESTADO, 09/07/1952, p.03)

A carta de Osvaldo Aranha demorou 8 dias para chegar ao Almirante Carneiro em Florianópolis, o que manteve a organização para a chegada do Embaixador no dia 12, contudo, foi necessário mudar completamente, pois, até o final do evento não houve informação sobre sua visita. Osvaldo Aranha parece ter se mostrado bastante animado para a sua conferência na Capital, e desapontado em não poder cumprir o compromisso.

O curso continuou normalmente com a vinda de Gustavo Barroso, o dia escolhido foi 18 de julho de 1952, uma sexta-feira e, ao que parece, essa data era necessária para que atendesse “a outros interesses dos inscritos e demais pessoas que possam desejar assistir à conferência” (ESTADO, 13/07/1952, p12). O conferencista foi descrito da seguinte maneira:

ilustre acadêmico e diretor do Museu Histórico Nacional, o Dr. Gustavo Barroso, cujo nome dispensa quaisquer apresentações, conhecida como é do Brasil inteiro, a vasta obra literária de várias especialidades, que se tornou autor e dos mais apreciados. (O ESTADO, 13/07/1952, p12)

Ainda na mesma matéria, é exposto que o tema da conferência de Barroso foi “O Brasil em face do Prata”. Por ser um “assunto sempre palpitante para os brasileiros”, esse era um tema previsto pelo curso, que fazia parte da área de “atualidades internacionais no continente americano”. Barroso tinha como previsão a estadia de 4 dias, que neles visitaria:

lugares e monumentos históricos, sempre com a atenção voltada para o estabelecimento que dirige [Museu Nacional], fundou e vem transformando numa bela demonstração que sua parte e do povo pelas glórias de nossos antepassados. (O ESTADO, 13/07/1952, p.12)

A matéria mais próxima que aborda a vinda de Barroso à Florianópolis foi publicada no dia 09 de agosto de 1952, que sem divulgação dos motivos que levaram ao seu adiamento, ocorreria enfim, a sexta conferência do curso (O ESTADO, 09/08/01952, p.08). No dia 12 de agosto o periódico detalhou como foi a sua estadia durante a visita a capital, com a matéria de título “O dr. Gustavo Barroso, historiador dos mais autorizados, mantém um dedo de palestra com o redator de O ESTADO”. Segundo o jornal, Barroso foi “alvo de várias homenagens, após a brilhante conferência”. (O ESTADO, 12/08/1952, p.01)

A entrevista foi cedida ao redator do jornal durante uma visita até a Fortaleza de Anhatomirim. O local sedia a principal fortificação do antigo Sistema Defensivo da Ilha de Santa Catarina, construída em 1739. Além da importância histórica da Fortaleza, esta é uma propriedade da Marinha que durante os anos 1950 ainda mantinha um destacamento de vigilância (GUIA DA FORTALEZA DE SANTA CRUZ DE ANHATOMIRIM, s/data). Em

sua fala, o “ilustre intelectual patricio teve a oportunidade de prestar algumas declarações” com uma pergunta que buscava responder “Qual a sua impressão de Santa Catarina”:

Já estive em Santa Catarina<sup>20</sup> – declarou o dr. Gustavo Barroso – há mais de três lustros e conhecia grande parte do Estado. Tive agora oportunidade de revê-lo e apreciar o seu progresso. Sou um velho admirador desta terra pela sua história e por sua generosa hospitalidade. Agradeço ao Curso de Expansão Cultural ter-me proporcionado o ensejo de um contacto mais íntimo com os intelectuais catarinenses, cuja cultura me deixou verdadeiramente admirado. Alguns já eram meus amigos de longa data, outros meus conhecidos em encontros furtivos e outros nesta ocasião se me revelaram com sua obra e seu talento.” (O ESTADO, 12/08/1952, p.01)

Além dos já esperados agradecimentos e elogios, é possível notar que Barroso constrói o curso como um grande sucesso de Santa Catarina, conforme pode-se perceber abaixo:

Tenho a impressão de que este movimento interessou vivamente todas as camadas sociais em Florianópolis pela assistência que teve ocasião de ver no grande salão do Clube Doze de Agosto. É, na verdade, um movimento digno de todo louvor e de todo o apoio neste momento em que tão pouco se cuida do desenvolvimento intelectual. Considero-o digno ainda de ser imitado em todo nosso país. E me considero feliz por ter trazido a esse admirável Curso a minha modesta colaboração. Encerrando, em meio à contemplação dos mais encantadores quadros da natureza, na Ilha de Anhatomirim, o dr. Gustavo Barroso declarou: ‘Estou gratíssimo à recepção e acolhida que me foi feita, que o estimo e admiro por suas notáveis qualidades de espírito e coração e que lhe deixo com as minhas despedidas aos meus melhores votos para seu desenvolvimento cultural e progresso material’ (O ESTADO, 12/08/1952, p.01)

Apesar de Barroso colocar o curso como de interesse de “todas as camadas sociais”, pode-se sugerir que o evento foi direcionado para uma elite capaz de se apropriar deste tipo de produção intelectual, fora ter ocorrido no CDA, que era um ambiente comumente associado às elites de Florianópolis. Os seus elogios ao curso dão-se a entender como uma propaganda ao governo Bornhausen e ao Almirante Carneiro, como os precursores de um projeto intelectual de grande magnitude e “digno ainda de ser imitado em todo nosso país”.

Durante o tempo que Barroso ficou na capital catarinense e nos passeios que lhe foi oferecido, ao que tudo indica, o Almirante Carneiro foi o seu anfitrião (O ESTADO, 14/08/1952, p.08), o que mostra um grande cuidado que ele tinha para que seus convidados fossem muito bem recepcionados e que ficassem satisfeitos com a “recepção e acolhida”. Pode-

---

<sup>20</sup> Sobre a vinda de Gustavo Barroso, provavelmente ocorreu em virtude de suas atividades durante o Integralismo. Sobre A Ação Integralista Brasileira em Santa Catarina cf. (ZANELATTO, 2007)



se supor que essas ações estavam ligadas às atividades e de como o curso seria visto e lembrado pelos seus conferencistas.

Depois de Barroso, a conferência número sete seria a do Dr. Antônio Carlos Konder Reis, que na época havia renunciado ao seu mandato de Deputado Estadual para assumir como Chefe de Gabinete do Ministro da Agricultura, que também foi necessário ser transferida por motivo de saúde de seu pai. O seguinte telegrama foi transcrito no jornal como justificativa de sua ausência:

Lamento virtude saúde meu pai não ser possível minha ida Florianópolis próximo sábado pt Poderei ir nada havendo em contrário sábado vinte e três pt Saudações. (as) Antônio Carlos. (O ESTADO, 15/08/1952, p. 08)

Diferente da notícia bastante sucinta da mudança da data de vinda de Reis, sua chegada veio acompanhada de uma matéria grande, com o título destacado, foto e o itinerário desde sua chegada ao aeroporto. Sua recepção iniciou no dia 23 de agosto de 1952, e o jornal “O ESTADO” divulgou que o cronograma de atividades contava com:

Às 13,00 – Recepção festiva em frente ao Lux-Hotel. Far-se-ão ouvir na ocasião o Deputado Protógenes Vieira, Presidente da Assembleia Legislativa, e o dr. João Bayer Filho, Secretário da Fazenda. O Dr. Antônio Carlos Konder Reis discursará para agradecer. Tocarão as bandas de músicas do 14º Batalhão de Caçadores, da Polícia Militar e do Abrigo de Menores. Estarão presentes comissões dos colégios “Coração de Jesus”, “Dias Velho” e “Colégio Catarinense”. / Às 14,00 – Almoço íntimo oferecido pelo Major José Augusto de Faria e senhora. / Às 18,00 – Conferência do dr. Antônio Carlos Konder Reis no Clube XII de agosto, versando o tema “Os problemas agrícolas do país”. O jornalista Zedar Perfeito da Silva fará a apresentação do conferencista. / Às 21,00 – Jantar íntimo em Palácio, oferecido pelo Governador do Estado e exma. Sra. Irineu Bornhausen. / **DIA 24** - Às 12,00 – Almoço oferecido pelos amigos e admiradores do dr. Antônio Carlos Konder Reis, no Lira Tennis Clube, sendo convidados de honra o exmo. sr. Governador Irineu Bornhausen e sua excia. Revma. Dom Joaquim Domingues de Oliveira. O ilustre Almirante Carlos da Silveira Carneiro será o orador oficial. / às 16,00 – Recepção no Colégio Coração de Jesus. / às 20,00 – Retrata da banda de música Amor a Arte, na Praça 15 de novembro, em honra do dr. Carlos Konder Reis. / Comandante Álvaro Pereira do Cabo Presidente da Comissão de Recepção. (O ESTADO, 20/08/1952, p.08 / grifo meu)

Em um primeiro momento, é possível dizer que sua recepção contou com um tratamento semelhante que foi conferido para os conferencistas de fora de SC, deste modo, percebe-se que sua vinda contou também com grande mobilização de diversos setores. Isso pode estar relacionado com alguns fatores, desde sua importância como figura política, o seu cargo no Governo Federal, a proximidade entre a família de Konder Reis e Bornhausen que também

faziam parte do mesmo partido (UDN). Apesar de sua vinda ao parece estar relacionado prioritariamente ao CEC, o seu caso, assim como em outros, parece tornar difusa a fronteira entre o evento e os interesses políticos, econômico, partidário ou mesmo familiar dos participantes ou demais envolvidos. Abaixo uma fotografia na ocasião de sua conferência:

Figura 7 – Fotografia de Antônio Carlos Konder Reis no jornal “O ESTADO” (1952)



Fonte: O ESTADO, 11/09/1952, p.03

Na fotografia ele está gesticulando e se dirigindo ao público, sugerindo que foi uma pose espontânea de um momento de sua fala que deveria ser registrada e divulgada. Posteriormente, a conferência de número oito foi a de José Vitorino de Lima, e aconteceu no dia 09 de setembro de 1952 de tema “Plano de siderurgia em Laguna” (O ESTADO, 19/09/1952, p.03). O jornal “O Estado” pouco deu atenção a sua fala no CEC, apenas o periódico “O Tempo” divulgou o seu itinerário em SC, sendo que Lima visitou diversas cidades do Estado.

Pode-se sugerir que a pouca divulgação de sua fala no curso relaciona-se ao caráter político de sua participação, ocasionada por convite do governador Bornhausen e ligada à instalação de uma usina siderúrgica em Laguna (O ESTADO, 25/09/1952, p.08). Percebe-se que a sua conferência foi possível por ele já estar na capital na mesma data, e que teve como objetivo divulgar o projeto da siderúrgica, que foi o tema de sua fala. Durante sua estadia, ele recebeu homenagens e celebrações por parte da imprensa local, como no caso de uma peixada oferecida por jornalistas, que era um cargo que ele também havia exercido na capital federal (O ESTADO, 20/09/1952, p.08).

A nona conferência do CEC foi a do dr. Pedro Calmon, reitor da Universidade do Brasil, no dia 25 de outubro de 1952. Seu tema foi a “Formação Histórica e Social do Brasil” (O ESTADO, 21/10/1952, p.08). Na matéria seguinte sobre Calmon, o periódico expôs o extenso currículo do palestrante e, ao final, assim foi escrito:

Orador empolgante talvez vencesse o concurso popular sobre o Príncipe dos Oradores da atualidade brasileira, como Olavo Bilac venceu, com imensa justiça, o do Príncipe dos poetas. / Este o grande pensador patricio que, amanhã, no Clube Doze de Agosto, proferirá a anunciada conferência sobre o tema: **Formação histórica e social do Brasil**. (O ESTADO, 24/10/1952, p.08 / grifos do autor)

O jornal deixa bem claro um ótimo tratamento e admiração por Calmon, exaltando sua importância com o seu currículo e chegando a compará-lo com o poeta Olavo Bilac. Calmon teceu elogios e demonstrou em seu discurso felicidade por estar em território catarinense, como exposto no jornal:

Respondendo a saudação que lhe fizera o representante do pensamento da mocidade estudantil de Santa Catarina, o sr. Prof. Dr. Pedro Calmon, visivelmente satisfeito, proferiu brilhante e expressivo discurso em que afirmou estar feliz em visitar Santa Catarina, terra cujo passado honra as tradições de cultura do povo brasileiro. Declaro, ainda que estar em Florianópolis é como que encontrar a si mesmo, tantas são as belezas que aqui descortinamos. (O ESTADO, 26/10/1952, p.06)

Após sua recepção, que foi feita no Lux Hotel (O ESTADO, 26/10/1952 p.08), Calmon realizou uma visita na Assembleia Legislativa do Estado, que tinha quase todos os deputados da casa, e teve como representante o Deputado Wilmar Orlando Dias, que proferiu um discurso de boas-vindas. Calmon, em “lapidar improvisado”, disse algumas palavras de agradecimento, o que “arrancou palmas da assistência”. Após esse compromisso dirigiu-se para sua conferência no CEC e ao final da noite foi oferecido um banquete em sua homenagem pelo curso no CDA (O ESTADO, 26/10/1952, p.06). Até o dia 30 de outubro de 1952 ainda eram feitas homenagens e comentários feitos sobre a sua estadia. (O ESTADO, 30/10/1952, p.01)

A próxima e última conferência com um convidado não residente em SC foi a de Munhoz da Rocha, Governador do Estado do Paraná e professor da Universidade do Paraná, que foi realizada no dia 22 de novembro de 1952. Na matéria de divulgação de sua vinda não foi descrito seu itinerário pois ainda estava em organização e seria feito:

de acordo com a S. Exa. O Governador do Estado de Santa Catarina, Sr. Irineu Bornhausen, visto ser desejo de E. Exa. Corresponder à alta distinção conferida aos catarinenses, especialmente aos sectores da cultura, pelo Dr. Munhoz da Rocha (O ESTADO, 20/11/1952, p. 08)

Nota-se que o convite feito para o Sr. Munhoz da Rocha está bastante ligado aos interesses políticos do Governador Bornhausen, o que permite sugerir que seu apoio ao curso era muito mais que apenas um incentivo cultural a SC. Munhoz da Rocha chegou no mesmo dia de sua conferência em Florianópolis, sendo recepcionado na Base Aérea pelo governador e outras autoridades, seguindo para o “Palácio do Governo” para receber “as continências do estilo e a saudação da mocidade estudantil bem como os cumprimentos das pessoas gradas então presentes”. O seu almoço foi com a companhia do Almirante Carneiro no 5º Distrito Naval, e depois de sua fala no CDA compareceu a um “banquete em sua homenagem, oferecido pelo Exmo. Sr. Governador e S. Exma. Esposa”. (O ESTADO, 20/11/1952, p.08)

A última conferência do CEC foi no dia 29 de novembro de 1952 e foi o próprio Almirante Carneiro o responsável por finalizá-lo. O tema de sua fala foi “Reflexões sobre o Tempo, humano e o relativo”. Dá-se a entender que o curso foi finalizado da maneira que tinha sido programada, com 12 conferencistas (O ESTADO, 25/11/1952, p. 06), mas só foram divulgadas 11 delas. O que mostra uma certa desorganização e desatenção da organização do evento, como o atraso de início e finalização do curso e o número de convidados demonstram. De qualquer forma, ao que tudo indica, esses empecilhos não foram de grande importância para o sucesso do evento, tanto que segundo a matéria do jornal, antes do seu último dia já estava sendo divulgado a sua segunda edição que, organizada pelo Almirante Carneiro, aconteceu no ano seguinte. (O ESTADO, 25/11/1952, p. 06).

Foi possível perceber que havia um certo perfil comum entre os conferencistas do curso. No quadro abaixo foram sintetizadas algumas informações sobre os palestrantes:

Quadro II – Dados sobre os conferencistas do CEC<sup>21</sup>

<b>Nome<sup>22</sup></b> <b>Data de nascimento e morte / Estado de Nascimento</b>	<b>Cargo principal quando chamado<sup>23</sup></b> <b>Local onde atuava</b>	<b>Tema e data da conferência</b>	<b>Outras informações (até 1952)</b>
Lucas Nogueira Garcez	Governador de São Paulo	A ação do engenheiro no domínio da saúde pública	Formado em engenharia (USP, 1936), tendo atuado na área; professor, trabalhou na

<sup>21</sup> Todos os temas e datas das conferências foram retirados de jornais catarinenses do período.

<sup>22</sup> A escrita dos nomes sofria alterações nas diferentes fontes.

<sup>23</sup> Conforme exposto nas matérias respectivas sobre a vinda de cada um.

1913-1982 / São Paulo, SP	São Paulo	24/05/1952	administração de Ademar de Barros como Secretário de Viação e Obras Públicas; membro do Partido Social Progressista (PSP);
Victor Antônio Peluso Júnior  1909-1994 / Florianópolis, SC	Diretor do Departamento Estadual de Geografia e Cartografia  Santa Catarina	Fisiografia do solo  07/06/1952	Formado como Engenheiro-Geógrafo; foi professor; Atuou como secretário da Agricultura e Viação e Obras Públicas; Membro do IHGSC;
Nelson Hungria Guimarães Hoffbauer  1891-1961 / Além Paraíba, MG	Ministro do Supremo Tribunal Federal  Rio de Janeiro	Criminalidade passional  14/06/1952	Formado em Direito no Rio de Janeiro; foi promotor de justiça e juiz; participou da elaboração do Código de Processo Penal, da Lei de Contravenções Penais e da Lei de Economia Popular; Jurista de grande notabilidade
João Peregrino Jr. da Rocha Fagundes  1898-1983 / Natal, RN	Médico	Problemas psicológicos do romance brasileiro  21/06/1952	Jornalista; Contista; Ensaísta; formado em medicina em 1929 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; Professor Universitário; membro de Academia Brasileira de Letras;
Oswaldo Rodrigues Cabral  1903-1978 / Laguna, SC	Historiador  Santa Catarina	Folclore Mundial  05/07/1952	Médico, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1929; Professor; Escritor; Militar; Membro do IHGSC, da qual também foi Presidente; Membro da Academia Catarinense de Letras desde 1938; Deputado Estadual pela UDN na Assembleia Catarinense (1951-1955)
Gustavo Barroso  1888-1959 / Fortaleza, CE	Diretor do Museu Histórico Nacional  Rio de Janeiro	O Brasil em face do Prata  09/08/1952	Membro da Academia Brasileira de Letras; Professor; Ensaísta e Romancista; tradutor; bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro; Fundador do Museu Histórico Nacional; Membro de diversas academias e instituições; Envolvido em diferentes atividades culturais
Antônio Carlos Konder Reis  1924-2018 / Itajaí, SC	Chefe de Gabinete do Ministro da Agricultura  Rio de Janeiro	Os problemas agrícolas do país  23/08/1952	Bacharelou-se em Museologia pelo Museu Histórico Nacional; Formado em Direito e Economia pela PUC do Rio de Janeiro; filiado à UDN, foi eleito deputado da assembleia legislativa de SC por dois mandatos; Chefe de Gabinete do Ministro da Agricultura de 1952 a 1954; fez parte do

			Instituto Nacional do Pinho de 1951 a 1954
José Vitorino de Lima - / _ <sup>24</sup>	Jornalista Rio de Janeiro	Plano de siderurgia em Laguna 20/09/1952	Foi Professor, Escritor; Membro de diversas associações; Chefe do Serviço de Imprensa da Presidência da República; Secretário do Comitê de Imprensa do Senado Federal; Diretor do <i>Bureau</i> dos jornais do Interior; Jornalista de grande projeção, tendo sido inclusive diretor de periódicos
Pedro Calmon Muniz de Bittencourt 1902-1985 / Amargosa, BA	Reitor da Universidade do Brasil Rio de Janeiro	Formação histórica e social do Brasil 25/10/1952	Membro da Academia Brasileira de Letras, sendo recebido por Gustavo Barroso; Formou-se em Direito pela Universidade do Rio de Janeiro; Secretário Particular do Ministro da Agricultura; Escritor; Conservador do Museu Histórico Nacional; Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, dentre outras associações; foi eleito deputado estadual e federal pelo Estado da Bahia; Ministro da Educação e Saúde de 1950 a 1951; Professor universitário
Bento Munhoz da Rocha Neto 1905-1973 / Paranaguá, PA	Governador do Paraná Paraná	22/11/1952	Formado em engenharia pela Universidade do Paraná; eleito Deputado pela UDN da Assembleia Constituinte em 1946; Professor da Universidade do Paraná
Carlos da Silveira Carneiro		Reflexões sobre o tempo / Humano e o Relativo 29/11/1952	

Fonte: Quadro elaborada pela autora a partir dos seguintes materiais: (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, s/data); (BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETO, s/data); (GUIDI, 2010); (JORNAL DO BRASIL, s/data); (LUCAS GARCEZ, 2022); (MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA, s/data); (NELSON HUNGRIA, UM ARGUMENTO, s/data);

Pelo que foi possível perceber, com a exceção de José Vitorino de Lima (a quem não foi possível encontrar muitos dados biográficos), todos os participantes possuíam curso superior, o que pode ser considerado como um capital de grande raridade para o período. Eles participavam de diferentes associações, eventualmente da vida política, além de atuarem como

<sup>24</sup> Não foram encontradas informações precisas sobre a sua data de nascimento, falecimento ou de sua cidade natal. Um indício encontrado foi uma nota de título “José Vitorino de Lima” na qual está ele foi viajar para Recife em visita de seu genitor que estava enfermo. Neste momento, José Vitorino era assistente técnico do mesmo periódico carioca onde saiu a notícia. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 23/09/1949, p.2).

intelectuais através da publicação de livros e textos em jornais. No caso das pessoas de fora de SC, o Estado do Rio de Janeiro era seu principal lugar de origem ou de atuação profissional no momento.

Segundo uma matéria do jornal, após a primeira edição do curso seria feito um livro com todas as falas nas conferências, a ser entregue gratuitamente aos/as participantes, o que acabou sofrendo atraso porque dois dos convidados tinham como exigência a revisão para a publicação de sua fala<sup>25</sup>. Na mesma matéria está a divulgação da abertura da inscrição do segundo ciclo do CEC – que será abordado no próximo capítulo – que tinha como prazo final o dia 15 de junho de 1953 e era recomendado para os/as que participaram na primeira edição. Diferente da primeira edição, nesta foi divulgada uma grande lista com os nomes das pessoas que já tinham se inscrito. (O ESTADO, 04/06/1953, p.06)

De uma maneira geral, foi possível perceber que o Almirante Carneiro logo se inseriu muito bem em diversos setores da sociedade catarinense no período que residiu em Florianópolis. É possível argumentar que isso se deu por ele já ser uma figura de destaque na Capital Brasileira, além da importância de seu cargo associada à reputação de compromisso com suas funções. Em outras palavras, quando chegou na cidade, o Almirante Carneiro já estava inserido em uma rede de sociabilidade<sup>26</sup> que deve ter lhe auxiliado a ser reconhecido e aceito por personalidades do meio político ao cultural.

A imprensa parece ter dado bastante visibilidade às suas ações como Comandante do 5º Distrito Naval, mas também como uma personalidade bem atenta aos problemas e atividades que ocorriam pelo Estado. Houve uma construção do Almirante Carneiro como um bom militar, cidadão e intelectual, além de muito bem-querido entre os mais variados grupos sociais. Sugere-se que isso possa estar relacionado com um empenho e iniciativa do Almirante Carneiro em buscar fazer parte da sociedade catarinense e não apenas limitando-se as obrigações do seu cargo.

Todos esses fatores podem ter contribuído para o sucesso e fácil aderência das mais diferentes pessoas no Curso de Expansão Cultural. O curso foi muito noticiado pela imprensa, contou com a participação de personalidade de grande relevância, entre SC e de importância Nacional. De maneira geral, a imprensa deu mais destaque aos conferencistas externos, pode-se sugerir que isso se deu por ser uma novidade ter essa diversidade de personalidades em apenas um ano no Estado. Em alguns dos casos, a vinda do conferencista estava mais relacionada com compromissos, convite e interesse do Governador Irineu Bornhausen, cujo

---

<sup>25</sup> Até o momento não tive acesso a uma edição do livro, e nem informar se o livro chegou a ser impresso.

<sup>26</sup> Sobre este tema, cf. (GOMES, 1993)

apoio ao curso também estava vinculado à possibilidade de trazer pessoas que poderiam contribuir para o engrandecimento do Estado e propaganda de suas ações.

A partir disso, no próximo capítulo propõe-se analisar a segunda edição do Curso de Expansão Cultural que, por sua vez logo em seu início já trazia a proposta de elaboração da Enciclopédia de Santa Catarina. Nesse sentido, também será problematizado o processo de criação deste empreendimento intelectual, desde as viagens do Almirante para divulgação, busca por apoio e materiais para sua produção bem como seus/suas envolvidos/as.



### Capítulo III – O Gigante da Enciclopédia

No capítulo anterior, intitulado *O Almirante em Santa Catarina: sociabilidades e o Curso de Expansão Cultural*, foi possível observar a boa inserção do Almirante Carneiro em terras catarinenses. Percebeu-se o bom diálogo entre os diversos setores da sociedade, como intelectuais, políticos e a mídia local, e como foi ganhando visibilidade e reconhecimento entre estes espaços. Essa boa relação fez com que fosse possível o projeto do primeiro Curso de Expansão Cultural, e o envolvimento das personalidades do Estado.

Este terceiro e último capítulo pode ser entendido como um desdobramento do anterior, acompanhando de maneira temporal e temática. Pretende-se compreender a elaboração do segundo ciclo do curso depois do sucesso de sua primeira edição. Quais foram as pessoas que estiveram à frente do projeto, bem como o incentivo do Governo Estadual, qual as personalidades que vieram ser conferencistas para esta edição e a idealização da Enciclopédia de Santa Catarina.

A produção de uma enciclopédia já era algo idealizado Brasil, o IHGB teve uma tentativa desse modelo com o *Dicionário Histórico, Geográfico e etnográfico do Brasil*<sup>27</sup>, em 1922. Posteriormente um outro projeto foi proposto pelo *Instituto Cayrú* em 1936, tendo como inspiração a Enciclopédia britânica e italiana, sendo este instituto transferido para o *Instituto Nacional do Livro*. Por fim, durante vários anos houve a produção e a tentativa de elaboração de várias enciclopédias, sendo elas com vários modelos e temas. (TAVARES, 2016, p.16)

O Almirante Carneiro não estava sendo “original” quando esteve frente a elaboração da ESC quando pensamos em projeção Nacional. No entanto, pode-se sugerir que para Santa Catarina, este foi um projeto de grande porte e que conseguiu mobilizar diversos setores locais com apenas um objetivo. Tal empreendimento também auxiliou no desenvolvimento de novas pesquisas e modelos de produção, bem como no levantamento de obras e documentos diversos.

---

<sup>27</sup> Projeto do qual Almirante Carneiro foi um de seus colaboradores.

### 3.1 - Segundo Ciclo do Curso de Expansão Cultural

Em 1.952, depois de uma série de reuniões preparatórias, teve início, nesta cidade, o Curso de Expansão Cultural, sob a Presidência de seu incansável, idealizador, Almirante Carlos da Silveira Carneiro, Comandante do 5º Distrito Naval, tendo como Diretor e Professor Carlos da Costa Pereira, Diretor da Biblioteca Pública, e Secretariado pelo Jornalista e Romancista ZEDAR Perfeito da Silva. Empreendimento notável, o primeiro no gênero a realizar-se em território nacional, o Curso de Expansão Cultural compreendeu uma série de conferências pronunciadas por elementos de comprovada cultura. (O ESTADO, 21.05.1953, p.05)

E foi de maneira elogiosa que o periódico “O Estado”, na sessão “Hoje no Passado”, que tinha como objetivo relembrar seus/as leitores/as de grandes acontecimentos do Brasil. O periódico não perdeu a oportunidade de elogiar o Almirante Carneiro e de sempre frisar que foi o “idealizador” do CEC. (O ESTADO, 04.06.1953, p.06)

Ao que tudo indica, o segundo ciclo do CEC estava bem mais organizado que o anterior, claramente pelo fato de que o primeiro ciclo ter sido o único do gênero, seria normal erros ocorrerem. Levando em conta que foi uma dinâmica nova para a capital catarinenses, com convidados de importância nacional, diversas palestras e inscitos. Foi preciso organizar o espaço das conferências, recepção, horários, tudo sendo adaptado de acordo com a necessidade.

As inscrições do segundo ciclo foram feitas até o dia 15 de junho de 1953, na Biblioteca Públicas e nos estabelecimentos de ensino, mantendo os mesmos locais da edição anterior. E segundo o jornal “O Estado”, o curso era destinado “às pessoas de cultura geral que se classifica, normalmente, como as possuidoras dos cursos clássicos e científicos”. Pode-se sugerir que ao dizer “pessoas de cultura geral”, o CEC queria mostrar ao povo catarinense que todos/as poderiam ir, mas quem possuía os “cursos clássicos e científicos” ficariam mais “à vontade” com o ambiente. (O ESTADO, 04.06.1953, p.06)

Era incentivado e indicado que alunos/as que participaram do ciclo anterior também fizesse a inscrição do segundo. Para melhor atender os/as inscitos, foi noticiado que o evento ocorreria aos sábados à tarde, “porque se supõe ser o dia que acarreta menores perturbações nos deveres quotidianos dos cursistas”. O que pode sugerir que houve reclamações de pessoas que não puderam comparecer por causa de seus horários. Depois de todas as especificações, foi colada uma longa lista das pessoas já inscritas no segundo ciclo do CEC. Os nomes eram dos mais diversos, homens, mulheres, membros da Igreja etc. (O ESTADO, 04.06.1953, p.06)

Um mês depois, o jornal publica mais uma grande lista de inscitos no curso, e frisando como “pertencentes à elite intelectual de Florianópolis”. O CEC tinha como objetivo nesta

edição, que além das conferências, também queria abrir para debate com os cursistas, sobre temas da atualidade previamente exposto para sugestão e que seja aprovado pelo evento (O ESTADO, 12.07.1953, 06). A segunda edição do CEC já se mostra diferente da primeira desde o início, deixando bem claro o público que foi convidado e que seria aceito. A questão de abrir para debate, pode-se sugerir uma vontade dos organizadores de produzir algum material que fosse de interesse dos/as participantes.

No mês de agosto, quando já estava chegando à data prevista para abertura das conferências, mais uma lista de inscitos foi divulgada, mostrando um grande interesse de que todos os nomes fossem divulgados. Além da divulgação do palestrando, também estava um lembrete para que os/as cursistas fossem até a Biblioteca Pública, a fim de pegar um folheto de divulgação com o título “Enciclopédia de Santa Catarina”. Não foi encontrado como este tema apareceu, se foi em uma reunião ou se já estava em acordo com os diretos do evento. (O ESTADO, 02.08.1953, p.02)

O Clube 12 de Agosto continuou sendo o espaço para a realização das conferências, e como já divulgado, essa edição foi organizada para acontecer aos sábados. O primeiro palestrando foi o Dr. Laerte de Macedo Munhoz e se apresentou no dia 15 de agosto de 1953, às 17 horas e 30 minutos, com o título “A Legítima defesa da Honra”.

Como na edição do ano anterior, o jornal “O Estado” ficou responsável pela divulgação do evento e itinerário dos participantes. O Dr. Munhoz chegou de avião e foi homenageado com um jantar dado pelo Presidente da Assembleia Legislativa, e os professores da Faculdade de Direito fizeram um almoço no domingo após o evento. Dr. Munhoz era professor da Universidade do Paraná e presidente da Assembleia Legislativa do mesmo Estado. (15.08.1953, p.08).

No final da mesma matéria, parece que o CEC mudou a linguagem em relação a “povo catarinense” que o evento estava sendo divulgado, se no início era para um grupo com “cursos clássicos e científicos”, nesse momento viram a necessidade de deixar registrado que:

Como é de amplo conhecimento do povo de Florianópolis, o Curso de Expansão Cultural, que vive em sua homenagem, somente organiza sessões públicas e assim naturalmente estão convidados todos que interessam pela divulgação dos assuntos relativos as ciências, artes e letras na nossa encantadora metrópole “barriga verde”. (O ESTADO, 13.08.1953, p.06)

Houve uma mudança no “tom” da divulgação do evento, pode-se sugerir que a necessidade de publicar esse esclarecimento sobre o público alvo do evento está relacionado com alguma reclamação feita pela população, tendo em vista que o curso era pago com o dinheiro público.

A segunda conferência foi realizada no dia 5 de setembro de 1953, às 17 horas e 30 minutos, com o diretor do Museu do Rio Grande do Sul, o Dr. Manoelito de Ornellas de tema “A gênese do gaúcho riograndense”. A justificativa se sua fala foi por causa das

Afinidades entre gaúchos e catarinenses, observando-se na zona fronteira entre os dois Estados tipos os mais semelhantes, quase a não se diferenciarem como gaúchos, catarinenses ou riograndenses que o assunto merecerá a maior atenção de sociedade culta que frequenta o curso. (O ESTADO, 04.09.1953, p.08)

Tal debate sobre as similaridades do povo destes dois estados sulistas pode estar relacionado com o projeto da Enciclopédia de Santa Catarina, e a tentativa de identificar e “delimitar” a identidade catarinense.

Segundo o jornal, o Dr. Ornellas foi recebido por um grande número de admiradores e o Almirante Carneiro lhe ofereceu um jantar no Lux Hotel, e também foi homenageado pelo Esperidião Amin<sup>28</sup> com um churrasco em sua casa. (O ESTADO, 05.09.1953, p.08)

A direção do CEC projetou o evento para que tivesse na sua lista de conferencista quatro personalidades locais, o primeiro entre eles foi a do Monsenhor Manfredo Leite, que foi o “primeiro dos conterrâneos a honrar a elite “intelectual barriga-verde” com suas palavras”. A conferência foi realizada no dia 19 de setembro de 1953, de tema “Belezas e maravilhas da Idade Média”. Monsenhor Leite foi descrito como “ilustre orador e cientista, ex-deputado federal e um dos grandes ornamentos da Igreja Católica. (O ESTADO, 15.09.1953, p.08)

Na próxima matéria sobre o assunto, um pouco mais de detalhes sobre a vinda foi informado. Monsenhor Leite dispensou qualquer tipo de recepção especial, escolhendo ficar na casa de parentes na cidade e também aproveitou a estadia para aceitar um convite da “Irmandade do Bom Jesus dos Passos e Hospital de Caridade” que o convidou para proferir um sermão. O jornal foi muito elogioso e respeitoso sobre o convidado, o que mostra que o CEC escolheu corretamente uma figura que pudesse ser um representante local.

Nesta mesma matéria foi dado informações sobre a quantia de dinheiro destinado para ajudar no custeio do CEC, a segunda edição se mostrei muito mais “transparente” sobre as etapas do evento, como mostra na citação

Foi entre pelo Tesouro Estadual ao Presidente do Curso a quantia de .... Cr\$ 50.000,00 votado pela Assembleia Legislativa, em atenção a uma mensagem do Governo do Estado. Essa quantia muito facilitará os trabalhos em andamento e a direção do Curso já manifestou seus agradecimentos

---

<sup>28</sup> Empresário, político libanês e pai do Senador Esperidião Amin Filho. Cf. (FGV, s/d)

diretamente a S. Exa. O Governador Irineu Bornhausen e ao Deputado Volney Colaço de Oliveira, presidente da Assembleia, respectivamente os chefes do Executivo e do Legislativo Estaduais que assim procuraram manifestar o apoio unânime desses órgãos do Governo aos trabalhos do Curso. (O ESTADO, 18.09.1953, p.08)

Ao que tudo indica, todas as conferências e eventos do curso eram totalmente gratuitas para os inscritos e nada consta que os convidados cobravam para vir ao evento, no entanto, as passagens aéreas e as estadias precisavam ser pagas pelo curso, e foi para isso que o recurso foi destinado. Desde a primeira edição, o CEC teve um grande apoio do Governador Bornhausen e de outros poderes do Estado.

A divulgação do CEC continuou normalmente durante o mês, a próxima matéria elogiou a conferência feita pelo Monsenhor Leite referindo como “brilhantíssima”. O quarto palestrante convidado foi o Dr. Josué de Castro de tema “Crise histórica e crise biológica do mundo contemporâneo” e seria oferecida no dia 26 de setembro de 1953. Na época Castro exercia a função de “Presidente da Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas”. (O ESTADO, 22.09.1953, p. 08)

O Dr. Castro era um nome de grande relevância nacional e mundial, tendo dedicado sua vida e estudar e lutar contra a fome, também foi indicado ao Nobel de Medicina e Nobel da Paz (CENTRO JOSUÉ DE CASTRO, s/d, s/p). E o periódico “O ESTADO” sabia dessa importância e na matéria de divulgação do curso detalhou o extenso currículo e trabalhos feitos pelo conferencista. Pode-se sugerir que o nome do Dr. Castro no evento mostra a importância e reconhecimento do Almirante Carneiro ou da visibilidade que o CEC estava tendo. (25.09.1953, p.08)

Dando continuidade ao CEC, o quinto conferencista escolhido foi o Dr. Othon Gama D’Eça, no dia 10 de outubro de 1953 e que também foi o segundo conterrâneo com o tema “A música que o povo canta”. O Dr. D’Eça também era membro da Comissão diretora do evento, e na época exercia as funções de presidente da “Academia Catarinense de Letras” e professor da “Faculdade de Direito”. E segundo o periódico o tema de sua fala está “admiravelmente enquadrado nas finalidades do Curso de Expansão Cultural”. (O ESTADO, 06.10.1953, p.08)

O jornal usou o mesmo espaço da matéria para informar que não estão divulgação as correspondências recebidas (como foi feita no ciclo anterior), mas a pedido do Dr. Ornelas e Dr. Castro tornaram público

que recebeu comunicação desses ilustres brasileiros agradecendo todas as atenções com que foram distinguidos em Santa Catarina, hipotecando sua

admiração e sua amizade ao seu culto povo, afirmando que se tornarão inesquecíveis as horas e dias que passaram no território “barriga verde”. (06.10.1953, p.08)

Ao que tudo indica, os convidados que vinham até Florianópolis para fazer sua conferência e em nenhum momento mostram desconforto ou uma obrigação de fazer esta viagem. Pelo contrário, apenas mostram que foram muito bem tratados durante a estadia, bem como o interesse de conhecer os intelectuais locais e divulgar suas pesquisas.

No dia 17 de setembro de 1953 a sexta conferência foi com o Dr. Gustavo Barroso no dia, que ocupava o cargo de Diretor do Museu Histórico Nacional, e o único convidado que esteve presente nos dois ciclos do CEC. No entanto, a vinda de Barroso para Florianópolis não foi com o objetivo de participar da segunda edição do curso. Desta vez Barroso veio acompanhado de professores, auxiliares administrador e alunos do Museu Histórico Nacional, a viagem fazia parte do programa anual de estudos obrigatório que era feito no final do ano. No ano anterior escolheram visitar pontos históricos do Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais. (O ESTADO, 13.10.1953, p.08)

Ter escolhido Santa Catarina para a viagem em 1953, segundo o jornal, se deu por dois motivos principais, o primeiro seria o “apoio do Governo do Estado que favorecerá os excursionistas na hospedagem, em transporte e no apreço da visita honrosa para os catarinenses”. Em segundo lugar seria:

desejo manifestado pela turma de conhecer os lugares de real interesse histórico, especialmente Anhatomirim, ilha Santa Catarina, Laguna e São Francisco, com especial atenção aos sambaquis e os osteiros que despertam considerável curiosidade. (O ESTADO, 13.10.1953, p.08)

Pode-se sugerir, que o Governo do Estado investiu financeiramente e politicamente para a vinda dos membros do Museu de História Nacional, não apenas para participar de uma conferência no CEC, mas também como uma maneira de divulgar SC e seus pontos turísticos como uma rota de viagem cultural e intelectual.

Ao que tudo indica, o CEC não estava esperando a vinda de Barroso e os membros do Museu de História Nacional, foi algo de última hora e que o curso optou por “considerar essa demonstração como 6º trabalho de presença registrada”. A programação do curso foi diferente das outras conferências, neste optaram – provavelmente pelo imprevisto – de ser de tema “Questões de nossa história”, onde foi consentido que os/as inscitos/as fizessem perguntas que seriam respondidas pelos professores e alunos do museu. (O ESTADO, 13.10.1953, p.08)

Da mesma maneira que foi no I ciclo, o jornal “O ESTADO” deu bastante atenção para a vinda de Barroso, sempre muito elogioso e atencioso, e toda programação foi divulgada, e ficariam no estado por sete dias. Foram feitas recepções por onde passavam e oferecidos almoços e jantares, dentre eles estava a feijoada ofertada pelo Almirante Carneiro no 5º Distrito Naval. (17.10.1953, p.06)

A sétima conferência foi realizada no dia 21 de novembro de 1953, o convidado foi o Brigadeiro-do-Ar Henrique Fleiuss, que atuava como subchefe do Estado Maior da Aeronáutica e também cunhado do Almirante Carneiro. Segundo o jornal, Fleiuss foi convidado porque o curso

sentia a necessidade de apresentar algo sobre o valor da aviação moderna, especialmente após tantas controvérsias a respeito das possibilidades de emprego, e dos esforços brasileiros para que possuamos uma moderna arma à altura das responsabilidades do país. (O ESTADO, 18.11.1953, p. 08)

O Ministério da Aeronáutica era algo relativamente novo o Brasil neste período, sua criação se deu apenas em 20 de janeiro de 1941, até então eram subordinados ao Ministério de Guerra, da Marinha e da Viação e Obras Públicas. As controvérsias mencionadas pelo jornal podem estar relacionadas a criação de escolas e sedes que aconteceram no final dos anos 1940 e início de 1950 (FORÇA AEREA BRASILEIRA, s/p, s/d). O tema de sua conferência foi “A Aeronáutica em face da realidade brasileira” e tinha como objetivo esclarecer “muitas dúvidas sobre o debatido assunto”. (O ESTADO, 18.11.1953, p.08)

No dia 28 de novembro de 1953, o oitavo conferencista convidado foi o Dr. Raul Jobim Bittencourt com o tema “Valores da educação”. A proposta do CEC seria trazer todos os anos algum representante das “4 universidades de maiores ligações espirituais com Santa Catarina”, entre elas estão a Universidade do Brasil, Rio Grande do Sul, São Paulo e Paraná. Bittencourt foi indicado por Pedro Calmon (que participou da primeira edição). O periódico publicou uma longa lista de seu currículo, bem como as informações sobre sua fala no curso. (O ESTADO, 28.11.1953, p. 05)

Pode-se sugerir que o CEC estava buscando manter e construir uma boa relação com as maiores universidades do país e também com as da região sul. Um diálogo com a Universidade do Brasil e São Paulo, poderia trazer da ampliação da divulgação de pesquisas e seus intelectuais, como também colocar Estado como um destino para os mais diversos turistas. Com relação com as universidades do sul, poderia estar relacionado com uma “política de boa vizinhança” e também uma busca por uma unidade cultural.

A nona e última conferência realizada no dia 12 de dezembro de 1953 e teve como convidado o Dr. Mucio Leão, que na época era membro da Academia de Letras e da Universidade do Brasil, o tema não foi definido com um título, mas sim sobre “a figura querida dos brasileiros que foi José do Patrocínio”. A conferência do Dr. Leão fazia parte também da “Semana da Marinha”<sup>29</sup> que estava sendo comemorada em Florianópolis, e era uma homenagem oferecida pelo CEC. (O ESTADO, 11.12.1953, p. 08)

Nos dias seguintes, ao que tudo indica, pouco foi falado sobre o curso e seu encerramento. O evento foi lembrado apenas no dia 25 de dezembro em uma homenagem do jornal feito ao 5º Distrito Naval e os feitos do Almirante Carneiro foram lembrados na citação a seguir:

Desde a instalação do Quartel General do 5º Distrito Naval, em a nossa Capital, se vem sentido um impulso geral e muito principalmente no tocante a parte social, pois os Catarinenses jamais esquecerão a modelar instituição do Curso de Expansão Cultural, que tão alto no cenário cultural nacional, graças ao elevado patriotismo do exmo. Sr. Almirante Carlos da Silveira Carneiro, cujo nome já inscrito no rol dos que muito fizeram pela grandeza de nossa terra. (O ESTADO, 25.12.1953, p.12)

O Almirante Carneiro passou a ser lembrado muito mais sobre suas realizações no âmbito intelectual e social. Com o CEC foi possível ver um grande movimento e até uma ‘animação’ nestes setores no Estado de SC, além de ter vários convidados de grande importância do Brasil, foi possível ter uma boa divulgação turística e econômica. O título “Curso de Expansão Cultural” ainda seria possível de ver em mais algumas matérias do jornal, só que desta vez o conteúdo estaria voltado para a criação da “Enciclopédia de Santa Catarina”.

Quadro III – Dados dos conferencistas do Segundo Ciclo do CEC

<b>Nome</b> <b>Data de nascimento e morte / Estado de Nascimento</b>	<b>Cargo principal quando chamado</b> <b>Local onde atuava</b>	<b>Tema e data da conferência</b>	<b>Outras informações (até 1953)</b>
Laerte Macedo Munhoz 1900 – 1967 Curitiba, PR	Professor da Universidade do Paraná e Presidente da Assembleia Legislativa Paraná	A legítima defesa da honra 15/08/1953	Graduado em Direito; professor; fundador da Faculdade de Filosofia do Paraná; Presidente do Instituto dos Advogados do Paraná; Político, Promotor; Procurador-Geral; Advogado-Geral

<sup>29</sup> A data é referente ao “Dia do Marinheiro” que é comemorada em 13 de dezembro.



Manoelito de Ornellas 1903 – 1969 Itaqui, RS	Diretor do Museu do Rio Grande do Sul  Rio Grande do Sul	O gênese do gaúcho riograndense  05/09/1953	Jornalista; professor; tradutor; escritor; Diretor da Biblioteca Pública do RS; Presidente da Associação Riograndense de Imprensa
Monsenhor Manfredo Leite  1876 -1969 Desterro, SC	-	Belezas e maravilhas da Idade Média  19/09/1953	Padre; político; professor; fundador da Cadeira nº 6 da Academia Catarinense de Letras e da Cadeira 25, da Academia Paulista de Letras
Josué de Castro  1908 – 1973 Recife, PE	Presidente da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação  -	Crise histórica e crise biológica do mundo contemporâneo  26/09/1953	Médico; Professor Titular em Geografia Humana na Universidade do Brasil; Professor da cadeira de Nutrição do curso de Sanitaristas do Departamento Nacional de Saúde; diretor do Serviço Técnico de Alimentação Nacional; Político.
Othon Gama d’Eça  1892 – 1965 Florianópolis, SC	Presidente da Academia Catarinense de Letras e Professor da Faculdade de Direito  Santa Catarina	A música que povo canta  10/10/1953	Poeta; novelista; crítico literário; contista; memorialista; diplomado em direito; magistrado; fundador da Academia Catarinense de Letras
Gustavo Barroso <sup>30</sup>  1888 – 1959 Fortaleza, CE	-	-	-
Henrique Fleiuss  1904 -1988 Rio de Janeiro, RJ	Brigadeiro-do-Ar e subchefe de Estado Maior da Aeronáutica  Rio de Janeiro	A Aeronáutica em face a realidade Brasileira  21/11/1953	Ingressou na escola Naval em 1920; Chefe de Gabinete do Estado-Maior da Aeronáutica; Designado adido aeronáutico junto as embaixadas do Brasil em alguns países; comandante da Escola de Aeronáutica.
Raul Jobim Bittencourt  1902 – 1985 Porto Alegre, RS	Professor catedrático da Universidade do Brasil  Rio de Janeiro	Valores da Educação  28/11/1953	Médico; docente e diretor da clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina de Porto Alegre; Professor da Escola Normal de Porto Alegre; Político; Membro do Conselho Executivo da Associação Brasileira de Educação; Membro de várias entidades culturais
Mucio Leão  1898 – 1969 Recife, PE	Academia Brasileira de Letras e Universidade do Brasil  Rio de Janeiro	José do Patrocínio  12/12/1953	Bacharel em Direito; jornalista; professor no curso de jornalista da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil; fundou o jornal “A Manhã”

Fonte: Quadro elaborada pela autora a partir dos seguintes materiais: (PINTO, Rei Cavallin, 2012); (DELFO, s/data); (MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA, s/data); (CENTRO JOSUÉ DE CASTRO, s/data); (BLPL, s/data); (CPDOC, s/data); (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, d/data)

<sup>30</sup> Informações já inseridas no “Quadro II”

Assim como no “Quadro II” elaborado no capítulo anterior sobre o primeiro ciclo do CEC, a segunda edição manteve o mesmo padrão. São todos homens de uma elite econômica e intelectual, e que exerciam suas funções profissionais em instituições de grande importância no Brasil. Ao que tudo indica, os conferencistas já eram figuras conhecidas do Almirante Carneiro ou dos membros da organização do evento. Com relação aos temas escolhidos pelos conferencistas, nada sugere um padrão ou que o CEC interferiu em algum momento no que seria escolhido para apresentar, cada um falou de acordo com sua especialidade

Mas a diferença desta edição para a primeira, foi a maneira de divulgação. A vinda dos conferencistas foi celebrada, divulgada e comemorada, só que desta vez o evento parecia estar sendo direcionado para a produção da enciclopédia. Sendo o curso dividido entre palestras e reuniões sobre a ESC.

### **3.2 A Enciclopédia de Santa Catarina**

O Curso de Expansão Cultural, esta já vitoriosa organização, no seu segundo ciclo, amentando as suas atividades no Estado, lançou a ideia de se organizar uma Enciclopédia de Santa Catarina, como necessidade imperiosa de situar as gerações vindouras e estado de progresso desta unidade federativa, bem como a posição que ocupa entre seus congêneres. (O ESTADO, 08.01.1954, p.05)

O segundo ciclo, ao que tudo indica, já estava sendo preparado e definido com o propósito de produzir uma enciclopédia, a divulgação era feita pelo próprio jornal e por folhetos que eram entregues aos/as participantes do CEC. Uma hipótese seria que a enciclopédia estava sendo pensada para “definir” uma identidade catarinense e sulista e contava com o apoio da equipe do curso e seus inscritos.

A ESC estava sendo divulgada como como um material original e quase que exclusivamente “barriga-verde”, como foi exposto na matéria do jornal “O Estado”:

Pensa a direção da Enciclopédia na necessidade, para maior brilho dessa obra que poderá se transformar em motivo de grande honra para Santa Catarina, especialmente tendo-se em vista que será trabalho original e quase exclusivamente de imprensa “barriga-verde” se torne veículo natural de propaganda, de difusão de notícias a respeito, de órgão magnificamente próprio para despertar o entusiasmo pela ideia em plena realização, como demonstra o grande número de adesões já recebidas. (08.01.1954, p.05)

Assim como o CEC, a Enciclopédia também tinha o objetivo de ser um material de divulgação do Estado de Santa Catarina, seja sobre sua história, território e intelectuais. Pode-se sugerir por estes motivos que diversos setores da sociedade ficaram “animados” com a sua elaboração, pois poderia melhorar o currículo dos envolvimento e também trazer investimentos locais. O jornal “O Estado”, assim como nas duas edições do CEC, também ficou responsável em ser o veículo oficial da ESC.

No início o novo empreendimento ainda estava sendo divulgado como uma parte do CEC, então nas matérias do jornal o título principal era “Curso de Expansão Cultural”, seguido de um subtítulo que mostrava o teor do tema que era “Enciclopédia de Santa Catarina”. Pode-se indicar que esta vinculação seja para que os/as leitores/as identifiquem de maneira rápida os responsáveis pela obra e que poderia passar uma maior confiança. (O ESTADO, 09.01.1954, p. 05)

Em um primeiro momento a ESC foi dividida e divulgada em 18 tópicos, que são os seguintes, O primeiro tópico:

O Presidente do Curso de Expansão Cultural, vivamente impressionado com as demonstrações de amor a cultura da parte estudiosa, isto é, da elite intelectual do povo Florianopolitano, como ficou cabalmente demonstrado pela concorrência a todas as atividades do Curso no ano passado, e agora com as inscrições em grande número e justamente dos mais expressivos valores dessa intelectualidade, nos vários ramos do saber humano, aventura-se a fazer uma proposta, por enquanto como mera sugestão, para ser estudada e debatida. (O ESTADO, 09.01.1954, p. 05)

Ao que tudo indica a proposta de fazer a ESC só foi possível de ser colocada em debate por causa do sucesso com o CEC, o curso estava sempre com lotação dos/as inscitos/as em suas conferências. Pode-se sugerir que o interesse dos/as intelectuais locais que estimulou este empreendimento. Já no segundo tópico:

Trata-se de organizar, pelo serviço e dedicação dos membros do Curso de Expansão Cultural, uma Enciclopédia do Estado de Santa Catarina, abrangendo todos os aspectos do Estado, isto é, físicos, políticos, administrativos, econômicos, sociais, culturais, históricos, etc. (O ESTADO, 09.01.1954, p. 05)

É válido dizer que o empreendimento da ESC foi bastante atrevido e arriscado, pois queria de alguma maneira cobrir quase todas as questões envolvendo o Estado de SC. O terceiro tópico:

Todos os dados que digam respeito a estatísticas, história e outros informes que variam com o tempo, serão referidos, quanto possível, a 31 de dezembro de 1952. Dessa forma a obra estará referida a essa data, ou na impossibilidade de obtenção de informes até esse dia, para a data mais próxima e anterior a ele. (O ESTADO, 09.01.1954, p. 05)

A data sugerida pela diretoria pode estar relacionada com o primeiro ciclo do CEC, ou pode ser apenas uma data escolhida aleatoriamente. Por ser um projeto que demandaria bastante trabalho e que não seria tão rápido, a data limita era necessário para não precisar sempre ficar atualizando os dados. O quarto tópico:

Pensa-se que a obra poderá ficar pronta no prazo de 3 anos, sendo os dois primeiros a compilação originais, recebimento, coordenação, escolha dos autores, etc. e o ultimo para impressão. (O ESTADO, 09.01.1954, p. 05)

Provavelmente seria possível ter feito a ESC nos 3 anos sugerido pela direção, se ele pudesse se dedicar exclusivamente ou de maneira parcial ao projeto. Só que com a crise política que viria a acontecer no Brasil no período do Presidente Juscelino Kubitschek, o Almirante Carneiro precisou se dedicar ao cargo de Chefe do Estado-Maior da Armada. E só poderia, segundo Franco, se dedicar a enciclopédia depois de sua aposentadoria que ocorreu o dia 29 de julho de 1957 (05.08.1993, p. 151-152). O quinto tópico:

Os membros das comissões podem ou não ser autores. As suas atribuições normais se orientam para a escolha de colaboradores que escrevem sobre os assuntos, mantenham contacto por correspondências com os mesmos, recebam os originais, façam a revisão, a crítica construtiva e entreguem os estudos feitos prontos para a respectiva publicação. (O ESTADO, 09.01.1954, p. 05)

Nesta dissertação não será possível abordar questões mais específicas da materialidade da ESC, seus autores e diálogos entre os colaboradores, esse será o tema para uma tese futura, que neste caso poderei tratar objetivamente. Mas já vale adiantar que até o momento foi encontrado cartas entre o Almirante Carneiro e o Professor Walter Fernando Piazza, em seu acervo do IDCH que serão analisadas. O sexto tópico:

Atendendo ao vulto da obra, acredita-se que o exemplar resultante não poderá ficar por menos que Cr\$ 300,00. Esa cifre se explica pelo número de fotografias, plantas, mapas, etc., isto é de ilustrações que aparecerão. A Comissão de Financiamento da obra receberá desde logo mensalidades de qualquer importância, de sorte que todos aqueles que iniciarem os pagamentos e dentro dos 3 anos tiverem totalizado aquela quantia, ficarão com direito ao exemplar. Todos aqueles membros ou não do curso que não se inscreverem para a obtenção da obra e não iniciarem seus pagamentos dentro do primeiro semestre de atividades da enciclopédia, ficarão sujeitos a pagar o preço que

for posteriormente estipulado para a publicação, de acordo com as oscilações da moeda nacional. (O ESTADO, 09.01.1954, p. 05)

Ao que tudo indica, a ESC estava sendo projetada para ser encaminhada para a Biblioteca Pública e ser usada como um meio de informação para a população, mas também com a intenção de venda, primeiramente para pagar a sua produção e só depois que seria visado o lucro. Mesmo com a Lei nº2.943 de 6 de dezembro de 1961, que reconhecia a ESC como de utilidade pública, o projeto precisou de apoio financeiro de vários setores. (SANTA CATARINA, s/p)

O Estado ficou responsável pelas questões burocráticas, como levantamento de documentos, funcionários e também no espaço para sua elaboração. Como no caso da “Casa da Enciclopédia e da Irmandade” que foi inaugurada no dia 1 de maior de 1955 (O ESTADO, 03.01.1955, p.06). Como é possível ver na foto, que faz parte do acervo do “Almirante Carneiro” da BU-UFSC:

Figura 8 – Casa da Enciclopédia



Fonte: REPOSITÓRIO UFSC, s/d

Sobre o tema do financiamento do Estado e de outros setores, deixarei para apresentar mais para frente. O sétimo tópico:

Como todos os empreendimentos de objetivos elevados, a Enciclopédia, possivelmente obterá o apoio de organizações culturais e de órgãos administrativos. Melhor será, entretanto, que se oriente no sentido de bastar a si própria, conseguindo adesão de associações, entidades, estabelecimentos, institutos, etc. de modo a se valer de meios e materiais que assegurem sua vitória, sem desprezar qualquer contribuição oficial ou particular especialmente depois de ter a Enciclopédia se imposto ao espírito público. (O ESTADO, 09.01.1954, p. 05)

A diretoria e comissão organizadora da enciclopédia antes mesmo de apresentarem a obra ao público, já era visto como um projeto confiável e que conseguiria o apoio financeiro ou intelectual de todos/as os envolvidos. Ao que tudo indica, não tinha um valor estipulado de doação e possivelmente a contribuição “para assegurar a vitória” não seria apenas financeiro, poderia ser intelectual ou com trabalhos manuais. O oitavo tópico:

As comissões organizadoras se esforçarão de obter que as pessoas mais competentes se encarreguem de versar os assuntos de suas especialidades. A cooperação altruística, desinteressada, máxime de catarinenses ilustres, deve ser baseada, tendo-se em vista que não haverá abundância de recursos próprios. A colaboração, porém, remunerada, dentro do reconhecimento “stantard” dos trabalhos intelectuais, não deve ser posta à margem. Todos os esforços devem se voltar para conseguir que o autor mais considerado, segundo opinião corrente, se incumba da parte em que é expoente, seja ou não remunerado. (O ESTADO, 09.01.1954, p. 05)

Mais uma vez a diretoria da ESC deixa bem claro a questão financeira, quem doou o seu tempo para a produção da obra não poderia ter em mente algum ganho material, seria apenas pelo “prazer” de fazer parte e também pela notoriedade que poderia trazer. Foram convidadas diversas personalidades catarinenses para ser responsável por um tópico, como no caso do Walter Piazza, que na época exercia a função de jornalista, ficou com o tema “Direção de negócios públicos durante o Império, História da Imprensa, Biografias de catarinenses ilustres”. Outro grande membro da sociedade local era Altino Flores que ficou com o tema “História Literária” (O ESTADO, 22.07.1954, p.08). O nono e décimo tópicos:

A Enciclopédia tratará em grandes partes sucessivas do Estado, dos Municípios, e depois Cidades e Vilas. O plano da obra é traçado para o Estado em geral; quando na segunda parte se tratar dos Municípios, a mesma ordem, com as substituições impostas pela natureza mais restrita dos assuntos, será seguida, e igualmente assim se procederá quanto a terceira parte, Cidades e Vilas. / 10. Baseado no texto geral da obra, seguir-se-á um Dicionário para facilitar o manuseio e os estudos dos assuntos tratados. Nesse Dicionário, para cada palavra, far-se-á menção da página da obra em que foi considerada, e

somente de modo sucinto será caracterizado o seu significado. (O ESTADO, 09.01.1954, p. 05)

As obras que estão disponíveis na BU-UFSC não constam esta organização que foi sugerida pela organização, de maneira simples e sem me aprofundar muito em sua materialidade, a ESC não foi separada em Estados, Municípios, Cidades e Vilas, pode-se dizer que em muitos capítulos coexistem temas distintos ou apenas um grande texto em um volume. Até o momento nenhum dicionário foi encontrado, existe apenas um “Índice” com o título dos textos ali colocados. Os 11º e 12º Tópico:

Para cada pessoa que se comprometer a uma colaboração, será dados o prazo de 6 meses para apresentação do trabalho e apenas em casos de contribuições vultuosas, esse prazo será mais dilatado. Os colaboradores terão seus nomes ligados aos trabalhos que apresentarem, na relação geral dos colaboradores que continuará uma parte do prefácio da Enciclopédia. / 12. Além de colaboradores individuais, a Comissão Central procurará interessar a contribuição, todos os órgãos públicos do Estado, dos Municípios, Cidades e Vila, bem como as organizações federais nas suas especialidades, a fim de obter dados estatísticos, publicações, folhetos, etc. e mesmo trabalhos de seus membros eminentes. (O ESTADO, 09.01.1954, p. 05)

Levando em conta que a enciclopédia não ficou pronta no prazo estimado, sugere-se que o tempo estipulado de seis meses para entrega dos trabalhos também não foi possível de ser cumprido. O Almirante Carneiro viajou por diversos municípios de SC para apresentar o projeto da ESC e montar comissões locais, nesse sentido, a comissão conseguiu executar este plano.

No espaço nacional, o Dr. Barroso do Museu Histórico Nacional, aceitou enviar “fotografias ou gravuras de todos os troféus existentes no Museu e que digam respeito à história catarinenses”, também se comprometeu a “apresentar longo trabalho histórico sobre o Estado”. O IHGB - do qual vale lembrar que o Almirante Carneiro era membro - foi feito “um levantamento de todos os mapas existentes na sua mapoteca para reproduzir e em que apareça desde o primeiro, o nome de Santa Catarina”, esse mesmo apoio foi feito pela Biblioteca Nacional e bibliotecas estaduais. (O ESTADO, 22.07.1954, p.08) Tópicos 13º e 14º:

A direção central da Enciclopédia ativará a organização das comissões municipais para a direção dos trabalhos nos Municípios. As comissões para as cidades e Vilas ficarão a cargo das comissões municipais, devendo ser feitas a comunicação respectiva à Comissão Central para efeito de registro e histórico. / 14. As comissões e sub-comissões organizadas terão autonomia geral. Entretanto a Comissão Central encaminhará a essas comissões as incumbências que forem aparecendo e que estejam no círculo de suas atividades. (O ESTADO, 09.01.1954, p. 05)

O Almirante Carneiro viajou para diversos municípios de SC, pode-se dizer que o estado como um todo foi contemplado. As reuniões que em feitas nestes lugares onde passava sempre estavam cheias e com muitos interessados pelo assunto, onde todas as instruções necessárias eram feitas em um único momento e já era possível elaborar as próprias comissões internas. Até o momento, o que foi possível perceber é que este percurso foi feito apenas uma vez, tendo em vista que são viagens longas e que demandam muito tempo, então era necessário que o dialogo capital e município fosse feito por outras vias (O ESTADO, 21.08.1954, p.04). Tópicos 15º e 16º 17º:

Terminada a impressão da Enciclopédia, distribuídos os exemplares para os que já fizeram jús, será posta a venda para cobrir possíveis despesas. O lucro será empregado em benefício de publicações do C.E.C, e em último caso, em benefício da Biblioteca de Santa Catarina. / 16. Todo o trabalho para ser publica deve ser original, isto é, escrito especialmente para a Enciclopédia. O que já existe impresso servirá para consulta. Os Trabalhos consultados com os seus autores figurarão na Biblioteca que terminará cada uma das partes da obra. / 17. Para maior atualização da obra, haverá um suplemento com as alterações verificadas e dignas de publicação, durante o trabalho de organização dos originais. (O ESTADO, 09.01.1954, p. 05)

Até o momento só foi possível identificar a localização de dois exemplares da ESC, uma no “Setor de obras raras” da biblioteca UFSC e outro que ficou com o próprio Almirante Carneiro, que hoje se encontro com seu neto. Ao que tudo indica todo o objetivo era que o retorno financeiro fosse revertido para a cultura de SC, como em uma nova edição do CEC e na Biblioteca Pública do estado. Com relação aos textos, nota-se variedades dos temas, materiais, fontes, etc., e foram inseridos trabalhos originais e já existentes que trabalharei em uma tese futura (INDICE ENCICLOPÉDIA DE SANTA CATARINA, s/data). O 18º tópico:

Haverá as seguintes comissões: 1 Comissão central, de 5 membros / Terá a seu cuidado a direção geral dos serviços da Enciclopédia, cabendo-lhe tomar as medidas necessárias para que seja vitorioso o objetivo em vista. Poderá reunir sempre as demais comissões, com o cuidado de nunca tratar diretamente com alguma comissão que esteja no círculo de atividades de comissão geral. / 1 Comissão de Finanças. Finalidades já referidas. / 1 Comissão artística. Encarregar-se-á de todo o trabalho de ilustração da obra, mapas, fotografias, clichés, etc., de sorte a colocar condições de impressão. Encarregar-se-á do serviço de preparar esse material ou devolverá às outras Comissões para certas providencias, quando for o caso. / 5 Comissões para as diversas partes da Obra, segundo o plano geral apresentado ou o que for aprovado depois dos debates a respeito. / 11 Comissões para os capítulos considerados. Igualmente essas comissões cuidarão da parte que lhes cabe dentro da orientação das comissões de partes. / 53 Comissões para Seções. Orientação das sub-comissões de acordo com a orientação de capítulos. / As comissões de seções



poderão organizar para as subseções com membros pertencentes ou não ao Curso de Expansão Cultural. (O ESTADO, 09.01.1954, p. 05)

É possível perceber, que o projeto da enciclopédia era algo grandioso e que não faltavam candidatos para fazer parte das comissões ou de sua produção intelectual. A comissão geral tinha como responsáveis membros da sociedade catarinense que estavam envolvidos com o CEC, entre eles estava o Almirante Carneiro como figura central, Henrique da Silva Fontes, Victor José Peludo Junior, Abelardo da Silva Gomes e Carlos da Costa Pereira.

O projeto só poderia ser idealizado desta maneira com o apoio de colaboradores de diversos setores da sociedade. Além dos intelectuais que estavam envolvidos desde a idealização até a produção da ESC, um outro setor que o Almirante Carneiro fez questão de buscar contribuição foi a dos “presidentes dos clubes e entidades e representantes da imprensa esportiva”. Com esse grupo foi feita uma reunião do dia 15 de janeiro de 1954, que foi realizada no “Conselho Regional de Desportos” no centro de Florianópolis. O convite era direcionado

Não só os dignos presidentes das Federações desportivas, como a Aquática, Atlética, de Esgrima, de Vela e Motor, de Futebol, de Bocha e Balão de Desportos Universitários, mas igualmente os cronistas desportivos da cidade e todos que, interessando-se pelo esporte em geral, desejem cooperar nesta grande realização, que demonstrará o amor à cultura do povo catarinense, a Enciclopédia de Santa Catarina, que vem obtendo valiosíssimas adesões. Nesse convite estão naturalmente incluídos todos os presidentes e associados de clubes, grêmios e sociedades que incentivam a prática dos esportes, como os de Caça e Pesca, Futebol, Basket Ball, Volei Boll, de Tênis, de Tiro e Remo, Vela etc. (O ESTADO, 14.01.1953, p.04)

Os esportes sempre fizeram parte da vida do Almirante Carneiro e quando esteve no comando do 5º Distrito Naval sempre fez questão de estar presente e participar dos eventos esportivos, como remo, vela e os universitários. Por ser uma área de interesse e que tanto era valorizada, não seria possível deixar este tema fora da ESC.

Todo esse apoio foi claramente importante para que a obra pudesse ser iniciada, mas o maior patrocínio que fez com que a ESC fosse “finalizada” depois de tantos anos, foi o Estado de SC. Em uma carta com forma de esclarecimento e agradecimento recebida pelo governador Jorge Lacerda<sup>31</sup> no dia 18 de janeiro de 1957, o Almirante Carneiro conta sobre o andamento da ESC e mostra alguns detalhes dos “bastidores” da obra aqui no Estado.

---

<sup>31</sup> Governado de Santa Catarina de 1956-1958, quando veio a falecer vítima de um desastre aéreo junto com o ex-Presidente da República Nereu Ramos e o Deputado Federal Leoberto Leal. Cf. (MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA, 2022)

Atenciosas saudações / Considero um dever levar ao conhecimento de V. Exa. No início do ano, a situação em que se encontra o empreendimento que se intitula “Enciclopédia de Santa Catarina”. Digo um dever porquanto muito se tem beneficiado dos poderes públicos, já por intermédio da Imprensa Oficial com muito material de expediente ou com facilidades de comunicações para o interior, ou ainda, por intermédio da Biblioteca Pública com atenções e colaboração que, se não existissem, viriam dificultar sobremaneira o andamento dos trabalhos de não pequeno vulto. (O ESTADO, 24.01.1957, p.04)

Importe lembrar que a idealização da ESC teve início em 1954 e tinha como objetivo terminar três anos depois, ou seja, no ano de envio desta correspondência seria a data para a sua entrega e publicação. Também é importante ter em mente que o Almirante Carneiro precisou por motivo de suas funções na Marinha Brasileira se ausentar de todo e qualquer outra responsabilidade. Pode-se sugerir que os colaboradores catarinenses entendiam a situação que estava acontecendo e que a obra não estava atrasada por motivos banais, e por isso mantiveram o apoio e a motivação para continuar.

Continuando a carta, o Almirante Carneiro deixa claro a importância do apoio dado pelo Governador do Estado.

Não deve passar despercebido o fato de o Governador do Estado continuar mantendo, na Casa da Enciclopédia, à rua Joaquim Costa, Pedra Grande, duas funcionárias da Secretária de Educação com o encargo de manter aberta a citada dependência e de se ocupar do expediente, de cópias de documentos, notícias de periódicos, legislação e outros assuntos conforme o programa delineado. Devo confessar que, em vista da extensão que se quer emprestar a obra, continua-se na fase de busca de informações, procura de documentos, mapas, folhetos e outros materiais, indispensáveis para completo conhecimento do que se escreveu e se fez com relação à Província e depois ao Estado de Santa Catarina. (O ESTADO, 24.01.1957, p.04)

Ao que tudo indica, a “Casa de Enciclopédia” era mantida aberta normalmente e em pleno funcionamento pelas funcionárias da Secretária de Educação, podendo sugerir que os/as envolvidos pela escrita da obra teriam acesso fácil ao espaço. No final, pode-se perceber que a ESC não estava nem perto de acabar, pois continuava na etapa de coleta de informações. Em seguida continua com a informação dos auxiliares cedidos para o projeto:

a) Duas funcionárias, em Florianópolis, retirando dados, noticiais, artigos, etc. de jornais antigos catarinenses, fornecidos pela Biblioteca Pública, segundo [?] colaboração do sr. Carlos da Costa Pereira; / b) Um datilógrafo na Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro, copiando o que houver com referências às paróquias catarinenses e com recomendação do S. Em. o Cardeal D. Jaime da Barros Câmara; /c) Dois datilógrafos no Instituto Histórico Geográfico

Brasileiro copiando documentos, agora na parte relativa à correspondência naval; / d) Um datilógrafo na cópia de relatórios e memórias existentes nos relatórios dos ministros, tendo começado pela Pasta do Império; / e) Uma datilógrafa, funcionária da Secretária da Marinha, na cópia de folhetos e monografias que não se tem conseguido adquirir; / f) Um datilógrafo, da Base de Submarinos, copiando documentos sobre São Paulo dos tempos da Capitania em que Santa Catarina estava ligada aquela circunscrição territorial / g) Um datilógrafo, do Centro de Instrução Almirante Wandenkolk, na cópia de documentos e folhetos da Biblioteca da Marinha; / h) Um datilógrafo no Arquivo Nacional para cópia de milhares de documentos, devendo ser auxiliado, em breves dias, por dois outros; / i) Uma datilógrafa, iniciando no mês de Janeiro corrente, trabalhos de secretária, cópia de relação, bibliográfica, arquivos, etc... / j) Um fotógrafo, em horas vagas, tirando microfilmes, fotocópias, ampliações, especialmente de cartas, textos em alemão, desenhos, etc. (O ESTADO, 24.01.1957, p.04)

Pode-se sugerir que este projeto intelectual/educacional foi o de maior investimento financeiro e de pessoas feito pelo Estado de SC até aquele momento. Contou um grande trabalho de levantamento de fontes, em um período que isto só poderia ser feito “copiando” os documentos nas instituições, para isso era necessário pessoas com cursos especializados para esta tarefa.

Depois de elogios e esclarecimentos sobre a situação, o Almirante Carneiro destacou o maior problema que obra encontrava no momento, que seria a “descrição do solo, especialmente quanto à hidrografia e orografia”. Declarou que a documentação existente não era suficiente e por isso fez uma “sugestão” do governador do Estado:

Talvez seja indispensável movimentar o Estado na busca de informações, estabelecendo planejamento exequível, como formação de exploradores e rios e montanhas, aproveitando jovens entusiastas, técnicos em assuntos geográficos e elementos locais. Está em estudos essa questão que só poderá obter êxito se obtiver o concurso do Governo do Estado tão bem presidido por V. Exa. (O ESTADO, 24.01.1957, p.04)

Essa sugestão dada pelo Almirante Carneiro pode estar relacionada com a questão das dificuldades da formação de geógrafos nos anos anteriores. O primeiro curso de geografia em SC foi o de “Engenheiro-Geógrafo” do Instituto Politécnico - formação feita pelo conferencista do CEC e membro da comissão central da ESC -, porém a instituição foi fechada em 1935 e seus membros só conseguiram reconhecimentos dos diplomas pelo Ministério da Educação nos anos 1950 e 1960 (GUIDI, 2010, p. 35-42).

O que também pode sugerir tal “proposta” feita pelo Almirante Carneiro, foi a criação de um curso único de história e geografia que foi aberto em 1955 na Faculdade Catarinense de Filosofia, sendo desmembrado em 1957 em um único curso, reconhecido em 1959 até a

construção da UFSC (UFSC, s/data). Um concurso nesse período poderia beneficiar os futuros/as formandos/as, além de ser uma ajuda extra para o desenrolar de novas pesquisas que estavam em defasagem no estado e que poderiam ser inseridas na ESC.

Depois de uma carta extensa e que demonstrava os vários sentimentos do Almirante Carneiro naquele momento, como uma preocupação para finalizar a obra, agradecimento pelo apoio local e o descontentamento por falta mão-de-obra qualificada. A carta é finalizada da seguinte maneira: “Esperando sempre o apoio decisivo do brilhante governado de Vossa Excelência, tão inclinado a prestar os movimentos culturais, como está no reconhecimento geral”. Estrategicamente elogiosa e que faria ser difícil com que o Governador Jorge Lacerda não acatasse seus desejos. (O ESTADO, 24.01.1957, p.04)

Evidentemente a ESC foi um projeto inovador em suas propostas, mas pode-se sugerir que um dos motivos da não finalização nos moldes desejados e sua demora, se deu pelo fato de que o Estado não estava preparado fisicamente e nem em avanços em pesquisas naquele período. Como exposta anteriormente sobre a questão de não ter geógrafos especializados, um outro problema que o Almirante Carneiro levantou em 1958, foi a questão de não ter um levantamento para a pesquisa com o método aerofotogramétrico<sup>32</sup>. (O ESTADO, 03.12.1958, p.07)

Pode-se sugerir que este método seria o mais inovador que teria naquele período, tanto que o Almirante Carneiro apontou “qualquer trabalho envolvendo descrição do solo que não levasse em conta esse levantamento aerofotogramétrico ficaria logo obsoleto”. Para que fosse feito nos moldes desejados foi necessário esperar pela elaboração de “52 folhas de mosaico, na escala aproximada de ... 1.125.000 e de valor comer de Cr\$ 2.000.00 por folha”. O que fez com que SC fosse o primeiro estado a ter feito este levantamento desta maneira. (O ESTADO, 03.12.1958, p.07)

Depois do trabalho feito, era necessário que o Almirante Carneiro fizesse um curso especializado para conseguir ler estes documentos, o que foi feito durante 4 meses e com um regime de 2 aulas semanais com técnicos e especialistas na área. Ao passar por esse longo processo, o Almirante Carneiro contou que estava razoavelmente habilitado, mas que a parte “mais difícil ficará a cargo dos técnicos que se mostram vivamente interessados na questão” (O

---

<sup>32</sup> “A Fotogrametria é a ciência ou tecnologia de se obter informações seguras sobre objetos físicos e do meio ambiente, através de processos de registro, medição e interpretação das imagens fotográficas. A Aerofotogrametria refere-se às operações realizadas com fotografias da superfície terrestre, obtidas por uma câmara de precisão com o eixo ótico do sistema de lentes mais próximo da vertical e montada em uma aeronave preparada especialmente. A técnica aerofotogramétrica é utilizada nas atividades de mapeamento para a Cartografia, no planejamento e desenvolvimento urbano, nas Engenharias Civil, Agrônômica e Florestal.” Cf. (UFBA, 2005)

ESTADO, 03.12.1958, p.07). Toda pesquisa e desenvolvimento elaborado até esse momento foi feito pensando em apenas um ou dois volumes da obra, ou seja, depois de 5 anos a obra estava longe de chegar ao fim.

Uma outra questão que mostra como o estado não tinha a estrutura e os meios necessários para pesquisa são os documentos sobre SC que estavam em acervos na Europa. O Almirante Carneiro por ter tempo livre e recursos, ficou responsável por este levantamento de fontes, por meio de uma

Viagem marítima, ida e volta nos seus navios que não são de passageiros, mas possuem excelente apartamento chamado de “armador”, graciosamente cedido, e levando o “jeep” Land Rovers da Enciclopédia, o que facilitaria os deslocamentos, ganhando tempo e sendo mais econômico. (O ESTADO, 03.12.1958, p.07)

O carro indicado pela matéria do jornal seria o utilizado pelo Almirante Carneiro em todas as viagens feitas durante as pesquisas da ESC, seja nas viagens pelo estado e neste momento para ser usado no exterior. O “jeep” tinha em sua lateral a identificação “Enciclopédia de Santa Catarina”, como é possível ver na foto do acervo do “Almirante Carneiro” da BU-UFSC:

Figura 9 – “Jeep” Land Rovers da Enciclopédia



Fonte: REPOSITÓRIO UFSC, s/d

Pelo que tudo indica, o Almirante Carneiro fazia questão de fazer todo levantamento para a ESC utilizando o carro oficial. Leva-lo para Europa só seria possível em um navio comercial. Com relação aos documentos:

Foram então encomendados no Arquivo Histórico Ultramarino, de Lisboa, os microfilmes dos documentos referidos nos 11 volumes, impressos pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em homenagem ao Centenário da cidade de São Paulo e referentes a Santa Catarina, então ligada no que posteriormente foi o Estado bandeirante. Não bastava para a Enciclopédia apenas o resumo desses documentos, como se acham nos referidos volumes, mas o texto integral, representando aproximadamente duas mil páginas, ou outros tantos microfilmes. (O ESTADO, 03.12.1958, p.07)

Este arquivo foi um dos primeiros em que o Almirante Carneiro teve acesso em sua viagem pela Europa, e nele existia muito mais documentos do que se esperava, o que tornou inviável ser feito por apenas uma pessoa. Por isso foi necessário esperar para que fosse feito cópias que seriam analisadas em SC. Em Portugal também foram feitos levantamentos na “Biblioteca da Ajuda”<sup>33</sup> e “Biblioteca de Évora”<sup>34</sup>. (O ESTADO, 03.12.1958, p.07)

Chegando na Espanha, com a ajuda da Embaixada brasileira em Madri foi possível obter microfilmes de quadros e gravuras no “Museu Naval de Madrid”<sup>35</sup> e no “Arquivo das Índias em Sevilha”<sup>36</sup>. Durante a viagem o Almirante Carneiro ficou enfermo durante 25 dias, o que impossibilitou a sua ida à Itália, onde iria fazer um levantamento sobre Anita Garibaldi. (O ESTADO, 03.12.1958, p.07) Pode-se sugerir que os organizadores da ESC tiveram acesso as fontes por outros meios, pois este tema foi abordado três vezes na obra, nos volumes 37, 42 e 67. (INDICE ENCICLOPÉDIA DE SANTA CATARINA, s/data)

Ao que tudo indica, os/as envolvidos/as na ESC tinham a expectativa que no ano seguinte (1959) seria de “plena realização” para ser preparado os primeiros volumes. A matéria também deixou claro que as comissões deveriam “acelerar” as pesquisas e também “recordar aos homens eminentes”, como desembargadores, cientistas, historiadores, entre outros, “dos quais os incumbiram de capítulos do plano geral da obra colocando toda a máquina em movimento. O que se pode sugerir é que os responsáveis por cada tema não estavam cumprindo aquele compromisso colocado entre os 18 tópicos da elaboração da ESC, como por exemplo o prazo de 6 meses. (O ESTADO, 03.12.1958, p.07)

---

<sup>33</sup> Sobre a Biblioteca. Cf. (BIBLIOTECA DA AJUDA, s/d)

<sup>34</sup> Sobre a Biblioteca. Cf. (BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA, s/d)

<sup>35</sup> Sobre o Museu. Cf. (GOBIERNO DE ESPAÑA, s/d)

<sup>36</sup> Sobre o Arquivo. Cf. (GOBIERNO DE ESPAÑA, s/d)

Nota-se que a ESC obteve apoio por muitos anos, o Almirante Carneiro manteve-se animado e empenhado a terminar a tarefa até o final e fez com que o interesse dos diversos setores do estado SC ainda confiasse no seu êxito. Mas engane-se quem pensa que este apoio e confiança esteve presente em todos os momentos, foi algo construído ao longo dos anos, como exposto na matéria feita por “Egas Godinho”<sup>37</sup>:

Eu confesso que, quando o Almirante Carlos da Silveira Carneiro, dono de tantas amizades aqui feitas como Comandante do 5º Distrito Naval anunciou que iria promover a organização de uma grande obra que retratasse a vida catarinense, dos seus primeiros aos dias atuais, em todos os setores de sua atividade, a que intitulou ENCICLOPÉDIA DE SANTA CATARINA, não me deixei empolgar por qualquer parcela de entusiasmo nem mesmo pelo menor vislumbre de crença na viabilidade do empreendimento. / Não que eu duvidasse da capacidade, da atividade e da persistência do Almirante – que por outros trabalhos já as havia demonstrado. Não. (O ESTADO, 13.05.1959, p.01)

Em nenhum momento foi desacreditado no potencial intelectual do Almirante Carneiro, nem foi indagada a questão de não ser um catarinense à frente da elaboração da obra, a maior dúvida seria se seria viável a ideia do empreendimento, pois é necessário ter em mente que o seu projeto era bastante audacioso. Na continuação da matéria:

O que eu coloquei em dúvida foi que, com os deveres de sua elevada patente da Marinha de Guerra, com a intensa vida social a que os postos que vinha ocupando o obrigaram e com a transitoriedade da sua permanência em Sta. Catarina, pudesse vender os obstáculos e as dificuldades que a tarefa impunha. (O ESTADO, 13.05.1959, p.01)

Como já exposta neste capítulo, um dos motivos do atraso das pesquisas, levantamentos e escrita foi pelo fato do Almirante Carneiro ter que se dedicar exclusivamente em suas funções no Rio de Janeiro, como na Marinha de Guerra e no IHGB. Mas segundo a matéria o Almirante Carneiro “confiou na sua resistência, na sua operosidade e na sua estrela”, e após sua aposentadoria conseguiu se dedicar completamente para a obra.

A matéria dá a entender que já circulava a ideia que talvez a ESC não fosse finalizada, ou pelo menos nos moldes desejados. Mas as viagens feitas para o exterior, como Espanha, Portugal, Estado Unidos, França e Holanda foram muito importantes para ter acesso a documentos não existentes na região e que pode assim criar um rico acervo. Um ponto bastante

---

<sup>37</sup> Pseudônimo de Oswaldo Rodrigues Cabral no jornal “O ESTADO”.

frisado foi de que o Almirante Carneiro não estava usando recursos do Estado e que era tudo “o seu dinheiro e o seu suor”. (O ESTADO, 13.05.1959, p.01)

Finaliza a matéria de maneira elogiosa, quase que a construção de um “herói” que luta até o fim:

Mas é preciso que não se esqueça que tudo isso resultará de um esforço inicial desinteressado, custoso e fatigante, de um só homem – que vive a correr o Estado, o país e terras estrangeiras num jipe cinzento, catando os grãos de trigo de cuja farinha se farão bolos de muitas vitórias que afinal poderão não ser suas: - o Almirante Carlos da Silveira Carneiro, um homem que ama a terra catarinense como se nela houvesse tido o seu berço. (O ESTADO, 13.05.1959, p.01)

Observando o projeto e os modelos desejados pela equipe da ESC, fica claro que o resultado entregue não teve o desfecho desejado, pode-se sugerir que todo o levantamento feito com intuito de estar na obra não foi jogado fora, muitas pesquisas, trabalhos, livros e artigos futuros podem ter usado essas fontes para realização desses estudos.

Mesmo tendo as pessoas que duvidassem do projeto e de sua conclusão, a maior parte dos envolvidos, principalmente no CEC, mostrou um grande apoio desde o seu início. Um desses grandes entusiastas foi o jornalista Zedar Perfeito da Silva, que sempre fez questão de estar próximo e de participar de todas as oportunidades que o Almirante Carneiro proporcionou durante seu tempo no estado.

Em uma matéria publica pelo jornal “O Estado” de 24 de março de 1956, Perfeito conta sobre sua viagem ao Rio de Janeiro onde teve um encontro com o Almirante Carneiro e teve acesso as fontes levantadas até aquele momento e divulgou algumas ideias e sobre o andamento da obra. Sobre esse encontro, diz tê-lo encontrado a “datilografar a parte bibliográfica” da ESC. (p.06)

Confesso que fui surpreendido pelos inúmeros documentos que me foram mostrados e pelo andamento que soube o nosso amigo dá à valiosa obra cultural. / Para conhecimento dos interessados, passo a divulgar as notas por mim coligadas sobre a Enciclopédia de Santa Catarina. (O ESTADO, 24.03.1956, p.06)

Perfeito inicia sua matéria mostrando que o Almirante Carneiro não tinha esquecido dos compromissos firmados, e também como uma maneira de “alfinetar” os “interessados” que provavelmente estavam descrentes com o andamento da obra. Divulgou o modelo que a ESC estava sendo projetada:



Os diversos volumes da Enciclopédia obedecerão ao formato do notável livro do Embaixador José Carlos de Macedo Soares, FONTES DA HISTÓRIA DA IGREJA CATÓLICA NO BRASIL, encadernado. O tipo de letra será o do livro de Françoise Mauriac, O PENSAMENTO VIVO DE PASCAL, editado pela Livraria Martins, de Santa Paulo. Cada volume terá uma média de 700 páginas, sendo 600 de texto e 100 de gravuras e outras ilustrações. (O ESTADO, 24.03.1956, p.06)

Os livros escolhidos para servir de modelo para ESC eram recém-publicados, a obra de Soares teve seu lançamento em 1954<sup>38</sup> e Mauriac em 1953<sup>39</sup>, podendo sugerir que estes eram as tendências na época, sendo assim, a ESC tinha que seguir os moldes editoriais do período. Sobre a quantidade de páginas, Perfeito sugere que seriam uma média de 700 páginas por volume, mas no trabalho finalizado o maior número é de 528 páginas. (INDICE ENCICLOPÉDIA DE SANTA CATARINA, s/data)

Segundo Perfeito, as bibliografias eram necessárias para a elaboração da obra:

Sendo impossível levar avante obra da magnitude de Enciclopédia sem bibliografia adequada, a sua Direção desde logo teve que lançar mão da datilógrafos para copiarem as obras impossíveis de obter em livrarias e “sebos”. Primeiramente, pelo Almirante Carlos da Silveira Carneiro foram visitadas todas as livrarias de Florianópolis, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre para aquisição de livros relativos ao Estado. No momento, acham-se catalogadas na bibliografia da Enciclopédia 1.334 obras diversas. Deve-se ressaltar que além de revistas, como a dos Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 229 volumes, e muitas outras obras de mais de um volume, figuram como simples unidade no catálogo. (O ESTADO, 24.03.1956, p.06)

Pode-se dizer que não há dúvidas sobre a grandiosidade dos levantamentos bibliográficos feitos para a elaboração da enciclopédia, e que o Almirante Carneiro não economizou esforços, tempo e dinheiro para a sua produção. Uma dessas obras que fez parte dessa busca por livrarias e sebos é o “Dicionário Topográfico, Histórico e Estatístico da Província de Santa Catarina” do Arcipreste Paiva (Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva). Esta obra está completa no volume 12 da ESC, contendo 246 páginas da edição de 1868<sup>40</sup>. (INDICE ENCICLOPÉDIA DE SANTA CATARINA, s/data)

Perfeito também destaca sobre as correspondências que o Almirante Carneiro trocava com “especialistas e historiadores famosos do país e do estrangeiro” e que estavam “colaborando entusiasticamente para a maior prestígio da Enciclopédia de Santa Catarina”.

<sup>38</sup> Sobre a referência da obra. Cf. (CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, s/d)

<sup>39</sup> Sobre a referência da obra. Cf. (BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA BU/UFSC, s/d)

<sup>40</sup> O IHGSC publicou uma nova edição da obra em 2003.

Essa informação pode sugerir que o Almirante Carneiro utilizou toda rede de sociabilidade que possuía e construiu ao longo dos anos em favorecimento da ESC. A matéria é finalizada na mesma direção que a de “Egas Godinho”, com elogios e algumas “alfinetadas” nos catarinenses:

Indubitavelmente, o Almirante Carlos da Silveira Carneiro está de parabéns pelo seu corajoso empreendimento já às vésperas de ser concretizado. Julgo, catarinenses, de nosso dever prestigiar ao máximo o magnífico trabalho cultural encetado com tanta luta pelo dedicado amigo de Santa Catarina, Almirante Carlos da Silveira Carneiro, na certeza de que a Enciclopédia em franco andamento haverá de projetar o nosso Estado e a nossa gente muito além das fronteiras do país. (O ESTADO, 24.03.1956, p.06)

E o Almirante Carneiro foi lembrado de uma maneira carinhosa e quase heroica por mais alguns anos, um exemplo interessante de como era representado nos jornais de SC, foi em uma crônica de Osmar Silva publicada em 27 de março de 1960, onde conta história de como foi apresentado ao Almirante Carneiro. A crônica parece ter sido escrita por um grande fã e que era uma grande honra conhecê-lo. Ao final foi descrito da seguinte maneira:

O Almirante Carlos da Silveira Carneiro, é o Gigante da Enciclopédia!... Não é o satélite perseguindo um sonho! É o próprio sonho que se cristaliza aos poucos, que ganha forma e consistência para ser um dia – só Deus sabe quando – uma vigorosa e esplendida realidade! E isso, até agora, sem o amparo oficial, sem um centavo sequer dos dinheiros públicos e se no alardo que seria natural empreendimento de tamanha envergadura! É o trabalho silencioso, mas edificante, de um homem que não é catarinense e que realiza, às suas expensas, uma obra que não será somente dos catarinenses. A Enciclopédia de Santa Catarina terá projeção universal! Percorrerá o mundo como obra imortal, como realização pioneira na concepção e na forma!... Creio na Enciclopédia, como fé no puro idealismo do Almirante!... m dia ela virá a lume, mas antes, um catarinense deve escrever o seu último capítulo. Por tantas vidas de catarinenses ilustres uns esquecidos outros que irão ressurgir em suas páginas, que se dedique o último capítulo a vida daquele que o concebeu e a realizou, fazendo jus, pelo seu nobre devotamento, ao orgulho e à gratidão dos filhos desta santa Terra brasileira. E que esse último capítulo, tenha o seguinte título: “Almirante Carlos da Silveira Carneiro – O GIGANTE DA ENCICLOPÉDIA. (O ESTADO, 27.03.1960, p. 10)

A Enciclopédia de Santa Catarina pode não ter sido finalizada da maneira tão sonhada pelo Almirante Carneiro, mas o que posso sugerir é que sua estadia no 5º Distrito Naval de Florianópolis pode ter “acendido” um orgulho de ser “catarinense” nos intelectuais que aqui viviam. O CEC é um exemplo de como o estado conseguiu organizar um evento tão grande e receber tantas personalidades importantes do país.

Com a ESC foram feitos levantamentos de muitos documentos, fotos e obras que talvez nunca iriam chegar até os nossos/as pesquisadores/as. Com esta obra, conseguiram mobilizar pessoas de cada região do Estado, fazendo que uma boa parte da história local fosse ouvida. Infelizmente a ESC não foi distribuída para todas as bibliotecas, onde todos/as interessados/as poderiam ter acesso àquelas informações, mas pode ser sugerido que outras pesquisas e obras foram elaboradas com a ajuda dessas fontes.

## CONCLUSÃO

Durante a escrita desta dissertação, por muitas vezes tive dúvidas e inquietações sobre as direções que estava tomando ao contar a história do Almirante Carneiro. Seria essa uma biografia? Essas incertezas por muitas vezes estavam associadas a aquela ideia de que a biografia precisa contar toda a vida do biografado, nos mínimos detalhes, mostrando sua vida, família, perfeições e imperfeições. Percebi que não estava nem perto de assim fazer, e devo confessar que também não era este meu interesse, não ansiava saber com quem o Almirante teve encontros, onde passou suas férias na infância e de que maneira era como pai e esposo. Meu intuito era entender suas sociabilidades, relações políticas, projetos intelectuais e tudo que pudesse me fazer compreender como chegou no projeto da Enciclopédia de Santa Catarina, que esse sim, era meu objetivo.

Em uma entrevista de Benito Schmidt consegui de alguma maneira responder e silenciar algumas inquietações. Como no caso desta citação:

muitas pessoas dizendo que não é bem uma biografia, ou não é uma biografia “mesmo”, é uma “trajetória”. Enfim, usam outros termos que para mim são um pouco de eufemismo, ou de proteção contra essa ideia de uma biografia tradicional, ou contra outros tipos de escritas biográficas que continuam circulando. Eu nunca entendo bem o que isso quer dizer. Eu acho que a questão da “trajetória” talvez remeta um pouco a uma biografia mais sociológica, de enfoque bourdiano. Outros me dizem: “Não, é que eu não vou analisar a vida toda.” Então, por isso não seria uma biografia. Mas eu não sei se uma biografia necessariamente tem que ser do nascimento até a morte. (SCHMIDT, 2016, p.17-18)

Com Schmidt consegui com mais clareza entender que não existe apenas uma maneira de fazer uma biografia, e que eu poderia sim escolher quais temas da vida do Almirante Carneiro que seriam mais interessantes e importantes para chegar no meu objetivo. Os capítulos foram pensados para quem fosse ler está dissertação pudesse compreender como a enciclopédia parou nas mãos do Almirante Carneiro. Sirinelli destaca a importância da leitura da obra do intelectual – que seria a Enciclopédia de Santa Catarina – mas também compreender as suas sociabilidades (1996).

O primeiro capítulo que foi intitulado “*A Carlos Carneiro, orgulho de seus pais, vaidade de seus amigos*”, o título faz referência a uma frase feita por seus alunos e lembrada no dia da homenagem do seu centenário. Durante minha pesquisa pude perceber que o Almirante Carneiro foi uma pessoa “exemplar”, bom aluno, filho, esposo, profissional e

intelectuais, ou seja, em todos os espaços da qual estava envolvido não era esperado menos que a perfeição.

Meu objeto foi compreender a circulação do Almirante Carneiro durante sua juventude e vida adulta, entendê-lo como alguém que veio de um espaço privilegiado que fez com que fosse possível circular por diversos campos. No entanto, para que esses espaços fossem ampliados era necessário que tivesse um crescimento profissional e intelectual, a partir disso foi aumentando seu prestígio perante a sociedade e os pares.

O Almirante Carneiro foi o melhor aluno de uma escola de elite, o primeiro a entrar em um concurso para a Escola Naval, formando-se com distinção em todas as etapas. Entrou para o Instituto Histórico e Geográfico ainda muito jovem, casou e formou uma família, e chegou ao mais alto nível na Marinha Brasileira. O primeiro capítulo mostra como foi necessário compreender todos esses processos da vida do Almirante Carneiro como únicos, mas que também estão interligados.

Enquanto morava no Rio de Janeiro, o Almirante Carneiro precisou dividir seu tempo em vários ambientes ao longo da vida, como professor, servindo à Marinha Brasileira, fazendo partes dos projetos do IHGB. E mesmo com tantas tarefas, ao longo dos anos foi possível perceber um crescimento de informação sobre o Almirante Carneiro nas páginas dos jornais, que segundo Tania Regina de Luca, ao utilizar a notícia como fontes, é necessário compreender as motivações que levaram para este crescimento (2008, p.140). Essa articulação foi compreendida como resultado de um engrandecimento profissional e pessoal do Almirante Carneiro, assim, ganhando maior visibilidade nos jornais.

É importante entender o Almirante Carneiro como detentor de capitais, com uma boa circulação entre os campos e uma pessoa de grande prestígio, e foi com esta imagem que chegou em Santa Catarina na primeira metade dos anos 1950. A partir dos jornais locais foi possível compreender sua circulação pela cidade, funções como Comandante do 5º Distrito Naval, papéis sociais que precisava comprimir – como ir em eventos e celebrações -, diálogos que manteve e pessoas com quem teve contato.

A relação com a imprensa era de respeito mútuo, as matérias sobre o Almirante Carneiro sempre eram respeitadas e com bastante admiração e em retorno recebiam elogios, lembranças pelo dia da imprensa e algumas visitas a redação. Esse bom diálogo foi observado com os setores intelectuais, empresariais e políticos de Santa Catarina. Toda essa rede de socialidades e a boa imagem e confiança que já tinha e que também foi construindo durante o tempo, fez com que fosse possível idealizar um evento tão importante como o Curso de Expansão Cultural.

Pode-se sugerir que este curso movimentou consideravelmente a área intelectual em Florianópolis, onde foi possível perceber um interesse e participação local para que o evento fosse bem-sucedido. A aceitação para fazer uma conferência de personalidades nacionais com o Gustavo Barroso, naquele período só seria possível de ser realizado por causa dos fatores como o Almirante Carneiro, elites locais e políticos estarem em sintonia para que o evento fosse concretizado.

O curso foi tão bem-visto e valorizado pela sociedade catarinense que no ano seguinte, em 1953, o segundo ciclo já estava sendo elaborado. O terceiro capítulo de título *O gigante da Enciclopédia*, inicia com a produção do evento, que parecia estar mais organizado que o primeiro e tendo menos imprevistos. A segunda edição foi pensada e organizada já tendo um objetivo, que seria a Enciclopédia de Santa Catarina.

No que tange a questão organização de conferência, locais e método, pouco difere da primeira edição. Houve conferencista locais e de fora do Estado, o local do evento continuou o mesmo (Clube Doze de Agosto), os visitantes eram recebidos com todas as solenidades, seja por parte do governador, elites locais e empresariais. Um grande diferencial do segundo ciclo foi que desta vez houve um incentivo financeiro visível do órgão público, para auxiliar principalmente nas passagens áreas.

O evento dividiu espaço nas matérias dos jornais com a divulgação da enciclopédia, onde a organização mostrava interesse em saber a opinião dos/as participantes sobre a proposta. Com a finalização do segundo ciclo, o debate e sobre a obra logo iniciou, com as propostas, membros e comissões que ficariam responsáveis por cada tema dos capítulos e edições. Desde o início a enciclopédia foi idealizada para ser sobre o Estado de Santa Catarina, onde os temas de história, geografias, etc. seriam abordados.

A Enciclopédia de Santa Catarina teve um grande investimento do dinheiro público do Estado de Santa Catarina. Foram necessários um grande levantamento de fontes locais, nos estados vizinhos e no exterior, onde todo esse material foi alocado em uma casa que tinha servidores estaduais responsáveis por sua organização e membros da sociedade trabalhando de maneira gratuita. Pode-se sugerir que a obra em um primeiro momento teve todo o aparato necessário para a sua produção, mas que ao longo do tempo sofreram imprevistos – como questões de importância nacional do qual o Almirante Carneiro estava envolvido – e ao longo dos anos foi sendo deixada de lado e até mesmo desmerecida.

A Enciclopédia de Santa Catarina não foi finalizada corretamente e nem teve a circulação que seus envolvidos ansiavam. Um dos seus pontos positivos foi o grande levantamento de materiais e fontes sobre as regiões de Santa Catarina, especialização dos

profissionais, bem como o envolvimento dos colaboradores em projeto intelectual local. A obra pode ser vista como desorganizada e até mesmo antiquada para a atualidade, mas não deixa de ser uma fonte riquíssima de informação sobre o estado, a sociedade e a história intelectual local. Temas mais específicos sobre o material serão elaboradas em uma pesquisa posterior.

## REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, s/data. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academia/quem-somos>>. Acesso em 12 de fev. 2022.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Mucio Leão. 2016. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/mucio-leao/biografia>>. Acesso em 10 de jan. 2023.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Afonso Celso. s/data. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/afonso-celso/biografia>>. Acesso em 12 de fev. 2023.

ALMANAK LARMMERT. *Papel e livros em branco*. p. 1007, 1895.

ARAUJO, Rejane; Silva, Fabricio Pereira da. AMIN, Esperidião. Verbetes, FGV/CPDOC, s/data. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/amin-esperidiao>>. Acesso em 10 de jan. 2023.

ARCHIVO GENERAL DE INDIAS. Ministério de Cultura y Deporte. Gobierno de España. Disponível em: <<https://www.culturaydeporte.gob.es/cultura/areas/archivos/mc/archivos/agi/portada.html>>. Acesso em 15 jan.2023.

ARMADA. Museu Naval. Ministério da Defesa, Gobierno da España. Disponível em: <<https://armada.defensa.gob.es/ArmadaPortal/page/Portal/ArmadaEspañola/cienciaorgano/prefLang-es/01cienciamuseo>>. Acesso em: 01 de jan. 2023.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.p.52

ÁVILA, E. B.; SOARES, R. M. NEVES, B. M. *O surgimento da educação física no meio militar: um estudo comparativo entre a Marinha e o Exército Brasileiro*. Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil, Rio de Janeiro, v.12, n. 23, p. 102-107, 2016. Disponível em: <<https://www.portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/navigator/article/view/592/584>>. Acesso em 20 ago. 2019.

BARROS, Karin. *Biblioteca da UFSC abre sala especial para pesquisa de seu acervo raro*. Notícias do Dia. 17/05/2015. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/plural/biblioteca-da-ufsc-abre-sala-especial-para-pesquisa-de-seu-acervo-raro>>. Acesso em 4 out. 2018.

BLPL. Othon Gama d'Eça. s/data. Disponível em: <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=757>>. Acesso em 11 jan. 2023.

BOURDIEU, Pierre. O capital social - notas provisórias. In. NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). *Pierre Bourdieu: Escritos de educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p.73-78.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre, RS. 2017



BRASIL. *Anuário Estatístico do Brasil*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1951. Ano XI-1950.

BRASIL. Decreto nº 6.345. Dá novo regulamento à Escola Naval. De 31 de janeiro de 1907. Diário Oficial da União. Disponível em: < <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-6345-31-janeiro-1907-517159-republicacao-104777-pe.html>>. Acesso em: 22 de dez. 2022.

BRASIL. Decreto nº 15.961. Approva e manda executar o regulamento disciplinas da Armada. De 16 de fevereiro de 1923. Disponível em: < <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-15961-16-fevereiro-1923-498617-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 10 de dez. 2022.

BRASIL. *VI Recenseamento Geral do Brasil*. Censo Demográfico (1º de julho de 1950). Estado de Santa Catarina. Seleção dos principais dados. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1952.

BIBLIOTECA DA AJUDA. Palácio Nacional da Ajuda. Governo de Portugal. Disponível em: <<https://bibliotecaajuda.bnportugal.gov.pt/>>. Acesso em 10 de jan. 2023.

BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA, ÉVORA, PORTUGAL. Disponível em: <<https://www.bpe.bnportugal.gov.pt/>>. Acesso em 01 de jan.2023.

BURKE, Peter. *O polímata: uma história cultural de Leonardo da Vinci a Susan Sontag*. São Paulo: Editora UNESP, 2020.

CENTRO JOSUÉ DE CASTRO. Biografia. s/data. Disponível em: < <http://www.josuedecastro.org.br/jc/jc.html>>. Acesso em 21 de jan. 2022.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002.

COLEÇÃO WALTER PIAZZA. Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas. UDESC. Disponível em: <<https://www.udesc.br/faed/idch/cole%C3%A7%C3%B5es/piazza>>. Acesso em 2 fev. 2022.

CPDOC. Henrique Fleiuss. s/data. Disponível em: < <https://jk.cpdoc.fgv.br/biografia/henrique-fleiuss>>. Acesso em 22 jan. 2023.

CORRÊA, Carlos Humberto P. *Diálogo com clio: Ensaio de história política e cultural*. Florianópolis: Insular, 2003.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro (Hemeroteca Digital BNDigital).

CORREIO DO POVO. Jaraguá do Sul SC (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina).

CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA. Origem e História. UFSC. s/data. Disponível em: <<https://geografia.ufsc.br/origem-e-historia/>>. Acesso em 20 de jan. 2023.

DANTAS, Carolina Vianna. *Careta*. Verbetes. FGV/CPDOC, s/data. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CARETA.pdf>>. Acesso em 10 de jan. 2023.

DELLOS. Manoelito de Ornellas. PUCRS. s/data. Disponível em: <<https://www.pucrs.br/dellos/acervos/escritores-e-jornalistas/manoelito-de-ornellas/>>. Acesso em: 09 de jan. 2023.

DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E DOCUMENTAÇÃO DA MARINHA. Caravelas. Marinha do Brasil s/data. <<https://www.marinha.mil.br/dphdm/sites/www.marinha.mil.br/dphdm/files/CaravelasPatachoBarcaFarol1885s.pdf>>. Acesso em 20 de nov. 2022.

DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E DOCUMENTAÇÃO DA MARINHA. Almirante Tamandaré. Marinha do Brasil. s/data. Disponível em: <<https://www.marinha.mil.br/dphdm/historia/almirante-tamandare>> Acesso em 12 de jan. 2023.

EEAR. Histórico. Força Aérea Brasileira. s/data. Disponível em: <<https://www2.fab.mil.br/ear/index.php/historico-da-ear>>. Acesso em 05 de jan. 2023.

FAMILIA PAULA FREITAS. *Origens e legados*. s/data. Disponível em: <<http://familiapaulafreitas.blogspot.com/>>. Acesso em 10 de nov. 2022.

FGV/CPDOC. Raul Jobim Bittencourt. s/data. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-biografico/raul-jobim-bittencourt>>. Acesso em 22 jan. 2023.

FLEIUSS, Max. *Bio-Bibliografia dos Sócios*: Carlos da Silveira Carneiro. Revista IHGB. v. 255, p. 423-435, 1962.

FRANCO, Celso de Mello. *Vida e obra do Almirante Carlos da Silveira Carneiro*. Revista da Marinha Brasileira. 1º trimestre, p. 141 – 153, 1994.

GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro (Hemeroteca Digital BNDigital).

GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.6, n.11, 1993

GUIA DA FORTALEZA DE SANTA CRUZ EM ANHATOMIRIM. Coordenadoria das Fortalezas da Ilha de Santa Catarina. UFSC. S/data. Disponível em: <<https://fortalezas.ufsc.br/fortalezasanhatomirim/guia-fortaleza-de-anhatomirim/>>. Acesso em 2 fev. 2022.

GUIDI, Eduardo Zons. *Victor Antônio Peluso Júnior: pioneiro da geografia catarinense*. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/94576/283098.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 15 fev. 2022.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: ed. da Universidade de São Paulo, 1985. p.440.

IMPERIAL HOSPITAL DA CARIDADE. A Irmandade. Florianópolis, SC. s/data. Disponível em <<https://www.hospitaldecaridade.com.br/a-irmandade/>>. Acesso em 10 de set. 2022.

JORNAL DO BRASIL, Rio de Janeiro (Hemeroteca Digital BNDigital).

LEAL, Carlos Eduardo. *Correio da Manhã*. Verbete. FGV/CPDOC, s/data. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-da-manha>>. Acesso em: 01 jan. 2023.

LUCA, Tania Regina de. “*História dos, nos e por meio dos periódicos*”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 111-153

LUCAS GARCEZ. *Explore o acervo da Memória da Eletricidade*. Memória da Eletricidade. s/data. Disponível em: <<https://memoriadaeletricidade.com.br/acervo/31644/lucas-garcez>>. Acesso em 08 fev. 2022.

MALERBA, Jurandir. *A história na América Latina: ensaio de crítica historiográfica*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. Coleção FGV de Bolso. Série Histórica.

MARINHA DO BRASIL. Histórico. Comando do 5º Distrito Naval. Disponível em: <<https://www.marinha.mil.br/com5dn/historico>>. Acesso em 2 fev. 2022.

MATOS, Felipe. *Armazém da Província: Vida Literária e Sociabilidades Intelectuais em Florianópolis na Primeira República*. Tese (Doutorado em História). PPGH UFSC, Florianópolis, 2014.

MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA, s/data. Disponível em: <<https://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/>>. Acesso em 05 fev. 2022.

MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA. *Biografia Jorge Lacerda*. 2022. Disponível em: <[https://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/1244-Jorge\\_Lacerda](https://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/1244-Jorge_Lacerda)>. Acesso em: 20 de março de 2023.

MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA. *Biografia João Nepomuceno Manfredo Leite*. 2022. Disponível em: <[https://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/471-Joao\\_Nepomuceno\\_Manfredo\\_Leite](https://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/471-Joao_Nepomuceno_Manfredo_Leite)>. Acesso em: 22 de março de 2023

NETO, Bento Munhoz da Rocha, Verbete FGV CPDOC. s/data. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/bento-munhoz-da-rocha-neto>>. Acesso em 15 fev. 2022.

ORDOVÁS, Gleide Bitencourt José. *Preservação do acervo de obras raras da Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em Gestão de Unidades de Informação). Programa de Gestão de Unidades de Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

O ESTADO, Florianópolis (Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina)

PAIVA, Joaquim Gomes de Oliveira e. *Dicionário topográfico, histórico e estatístico da província de Santa Catarina*. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. 2003

PECAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990. 335 p. (Série Temas; Sociologia e política 16)

PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1994.

PIAZZA, Walter F. O Doze e a vida cultural de Florianópolis. In. MELO, Osvaldo Ferreira de. (Coord.). *História Sócio-Cultural de Florianópolis*. Florianópolis: Clube Doze de Agosto; I.H.G.S.C.; Lunardelli, 1991. p.199-204.

PIAZZA, Walter F. A pesquisa histórica em Santa Catarina. *Revista de Ciências Humanas – UFSC*. V.1, n.1, Florianópolis, 1982. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/23718/21296>>. Acesso em 02 fev. 2022.

PINHEIRO, Luciana. ALEXANDRINO, Alexandre de. Verbetes. FGV/CPDOC. s/data. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ALENCAR,%20Alexandrino%20Faria%20de.pdf>>. Acesso em 10 de jan. 2023.

PINTO, Rui Cavallin. *Nelson Hungria, um argumento imbatível*. Memorial. Ministério Público do Paraná, 2012. <<https://memorial.mppr.mp.br/pagina-31.html>>. Acesso em 15 fev. 2022.

PONTES, Gustavo Tiengo. *A Capital Catarinense em Revista: A Cidade e os seus Intelectuais (Florianópolis, 1930-1945)*. Tese (Doutorado em História). PPGH-UFSC, Florianópolis, 2021.

PRIORE, M. L. M.. *Caçadores de almas: biógrafos, biografias e história*. Revista Brasileira, Rio de Janeiro, 2009, p. 43 – 60

REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL. Enciclopédia de Santa Catarina. BU, UFSC. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/103954>>. Acesso em 10 de fev. 2023.

SANTA CATARINA. Lei nº2.943, de 06 de dezembro de 1961. *Reconhece de utilidade pública a Enciclopédia de Santa Catarina e dá outras providências*. Secretaria do Estado dos negócios do interior e Justiça. Governador do Estado Celso Ramos. Disponível em: <[http://leis.alesc.sc.gov.br/html/1961/2943\\_1961\\_Lei.html](http://leis.alesc.sc.gov.br/html/1961/2943_1961_Lei.html)>. Acesso em 01 out. 2018. Esta lei foi revogada em 2015.

SAINT-MARTIN, Monique de. Capital social. In. CATANI, Afrânio Mendes et. al. (Orgs.). *Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p.113-117.

SCHMIDT, Benito Bisso. *O gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: trajetória, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação*. *Anos 90*, Porto Alegre, 6 dez. 1996. p. 165-192.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In. \_\_\_\_\_ . (org.). *História da vida privada no Brasil*. Cia das Letras, 1998. Volume 3.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In. RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p.231-271.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

THIAGO, Arnaldo S. *História da Literatura Catarinense*. Rio de Janeiro: S/n. 1957.

ZANELATTO, João Henrique. *Região, etnicidade e política*. O Integralismo e as lutas pelo poder político no Sul Catarinense na década de 1930. Tese (Doutorado em História). PUC RS, Porto Alegre, 2007.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história*. A biografia como problema histórico no Brasil oitocentista. Tese (Doutorado em História). UFRJ, Rio de Janeiro, 2009

MONTAGNER, Miguel Ângelo. *Trajetórias e Biografias: notas para uma análise Bourdeusiana*. Sociologias (UFRGS), v. 17, p. 240-265, 2007)

TAVARES, Mariana Rodrigues. *Um Brasil inapreensível: história dos projetos da Enciclopédia Brasileira do Instituto Nacional do Livro*. Dissertação (mestrado em História). UFF, Rio de Janeiro, 2006.

UFBA. Fundamentos de Aerofotogrametria. Escola Politécnica, 2005. Disponível em <<http://www.topografia.ufba.br/nocoes%20de%20aerofotogrametriapdf.pdf>>. Acesso em 20 de jan. 2023.

VARANDA, Pedro. Histórico do Hoddock Lobo (RJ) – (Clube Extinto). Campões do Futebol. 2021. Disponível em: <[https://www.campeoesdofutebol.com.br/haddock\\_lobo\\_rj.html](https://www.campeoesdofutebol.com.br/haddock_lobo_rj.html)>. Acesso em 10 de out. 2022.